

Vidreiros ocupam bancos

GOVERNO LIQUIDA A PETROQUIMICA

**Sines e Marinha Grande: 4 mil
postos de trabalho ameaçados**

A Petroquímica de Sines, aliviar o erário público de responsabilidade sobre alguns milhões de contos anuais, mas que implica, directamente, lançar quatro mil trabalhadores no desemprego, 2500 da cristalaria e 1500 da Companhia Nacional de Petroquímica. Já há reacções a estas medidas: esta manhã os vidreiros ocuparam as quatro dependências bancárias da Marinha Grande.

Págs. 13 e 15

MANUEL ALEGRE



**Congresso mudará
Partido Socialista**

Págs. 4, 5, 6 e 7



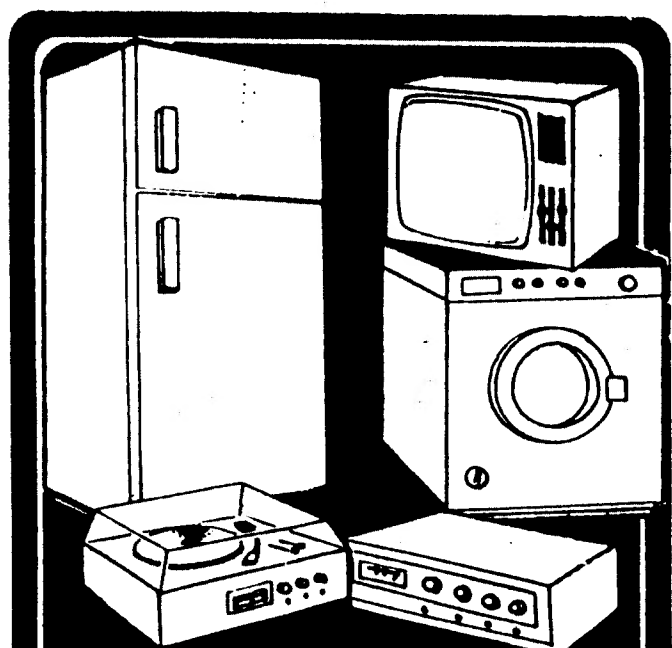
**Abecasis:
a tomada
da EPUL
com mais
promessas**

Pág. 11

Laura Alves: a segunda morte do Monumental

Foi este o primeiro rosto que estive na fachada do Teatro Monumental. Vasco Morgado apresentava Laura Alves em «As três valsas». Trinta anos depois, o Saldanha já não tem teatro nem menina bonita.

Pág. 20



NOVOLAR

TUDO PARA O LAR

R. Ferreira Borges, 139-143
 R. Correia Teles, 1-3
 Campo d'Ourique

68 79 28
 68 68 16
 LISBOA



Juntaram-se 800 pessoas em Sines para ouvirem poetas populares

Antonio Modesto Navarro

Os festejos do 25 de Abril e do 1.º de Maio, neste Ano Internacional da Paz, começaram no concelho de Sines em 29 de Março, para durarem até ao 11 de Maio. Provas desportivas, jogos populares, teatro, música, canto coral, folclore, largadas de pombos, exposições, bailes, colóquios, recitais de poesia, uma sessão com um militar representante da Associação 25 de Abril e a realização do 2.º Encontro de Poetas Populares do concelho foram já pontos altos de mais de um mês de iniciativas que envolveram as populações locais.

Tudo isto, comparado com o que a actual vereação «em exercício» da Câmara Municipal de Lisboa, por exemplo, não promoveu, apesar de ter acontecido nesta cidade grande parte do essencial do 25 de Abril, pode parecer muito. Porém, quem assistiu ao 2.º Encontro de Poetas Populares, em Sines, pôde verificar que a população estava disposta a viver Abril em Maio e a continuar a defender a sua identidade e cultura em liberdade.

Oitocentas pessoas estiveram no Salão do Povo, nessa noite, com entradas pagas e mesas bem rodeadas, onde havia vinho, pão, azeitonas, queijo, doces e tudo quanto era para comer e oferecer, ouvindo poetas populares como Joaquim da Costa, Casimiro Mateus, Joaquim Augusto, Joaquim Luís, Lourenço da Cruz, Manuel Domingos Mateus, Túlio da Silva, Custódio Luís Manuel, Francisco José, Emília Dias, José Vilhena, Rosália do Ó, Virgílio Silvestre e Antónia Romão.

Recuperar a identidade

Num concelho que sofreu nas últimas décadas os efeitos de

transformações violentas, algumas das quais profundamente erradas, veiculadas por essa eminência cinzenta que pôs e dispôs como lhe apeteceu chamada Gabinete da Área de Sines, as populações voltam novamente ao de cima, retomam os seus destinos e, com as entidades legítimas, representativas da vontade popular, recuperam as suas raízes e afirmam-se num quotidiano que tem, apesar de tudo, boas perspectivas de futuro.

Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, Coordenadora Concelhia da Direcção-Geral de Educação de Adultos, colectividades, clubes e grupos locais, são estruturas decisivas nesta reavaliação dos valores socioculturais, numa acção que tende a valorizar o trabalho, o lazer e a vontade de melhorar a vida das populações, com a activa participação destas.

Tivemos ocasião de assistir a uma sessão com um militar de Abril, onde jovens e menos jovens puseram questões sérias e ouviram respostas francas, de alguém que participou na revolução e continua vivo e atento. Depois, os jovens do Teatro do Mar deram um recital de poesia da primeira fase do neorealismo, conjugando a leitura de elementos históricos com textos que denunciavam a pobreza e a destruição que emergiam do tempo salazarista, bem como o ascenso do fascismo e da guerra, defendendo ao mesmo tempo a felicidade e a paz.

Juventude assim ainda é raro encontrar, mesmo depois de Abril. Em Sines, há malta nova que se organiza e sabe organizar espectáculos ao vivo, onde o sobressalto benéfico que sentimos se fundamenta no reencontro das raízes de um povo que se liberta e caminha em frente, apesar de todos os entraves e da



destruição sistematicamente organizada pelos Governos de Lisboa e seus representantes.

No 2.º Encontro de Poetas Populares, perante aquelas centenas de pessoas do concelho que tinham pago entradas para ouvirem poesia popular, tirámos a prova real de que algo de muito significativo se passa no concelho de Sines. Novamente os jovens do Teatro do Mar organizaram um espectáculo em que se conjugaram as décimas dos poetas, nas canções do Grupo de Música Popular «Aliémar», a leitura de textos e as intervenções dos Grupos Corais dos Amigos da Boa-Vontade de Sines e de Rio de Moínhos.

Um passado destruidor

Foi bom sentir aquele pulsar de jovens, crianças e adultos, atentos a uma poesia que fala do trabalho, do amor e da vontade de progresso e de paz. De Porto Covo para a Courela do Brejo, do Monte do Salgadinho para a Soalheira, de Vale Claro para

Santo André, da Ribeira da Azenha para a Soneta e da Cabeça de Cabra para Sines, o nosso pensamento seguiu livremente as décimas que eram ditas pelos poetas, sem nos sentirmos pressionados nem gostarmos só por gostar, por imposição de modas banais e esvaçadas.

«Ninguém é tão parvo que não possa ensinar, e ninguém é tão sábio que não possa aprender», era a divisa do encontro. E, com os poetas, viajámos de novo pela costa e pelo concelho, acompanhados por um mestre do ensino e da pesca que agora é deputado por Setúbal à Assembleia da República, um homem que conhece o mar e a terra e nos ensinou as praias e os lugares, de São Torpes a Porto Covo, que nos explicou o que se passa com o terminal carvoeiro em construção, o terminal petrolífero (com aquele molhe danificado a representar bem a falta de perspectivas do GAS) e o que resta do navio «Infante D. enrique». Ficámos sobretudo sidos

perante esta prova acabada de empreendimentos para deitar centenas de milhares de contos pela borda fora, em que eram exímios espécimes do fascismo e gente que ainda ocupa lugares de onde há muito devia ter sido arreada.

Meste Carlos Manafá, hoje deputado por vontade popular, um amigo e companheiro atento desta jornada pelo concelho, colocou-nos de frente da velha carga ali metida e fez-nos recordar uma viagem para Moçambique, a caminho da guerra colonial, naquele barco que era na altura orgulho pacóvio do fascismo. Havia a orquestra, o jogo e a piscina, e havia os soldados que se misturavam com os civis, na tentativa de esquecerem o destino brutal que os esperava. Agora, o «Infante» ali está, como resultado de uma operação que terá custado à volta de 500 000 contos e que só serve para expressar condignamente a brutal ambição de alguns e o vazio de projectos megalómanos que nada tinham a ver com o meio.

Sentir o Alentejo

O gabinete tinha como objectivo «mudar» tudo e até acabar com o porto de pesca, em determinada altura da sua vida tortuosa. Hoje, o porto de pesca lá continua e as entidades representativas das populações conduzem a vida do concelho, com os seus habitantes, para novos portos onde o futuro há-de sorrir, como hoje já sorriem de novo, em Sines, as raízes, a identidade e a cultura de um povo sacrificado e violentado que se defendeu e defende porque acredita em si próprio e na vida que ambiciona.

O Alentejo da Reforma Agrária e da libertação respira nas ruas de Sines e chega ao mar, nas vozes dos trabalhadores do campo, dos pescadores e das mulheres que são poetas e amam a vida e o povo de onde vêm. A caminhada foi longa mas o Alentejo vive profundamente em Sines, para causar orgulho em quem é alentejano e para reforçar o amor à terra em quem não é alentejano, mas fica, emocionado, a ouvir um velho de oitenta e um anos, como Joaquim da Costa, falar do direito que um homem tem de fazer amor e construir um novo Mundo.

Visitar Sines é hoje uma alegria grande. Falar do que se passa no concelho é difícil; exige estudo atento das realidades complexas e contraditórias e dos problemas que ainda continuam a dificultar o quotidiano das populações. Aqui, neste texto, só quisemos dizer que Sines pertence de facto ao povo alentejano, que a praia é de novo um local de alegria e prazer e que no concelho há centenas e centenas de pessoas que se juntam e confraternizam, em todos os momentos capazes de significarem um passo em frente, na defesa da sua identidade, cultura e futuro.

Saudades de Halle

Rui Cacho

Reduzido Tempo e Espaço balizam as vidas de muitos de nós. Não estamos propriamente em celas, mas sentimos uma espécie de grades. Dispensamos tacitamente o que consideramos inacessível (e para tantos não é...) e distraímos-nos com o que nos coube em rateio: uns copos, a sueca, «A Bola». Nenhuma destas «ocupações» é nefasta em si mesma. «A Bola» é um jornal bem escrito, que melhora a linguagem de muitos, embora nos entaie culturalmente pois os seus temas não podem ir muito além das quatro linhas. É o desporto no papel — chega a ser romance do desporto — mas bastantes ficam por aí até desportivamente. A sueca é pausa — e bebe-se por todo o lado, ainda que em excesso. Se nos limitamos a isto — limite que é exagero — mais ao trabalho, à têvê, etc., distinguimo-nos mal das outras espécies menos contempladas...

Há quem se suponha distanciado desta rotina e mediocridade. Revêem-se nos seus gabinetes, nas lautas refeições, no carro de boa marca (algumas vezes à custa do Orçamento ou da Corrupção) e na quase vassalagem de alguns que os rodeiam — uns por «medo do Futuro», outros porque nunca conseguiram endireitar a espinha. Vassalagem em certos casos diferente doutros tempos mas que permanece em muitas almas. Os do gabinete, da requintada refeição e do bólide incluem-se nos triunfadores — mas bastantes deles passam pelos dias de forma pouco diferenciada dos seus compatriotas da sueca. Bebem melhor, chafurdam em comida e «gozam que se fartam», segundo segredam aos amigos. E é isso que fazem... Vivemos, também, um tanto à espera de qualquer coisa que digamos modifique as nossas vidas. E entretemos demasiado tempo nessa expectativa. Não sabemos bem o que esperamos, morremos sem o sabermos, mas persistimos nesse estado de espírito, esquecendo que pouco ou nada se atinge satisfatório sem determinação e discernimento. Somos habitantes perturbados

com a sorte dos outros e daí que os actos que praticamos que mais se aproximam da nossa atitude expectante — confiante sejam jogar na lotaria, no toto-loto, e noutros jogos espalhados pelo território. Outros atendem aos signos, acreditando na fortuna e no amor via satélite. Há, realmente, muita carência de afectividade e do mais... Outro naípe humano são os espertos, os gazadores indiscriminados, que passam por cima de toda a folha para satisfação dos seus apetites. Pululam... Somos, também, considerados gente parada, gente de encostar-se às esquinas em paleio interminável. Isto, apesar de bulirmos bem, tanto na estranha, como no universo lusitano. Esta aparente inércia resulta da má organização nacional, de poucos estímulos, de vencimentos de pacotilha além de outras causas. Alguns de nós apelidam outros de calões e golpistas, ou porque gostamos de embirrar (embirramos muito) ou porque trabalhamos sem horários, com altos honorários e muita opinião... Mas até quando nos comportamos como faltistas sentenciase muito apressadamente a nosso respeito. Considera-se pouco o trabalho menos visível e raras vezes é reconhecida a dedicação, o esforço, a qualidade. Mas o Homem todos os dias abre um pouco os olhos e, em certos momentos, veste o casaco ou despe o fato-macaco e manda o trabalho às urtigas por um ou mais dias, farto de não perceber para que bole. Não é a via indicada para obter-se outra paisagem profissional, mas ainda actuamos muito com a Emoção, talvez porque a Razão é pouco conceituada cá no burgo. Bastantes «funcionários superiores» ou «habilitados superiores» não necessitam de passar por golpistas: estão sempre presentes, mesmo ausentes. E acima de qualquer observação... Muitos jovens mais apetrechados devem encamar com estranheza bastante da nossa vivência. O necessário é que não se deixem contagiar por comportamentos de que não somos de todo responsáveis nem tomem ares impantes, desde-

nhando sem aprofundar das nossas dificuldades. Questão vasta... Um menino pára, olha os meus gatafunhos e deve pensar: «este sujeito escreve pior do que eu». O menino já vê as coisas pela aparência, talvez em casa lhe seja insuflado que o triunfo depende do vistoso, do bem feitinho, do ar superior... Um vizinho meu fala-me amiudadamente das novas técnicas da Comunicação e eu conto-lhe a história dos habitantes de várias aldeias do centro do País que desde há cinquenta anos recebem o correio diariamente e agora recebem-no de quinze em quinze dias. E acrescento: «Se um cidadão dessas terras recebe uma carta noticiando uma doença quando toma conhecimento da situação não sabe se já houve morte ou restabelecimento...» Há quem me diga: «Utilizas muito o eu nas tuas crónicas.» Respondo-lhe: «Facilita-me a conversa, mas não quer significar que sou o desempregado, o político, o aposentado, etc.» Não trago as minhas apoquentações para aqui, quando escrevo não faço uma petição. Não me confundas com as personagens que retrato e que infelizmente são bem reais. O que pode acontecer é apenas ser aparentado com algumas dessas personagens.

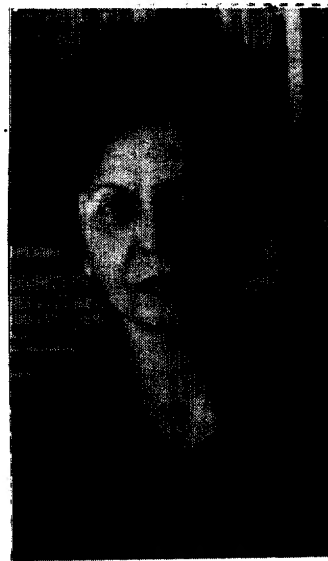
O jovem dramaturgo premiado afirma que as pessoas falam a língua portuguesa, mas não a conhecem, e que não aguentam a leitura de meia dúzia de frases do Padre António Vieira. É, pelo menos, em parte verdade. Muitos de nós já se preocupam um pouco mais com a saúde do corpo e por todo o lado se vê gente fazendo suas provas de manutenção, procurando melhores condições físicas para suportarem o desgaste diário. Era tempo de se generalizarem provas de fundo culturais, senão lá se vai por água abaixo a proposta latina para o Homem: «Mens sana in corpore sana.» Naturalmente que se o Estado não intervir, é difícil perceber Gil Vicente numa baraca desconjugada... Há dias, passaram por Lisboa mais de 100 mulheres do Alentejo distribuindo um folheto relatando as suas «relações». «No Concelho de Serpa está quase tudo

sem emprego», dizia uma. «No Cano trabalham três mulheres: uma na Casa do Povo, a segunda na Reforma Agrária e a terceira fora da zona», adiantava outra. «Jovens à procura do primeiro emprego nem um acha trabalho», ainda ouvi.

E continuaram a enumerar terras e sofrimento para quem parava a escutá-las. Segui meu caminho com a infeliz confirmação de que a milhares de compatriotas meus não são conferidos os direitos mínimos... Afirmar que a Esquerda e a Direita não se diferenciam é esvaziar a questão. As propostas não são as mesmas. O que sucede é que certas pessoas se apresentam como protagonistas duma nova continuidade e se comportam como continuadores da «velha sociedade». Também se dá o inverso: gente que se diz contra mudanças e se revela no trabalho e no modo de estar contrária ao que aparenta defender... É pelo menos estranhável que um Primeiro-Ministro português, olhando o muro de Berlim, se refira ao País do lado de lá como um deserto e um lugar sem Liberdade nem Democracia. É o único País que visitei que segue um regime socialista, e o que vi deu-me confiança para acreditar no futuro do Homem. E ninguém lá me impingiu qualquer sermão para que me espantasse. Espantei-me por conta própria.

Não me lembro de encontrar noutro lugar (e conheço alguns) tanta paz, tanta atenção com as crianças, tanta preocupação com o binómio trabalho e descanso, e tanto respeito pela mulher — particularmente nos seus momentos mais delicados como o da maternidade... Enfim, observei um dia-a-dia diferente, virado para o bem-estar das pessoas.

Halle foi a cidade onde passei maior parte do tempo e nela girei como quis, deparando com inúmeros exemplos que me fizeram notar a diferença entre essa comunidade e sociedade onde tudo se disputa: palmas de terra; postos de trabalho; espaços de repouso; camas de hospital; e por aí fora. Gostaria de conhecer a opinião do senhor Primeiro-Ministro depois duma visita à RDA. Suponho que seria diferente.



Maria Judite de Carvalho

A mancha verde

Embora não se pudesse ter a certeza a nível — quem é que olha ao nível dos pés das criaturas? — havia quem suspeitasse de que ela andava ou corria ou até (mais recentemente) estava parada uns milímetros acima dos outros, de que ela, enfim, possuía um chão diferente. Quem a olhava pela primeira vez, melhor, quem a olhava pela primeira vez num passado já um pouco distante, não teria ficado espantado por aí além, se ela, de súbito, levitasse ou até saísse, voando, por uma janela aberta. Claro que se pensasse no caso a frio, achá-lo-ia totalmente impossível, mas ao mesmo tempo aceitaria a coisa sem gritos de espanto ou sem perder a fala de estupefacção. Olharia simplesmente para o tecto ou correria à janela à espera de a ver dar uma volta ao largo — lá fora era um largo — e regressar.

Aquilo da levitação e do voo não tinha razão de ser, mesmo sonhados, mesmo admitidos sem sonho, porque ela já fizera cinquenta anos e nunca durante todo esse tempo esquecera a força da gravidade ou sentira crescer asas nas suas magras espáduas. Mas as pessoas sentiam-na leve, leve, e ela também, de resto, às vezes, sobretudo quando amara e fora amada e feliz. Dantes.

Mas eis que um dia, de súbito, parou. Sem transição, sem habituação portanto. Como se uma ficha invisível tivesse sido desligada de uma parede qualquer. E ela então parou e logo desceu um pouquinho, uns milímetros — um milímetro? —, ficou mais baixa, ao de leve, claro, mas mais baixa. Mas talvez isso não fosse importante e o problema fosse outro, o de ter ficado, de súbito, isso sim, presa ao solo como uma planta, como uma pessoa. Dependente.

O seu corpo estava parado junto a uma cómoda, hesitante e a reflectir.

Havia uma ideia que lhe ocorrera de súbito e não se ia emborra, como que à espera de um aval. E ela não sabia se podia dar-lho. De repente havia em si um grande mal-estar, causado talvez por hábitos de pensar que cessavam e teriam de ser substituídos por outros — mas haveria ocasião? Entre um tempo e outro deveria dar-se, era normal, um interregno. Era normal. Mas não, não houvera tal coisa.

E ela, de repente, estava ali, outra, noutro corpo, este pregado ao chão das outras pessoas, e a olhar para um móvel, no seu quarto, que nunca tinha tempo de ver, e que, de

súbito, lhe pareceu extremamente importante.

Houvera uma ideia. Pior, houvera uma ameaça. E traduziu-a em palavras que lhe diziam que o voo terminara há muito e que ela não se dera conta. Há muito. Recusara-se, no entanto, a regressar à terra e agora o tombo fora violento. E grande, poder ser grande um milímetro.

Olhou os pés um pouco inchados, que lhe doíam. Olhou-os com espanto e indignação. Tinham sido tão leves, tão vultuosos. E viu também — viu-o — aquele coração que se pusera a existir, um coração a que tantas vezes se referira mas sem acreditar na sua existência física, só para explicar o amor e o desamor, só para isso.

Estava velha ou doente ou ambas as coisas. Sem preparação. Estava também no extremo limite da sua beleza, embora tivesse sempre evitado pensar no caso. Fora senhora de um rosto magro, de cabelos cor de mel (recusava-se a saber o que havia agora sob essa cor tão lindamente conseguida) e de um corpo ágil. E de súbito, encostada àquela cómoda, sentiu-se velha e doente.

Sentiu-se acima de tudo muito cansada. Ignorava as coisas rasteiras, às vezes desoladoras, às vezes tranquilizantes. Andara de mais lá por cima e tão vultuosamente que as vira deformadas como num dos mapas de Piri Reis. Ou não as vira sequer. E agora doía-se. E aceitava recordar que o médico lhe dissera que devia ter cuidado com o seu coração, que andasse devagar, que não subisse escadas. Dizer isto a quem as voara!

Encostada à cómoda, sentia pela primeira vez a idade, mas, muito mais do que a sua idade, que idade era essa que sentia? E olhava também, pela primeira vez, a sua solidão. O horizonte não ficava longe e o chão estava ali e agarrava com força as suas pernas. Teria tempo de se habituar àquele seu novo estado? Valeria a pena habituar-se a ele?

Tentou gritar ou talvez suspirar, só isso. Entreabriu a boca em silêncio. Depois caiu, foi caindo, a sua mão magra, com anéis — sempre gostara de anéis — ainda agarrava o rebordado da cómoda, mas tão ao de leve, logo o largou. Ficou dobrada sobre si própria, no chão. Uma simples mancha verde.

Fora verde o seu último vestido de mulher viva. O outro seria o que quisessem, uma veste que já não lhe diria respeito.

Diálogos do país real

O Bingo

Alice Nicolau

O Truta é um jovem ousado e empreendedor. Colheu a sua história no velho Matoso dos liceus, a sua ciência, nos resumos da Verbo, a sua cultura geral, no Reader's Digest. Agora desenrasca-se bem no Toffler. Tipo esperto, carregado de terceiras vagas. Digam o que disserem do 25 de Abril, o certo é que este talento não foi desprezado. Chegou de facto a ministro.

Quando o convocaram, pagou-me uns petiscos nos Caracóis da Esperança. E contou-me os projectos que tinha:

— O país real é que é.

— Mas há outro? — perguntei.

— Quer dizer: a malta está farta de paleio. Quer é coisas. Uma estrada, uma escola, um posto médico. Coisas ali concretas. O país é o que é.

— Pois é — disse eu.

— A linha do meu ministério vai ser: país real.

— Bom programa — comentei. Mas vasto. E rectangular.

Estive que tempos sem ver o Truta. É natural: o país real é o diabo, dá muito que fazer. De vez em quando lembrava-me dele e até cometia o excesso de comprar um jornal. Que-

ria seguir a carreira do meu ministro de estimação. Nunca apanhei sequer uma linha de noticiário sobre o Truta.

Há 15 dias, a secretária do Truta convidou-me para um jantar com ele no 33.

O Truta era ainda o Truta. Mas estava mudado. Notei-lhe junto dos lábios um sulco lateral e vi que os olhos estavam um pouco desbotados.

— E o país real? — perguntei-lhe.

Cortou, agastado, um pedaço de entrecoste, e disse-me com certa nota de impaciência:

— O bingo. Entendes?

— Não entendo.

— Mas já ouviste falar?

— Já ouvi falar.

— Propus em Conselho de Ministros (vamos lá ver se pega) que o bingo não fosse restrito às grandes cidades. É preciso acabar com a macrocefalia.

— Concordo. Mas o bingo?

— A ver se o implantamos mesmo no Nordeste. Que diabo aquela malta do Bornes também tem direito.

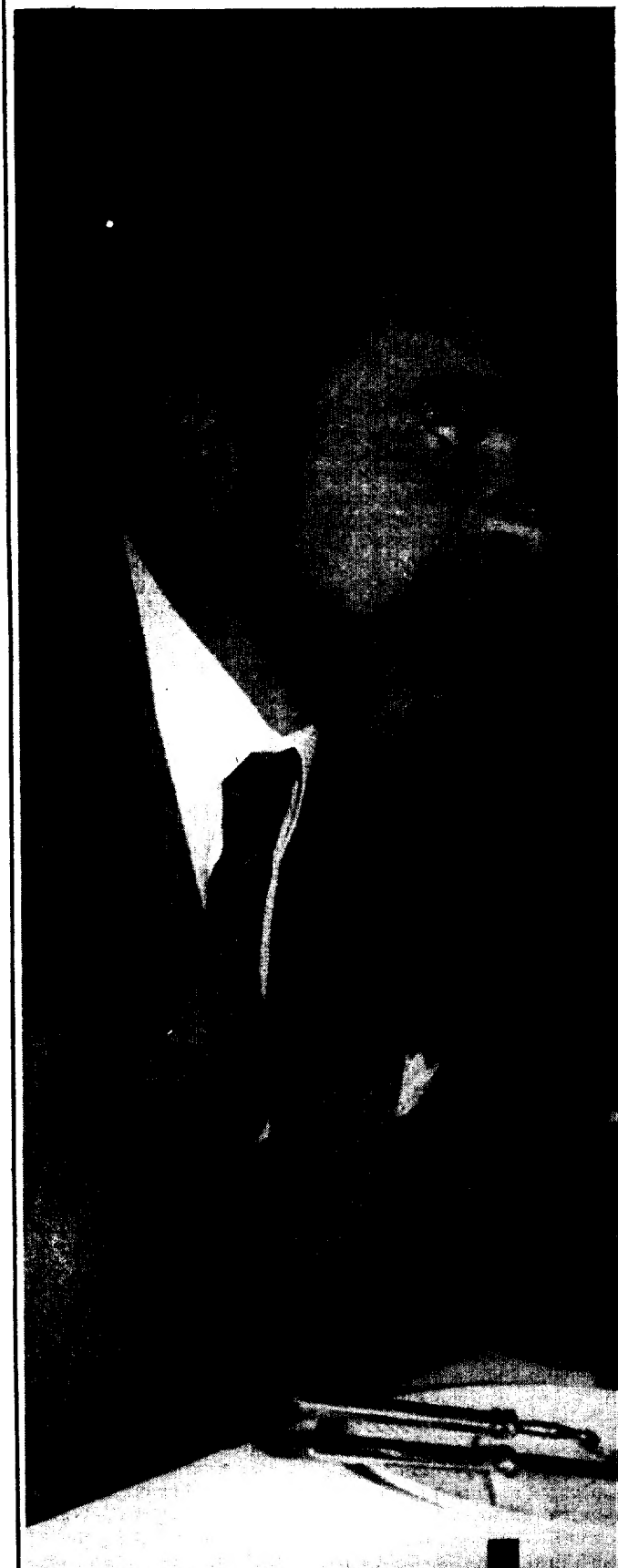
Bebeu, de olhar descaído, um gole de vinho e comentou:

— Ao menos que tenham esperança.

— Ao menos isso — filosofei, carregando à boca uma azeitoninha verde que tinha passado o tempo a fazer-me negas.

MANUEL ALEGRE

"Não há uma candidatura da situação e uma candidatura da oposição"



Estamos numa época de uma nova modernidade e o papel dos socialistas é serem pioneiros

Manuel Alegre poeta, homem político, resistente. Dirigente socialista figura destacada daquele bloco a que se convencionou chamar de «históricos». Quase sempre na primeira fila dos combates que nestes doze anos se travaram no interior do Partido Socialista. Como em todas as lutas com vencedores e vencidos, esteve em qualquer dos lados. E aí está de novo, em mais um embate no interior do seu partido. Como já anteriormente sucedera, houve também desta vez grandes re-composições de forças: aliados de ontem são adversários de hoje. Manuel Alegre encara este facto com naturalidade, mesmo se isso o obrigou a posicionar-se no campo oposto ao do único «amigo íntimo» que fez, em política, depois do 25 de Abril. Quase duas horas de conversa com este socialista — de onde a palavra «esquerda» escorre constantemente — abrem uma série de entrevistas com dirigentes socialistas que o «DL» irá publicar até ao próximo Congresso Nacional daquele partido.

Eduardo Rebelo

DL — *Estamos a pouco mais de uma semana dos Congressos das Federações. Dos resultados conhecidos — e independentemente de acidentes de percurso que ainda podem ocorrer — acha que estes resultados fornecem uma indicação segura do que irá acontecer no Congresso Nacional do PS?*

Manuel Alegre — São um sintoma e não um sinal. Mas temos que reconhecer que há uma diferença entre os Congressos Federativos, que têm a sua lógica própria, e o Congresso Nacional. De qualquer maneira, estes primeiros resultados traduzem, antes de mais, uma indiscutível vontade de mudança e de renovação dentro do Partido Socialista. Nesse sentido, eles são um indício do que pode vir a passar-se no Congresso Nacional, eles apontam já claramente numa direcção: o partido tem que mudar.

DL — *«... o partido tem de mudar». Mas que mudança? Uma rutura, em 1986, com a prática recente do partido — e que para todos os efeitos desembocou na vitória de Mário Soares — ou o início de uma transição para um partido diferente, adaptado às novas expectativas que se vão desenhando neste final de século?*

M.A. — O Partido Socialista sofreu uma derrota traumatizante em 6 de Outubro de 85. A vitória de Mário Soares em 16 de Fevereiro, não significa, e seria um erro pensá-lo, uma recuperação do Partido Socialista: são eleições diferentes. É certo que a eleição presidencial criou expectativas e condições favoráveis para uma mudança na prática política portuguesa, para uma renovação do próprio Partido Socialista. Mas, insisto, não se verificou a recuperação automática do Partido Socialista. Essa recu-

peração, tem de ser obra do próprio Partido Socialista. Como, em grande parte, a renovação da esquerda portuguesa tem que resultar da capacidade de o partido se auto-renovar.

Terminámos um ciclo

Penso que terminámos um ciclo na vida política portuguesa e entramos num novo período, que não pode ser dissociado de certos fenómenos de carácter internacional. Vivemos numa época de transição, empenhados numa crise que não é só económica, nem só financeira, nem só social, que é talvez uma crise civilizacional, de fim de uma época e início de uma nova era. Como em todas as grandes fases de transição, são mais as interrogações do que as respostas. O grande problema que se põe aos socialistas, na Europa e em Portugal, é o de saberem ler os sinais, saberem fazer as perguntas.

Costumo dizer que a modernidade não é, em si mesma, uma moda, embora em Portugal corra o risco de transformar-se nisso. Estamos numa época de uma «nova modernidade» e eu penso que o papel dos socialistas é de saberem ser pioneiros em relação a toda essa problemática. A grande questão está numa atitude cultural perante a modernidade, em saber distinguir o que é novo do que, sob a aparência de novo, não é mais do que a reedição de velhas ideologias.

DL — *Rutura, finalmente, com as origens, com a carga do século XIX?*

M.A. — Penso que o socialismo do futuro não é o regresso ao liberalismo do passado, que o socialismo do século XXI não é a reedição, ainda que sob novas formas, das ideias liberais do século XIX. Essa é uma questão de fundo. O Partido Socialista, como toda a es-

querda tem que tomar a dianteira.

Vivemos uma profunda tradição

Vivemos numa época de profunda transição. É a revolução tecnológica, mas é também, a massificação, a desidentificação. E isto conduz-nos, uma vez mais, ao indivíduo, ao primado da pessoa, a certos valores que se consideravam incompatíveis, digamos, com o projecto da esquerda, com o projecto socialista. Acredito que também esta temática não é nova: são questões que vêm da Revolução Francesa. O que penso é que temos de saber reavaliar todos estes valores.

Portanto, o que está em causa não é uma rutura em relação às datas a que se referiu, mas saber se nós somos ou não capazes de nos despiremos de certos arcaísmos — para empregar uma expressão à moda — de certos mitos, de certos fantasmas, sem nos despiremos do que em nós é essencial, que é a inspiração ética, a inspiração histórica e a tradição cultural do movimento socialista. Não está em causa, para mim, a razão de ser do movimento socialista.

DL — *De qualquer modo, há uma prática socialista que, com altos e baixos, tem sido a do partido quase desde a sua fundação e, sem dúvida nenhuma, a que caracterizou o PS de 74 para cá. A esta linha, quer se queira quer não, está associado o dr. Mário Soares...*

M.A. — Deixemos Mário Soares na Presidência da República...

DL — *Pode-se deixar o dr. Mário Soares na Presidência, mas não se pode apagar a marca que ele imprimiu ao partido. E a minha pergunta é esta: a mudança que Manuel Alegre de-*

fende ao apoiar Vítor Constâncio...

Não há uma candidatura da situação

M.A. — Não há uma candidatura da situação e uma candidatura da oposição, se é isso que quer saber. Não há uma candidatura de legitimidade e uma candidatura de rutura. Isso é uma forma de viciar os próprios dados do Congresso. Todas as candidaturas estão no mesmo plano de igualdade. Como eu costumo dizer, a história do Partido Socialista pertence a todos, não há ninguém com uma legitimidade «mais» e com uma legitimidade «menos».

DL — *Mesmo os que surgiram no Partido Socialista depois do 25 de Abril?*

M.A. — Mesmo os que surgiram no Partido Socialista depois do 25 de Abril. Há um Partido Socialista que surge antes do 25 de Abril, nas condições de luta da resistência, mas o Partido Socialista, como grande fenómeno nacional, como grande partido de massas, constrói-se a partir do 25 de Abril. E essa história é comum. Essa história é património de todos e não há direitos divinos dentro do Partido Socialista. Eu penso que as questões que se põem são de natureza política. O Partido Socialista sofreu uma derrota que pôs em causa o seu papel na sociedade portuguesa e essa derrota deveu-se a factores que não podem ser ignorados, subestimados ou esquecidos...

DL — *Mesmo depois da vitória nas Presidenciais...*

M.A. — ... tão pouco pela vitória de 16 de Fevereiro.

DL — *Quais são então as causas dessa derrota?*

Causas de uma derrota

M.A. — Sobretudo, o divórcio entre o Partido Socialista e o seu eleitorado, a subestimação



Um apoiante de Constâncio analisa o Partido Socialista em tempo de preparação do Congresso

da sensibilidade socialista do nosso eleitorado, e uma prática governativa que não correspondeu àquilo que os que votaram no Partido Socialista esperavam do Partido Socialista no Governo. Mas penso que este é também um problema que não diz só respeito ao Partido Socialista português.

DL — Não está a esquecer o facto dos socialistas terem sido chamados a gerir uma crise de que não foram responsáveis...

M.A. — Isso é verdade, mas talvez não tenham encontrado respostas inovadoras para a gestão dessa crise. E não devemos satisfazer-nos com alguns resultados animadores do problema financeiro.

O papel histórico dos Partidos Socialistas não é só o de se-

rem capazes de reequilibrar as finanças públicas, mas o de encontrarem caminhos novos. Neste aspecto eu penso que há uma certa crise do socialismo europeu, sobretudo na Europa do sul.

DL — Mas eu volto atrás, à questão da rotura e da continuidade...

M.A. — Ora bom... Nós temos que fazer hoje uma opção entre uma linha da continuidade, entre uma estratégia política que está na origem dessa própria linha, entre uma prática política de que nasceu o partido, as suas bases e o seu eleitorado, e uma nova estratégia, um novo projecto socialista para Portugal e um novo modo de funcionamento interno do próprio Partido Socialista, ca-

paz de o levar à recuperação do seu eleitorado e a tornar-se de novo no primeiro partido português. Esta é que é a questão fundamental: ou continuamos com a política que nos levou ao 6 de Outubro, ou continuamos com uma política que nos levou a 20% e que, a persistir nos levará a tornarmos num partido insignificante na sociedade portuguesa, ou somos capazes de ser o motor da mudança — a começar pelo próprio Partido — e a partir dessa mudança interna operar a mudança da esquerda, a mudança da sociedade portuguesa. Esta é que é a questão de fundo. Há talvez um excesso de formalização, que a mim, pessoalmente, não me agrada, mas que é também um proble-

ma cultural, que tem a ver muito com um certo desenvolvimento cultural da política portuguesa. Mas a questão de fundo, a que está subjacente a todas as questões que vão ser submetidas a este Congresso, é essa questão política. O Partido Socialista tem que reencontrar a sua identificação na fidelidade aos seus valores éticos, na sua inspiração cultural, numa certa tradição do que é o socialismo europeu; mas tem de ser capaz, ao mesmo tempo, de ser um pioneiro da modernidade e de ser capaz de encontrar os valores autênticos da sua renovação. Só que, a renovação do Partido Socialista não implica a sua desbaratização nem a demolição da fronteira entre a direita e a esquer-

da. Organizar o Partido Socialista não é fazer do Partido Socialista um partido liberal — e essa é uma questão biológica. **DL** — Bom, chegámos à crítica directa...

Da minha parte não é uma posição nova

M.A. — Da minha parte, não é uma posição nova, nem sequer recente. Fiz essa crítica antes. Está nas actas da Comissão Política. Fi-la no Grupo Parlamentar, fi-la em todos os órgãos Políticos do Partido. E, várias vezes, com o dom profético que penso que os poetas têm, alertei para o desastre para que caminhávamos. Sempre me opus à estratégia do bloco central.

O Partido Socialista não soube gerir a coligação. Submeteu-se à chantagem do PSD, não teve causas próprias, com excepção da despenalização do aborto que foi uma iniciativa do Grupo Parlamentar socialista. O Partido Socialista não soube marcar a diferença entre o que era a actuação do partido como partido e do Governo como Governo. Uma das razões do sucesso de Cavaco Silva é ter conseguido apagar da memória da opinião pública as responsabilidades do seu partido na coligação e aparecer como um candidato de rotura, enquanto o Partido Socialista assumiu, talvez por uma questão de seriedade política, de responsabilidade política e cívica, globalmente o Governo, a sua prática e, inclusivamente, a do partido concorrente, a do partido adversário.

DL — Contudo, numa e noutra das candidaturas em presença (para o Congresso Nacional) há pessoas que compartilharam responsabilidades na política seguida até 6 de Outubro...

Do lado de Constâncio

M.A. — Penso que, do lado de Vítor Constâncio, estão alguns dos principais críticos da estratégia que então foi seguida, o que não quer dizer que não tenham sido solidários com a política do partido, o que não quer dizer que não tenham tido até um papel determinante, depois, na campanha eleitoral que conduziu à vitória de Mário Soares. Portanto, quando se pretende identificar a candidatura de Vítor Constâncio com os opositores a Mário Soares, isto é, obviamente, na inverdade histórica. Posso relembrar, por exemplo, que fui o único dirigente do Partido Socialista que falou nos dois tempos de antena da campanha de Mário Soares, quer na primeira, quer na segunda volta, para não referir que alguns dos principais apoiantes, também da candidatura de Vítor Constâncio, pertenceram à Comissão Política de Mário Soares, para já não me referir a situações do passado. Relembrarei, no entanto, um momento dramático da vida do partido, como foi aquele em que Mário Soares retirou o seu apoio ao general Ramalho Eanes. É sabido, é um dado histórico, que daqueles que, na Comissão Nacional, fizeram ouvir a sua voz, defendendo Mário Soares e aquilo que considerávamos ser a autonomia

do Partido, estava eu próprio e o meu camarada Tito Morais, que é candidato, da nossa parte, à presidência do Partido. Mas penso que, hoje, este Congresso nada tem a ver com as condições do Congresso de 81, nem com as condições do Congresso de 83.

Mas, apesar de tudo isto, é preciso não esquecer que a eleição de Mário Soares deve-se muito a ele próprio, na primeira volta, e, depois, a um conjunto de circunstâncias excepcionais que fizeram dele o candidato de todas as forças da esquerda portuguesa.

DL — Há no entanto quem diga que na candidatura do dr. Mário Soares, uns estiveram por convicção, porque sempre o haviam apoiado, e outros apenas porque, ao catapultarem-no para Belém, afastavam o principal obstáculo dentro do Partido Socialista...

Interrogações de má fé...

M.A. — São interpretações de má-fé. Eu penso que as acusações políticas não se podem fazer com base em tais critérios. Depois de 6 de Outubro, a candidatura de Mário Soares era uma candidatura difícil, para muitos uma aposta perdida. Aqueles que fizeram a opção de ficar no partido e de apoiar a candidatura de Mário Soares, correram com ele o risco de uma batalha extraordinariamente difícil. É preciso ver que a candidatura de Mário Soares partiu de sondagens que lhe davam 8%, e aqueles que ficaram no Partido, aqueles que apostaram, correram grandes riscos. Ninguém poderia imaginar, depois de 6 de Outubro, que Mário Soares iria ser o vencedor das eleições. Aqueles que ficaram, ficaram por razões de natureza política e não de cálculo dessa natureza.

DL — Uma eventual vitória de Vítor Constâncio no Congresso não será, portanto, uma vitória «póstuma» de Salgado Zenha?

M.A. — Não, eu penso que Salgado Zenha é um dos perdedores do próximo Congresso, fundamentalmente porque Salgado Zenha se demitiu do partido, não travou combate dentro do partido. Isso não tem sentido, não tem razão de ser. Vítor Constâncio foi solidário com Mário Soares. Sendo governador do Banco de Portugal teve uma actuação discreta, como lhe competia, mas esteve, inclusivamente, presente nalguns comícios essenciais de Mário Soares. Salgado Zenha, por razões que são as dele, demitiu-se do Partido Socialista e, nesse sentido, nada tem a ver com o próximo Congresso. Em sentido metafórico, posso contudo dizer que ele é um dos grandes perdedores do próximo Congresso. Digo mais: a vitória de Vítor Constâncio é uma vitória contra Salgado Zenha.

DL — Quer aprofundar isso da «vitória contra Salgado Zenha»?

Vitória contra Zenha

M.A. — Posso aprofundar. Vítor Constâncio ficou no Partido Socialista. Vítor Constâncio nunca tomou posições de

Continua na pag. 6



Continuação da pag. 5

rotura, nem criou situações irremediáveis dentro do partido. Ficou no partido, apostou no partido e apostou em ser alternativo dentro do partido. A verdade é que a alternativa é ele e não Salgado Zenha. Por isso a sua vitória, a verificar-se, será uma vitória também contra Salgado Zenha.

DL - Porém, se Salgado Zenha tivesse ficado no Partido Socialista, a alternativa agora poderia ser outra...

M.A. - Obviamente que se ele tivesse ficado no Partido Socialista poderia ser alternativa. A verdade é que ele não ficou e deixou de ser alternativa. Não tem nada a ver com o Partido Socialista. Eu fui um dos principais opositores da linha de Salgado Zenha e neste momento apoio a candidatura de Vítor Constâncio, que é a que me parece ser, dentro do Partido Socialista, a que melhor se identifica com o projecto de mudança, com o projecto de renovação.

DL - No entanto, em 1981, Vítor Constâncio estava com Salgado Zenha e os históricos, com Jaime Gama ao seu lado, contra Zenha e os seus apoiantes. Aliás, nos grandes confrontos que de 1975 para cá se travaram no interior do Partido Socialista, Manuel Alegre e Jaime Gama aparecem sempre do mesmo lado da barricada. Porquê, agora, a divisão?

M.A. - Isso é verdade. Eu costumo dizer que depois do 25 de Abril fiz poucos amigos íntimos na vida política e que um dos poucos amigos íntimos que fiz foi, de facto, Jaime Gama. Em momentos decisivos na vida do partido, estive-mos fundamentalmente, do mesmo lado e ainda há muito pouco tempo fui o primeiro subscritor da candidatura de Jaime Gama a Primeiro-Ministro, contra a candidatura de Almeida Santos. Só que, em meu entender, Jaime Gama não quis, por razões que são as dele e que em parte eu desconheço, desenvolver as perspectivas da sua própria candidatura, tendo feito outra opção. Penso, aliás, que Jaime Gama é um dos quadros mais válidos do Partido Socialista, que a renovação do Partido Socialista e a construção do futuro passa também por ele, independentemente dos resultados do actual Congresso. Mas, se a amizade é em si mesma um valor político, há circunstâncias políticas em que nós temos que nos determinar por outras razões, e eu, pessoal-

mente, determinei-me por aquilo que penso serem os interesses do Partido Socialista e o seu papel na sociedade portuguesa. Jaime Gama falou na necessidade de reabilitar a política, libertando-a das ilusões, dos mitos tecnocráticos e populistas. Eu penso que é possível reabilitar a política, libertando-a também de outros preconceitos, recusando uma visão tacticista e imediatista da política, do compadrio, do clientelismo, etc. São, também, critérios fundamentais nas opções que neste momento há a fazer dentro do Partido Socialista. Eu tenho pena que Jaime Gama não esteja naquilo que me parece ser um grande movimento, um profundo movimento renovador e libertador dentro do Partido Socialista. Isto não quer dizer que se criem fronteiras irremediáveis e inultrapassáveis em relação ao futuro. E penso que temos suficiente maturidade e experiência política para sermos capazes de administrar esta fase de transição de maneira a manter pontes para o futuro.

DL - A linha de fractura entre os apoiantes de Vítor Constâncio e os apoiantes de Jaime Gama é estabelecida, muitas vezes, se quiser, prioritariamente mesmo, em termos de um sector político do Partido Socialista contra um sector do aparelho do Partido Socialista. Esta é a sua interpretação também?

O papel do aparelho

M.A. - Em parte, isso é verdade: o aparelho aparece muito identificado com a prática política do Partido nos últimos tempos. Isso é de facto verdade. Só que eu nunca sobrevalorizei o aparelho do Partido Socialista. O aparelho conta em períodos em que o partido está no poder. Conta para domestizar o partido, para neutralizar o partido. Conta de maneira negativa, não de maneira positiva. E posso dizer até que Mário Soares ganhou algumas batalhas fundamentais dentro do Partido contra o próprio aparelho.

DL - Como, por exemplo?

M.A. - Como, por exemplo, o Congresso de 74, como, por exemplo, o Congresso de 81.

DL - Considera que em 81 o aparelho do Partido estava do lado de Salgado Zenha?

M.A. - Não. Mas o Partido Socialista é um partido em que contam muito razões não só de natureza política, mas também de ordem afectiva, de mo-

O PS, ao nível das suas federações, lá onde está a vida, tem que se voltar para fora

Não podemos permitir que Cavaco Silva governe como o está a fazer, e não o vamos permitir

A situação vai obrigar a uma clarificação do comportamento do PRD

Um novo comportamento do PS pode contribuir para obrigar o PC a res-situar-se perante a situação portuguesa

tivação psicológica. É por isso que em questões decisivas, o aparelho pesa pouco.

Penso que houve da parte de alguns camaradas meus uma leitura apressada do estado de espírito dos próprios militantes. Fizeram mal as contas. Sobrevalorizaram, e sobrestimaram o peso do aparelho, que é relativo. Nós somos um partido com alguma vocação anárquica, se quiser, com algum individualismo, em que a improvisação conta muito. Um partido de certa maneira desorganizado, mas onde a desorganização conta como uma das defesas do partido: é uma espécie de mecanismo de autodefesa, uma «sábria desorganização». Portanto, a revolta contra o aparelho é a revolta contra concepções políticas que são contrárias à natureza profunda do Partido Socialista: contra o centralismo, contra a burocracia, contra as decisões tomadas de cima. Penso que houve, digamos assim, um esvaziamento do Partido Socialista, uma paralisia do Partido Socialista e que não há computador que se possa substituir ao coração dos socialistas. Os socialistas agem quando estão motivados, quando estão inspirados, quando sabem aquilo que querem, ou para onde vão. Não há computador, não há máquina burocrática que substitua o coração dos socialistas.

DL - A alusão ao computador é uma crítica a António Campos?

O papel do computador

M.A. - Não, não é crítica. O Partido Socialista deve modernizar-se, mesmo nesses aspectos, mas é uma ilusão pensar-se que o computador pode suprir outras formas de organização que têm que passar por uma profunda descentralização, pela responsabilização dos militantes e pela vida política nas Secções. O Partido Socialista não pode ser um partido fechado em si mesmo. Um partido que só mexe e que só vive por altura das campanhas eleitorais, por altura dos congressos. Os militantes não podem ser reduzidos ao simples papel de coladores de cartazes ou de claque desta ou daquela facção. O Partido Socialista tem que estar voltado para fora, tem que estar voltado para a vida. Daí pensarmos que é necessário privilegiar uma estratégia de inserção social. O PS tem que estar presente na vida, tem que estar voltado para fora, tem que ter

uma presença quotidiana, não pode ser um partido reduzido, apenas, a um papel político institucional na Assembleia da República, nas questões dos outros partidos, apelando aos seus militantes e às suas bases apenas para votarem ou para virem à rua quando é necessário virem à rua. O PS ao nível das suas federações das suas organizações locais, lá onde está a vida, onde estão as forças de vida do País, tem que se voltar para fora. Esse é que é o problema político da organização do Partido. Não se pode pensar num partido, que é um partido de massas, que é um grande partido popular, organizado segundo critérios meramente empresariais ou de eficácia burocrática. Tem que se pensar em organização do nosso próprio projecto político, segundo critérios políticos (como motivar os socialistas? como voltar o Partido para fora?) e isso implica, necessariamente, a responsabilização e a descentralização, uma aposta na confiança. Eu acredito na capacidade dos socialistas para se autogerirem, para se auto-organizarem e para se auto-administram.

DL - O Manuel Alegre propõe que se repense o PS. Porquê agora? Nestes 12 anos nunca houve tempo para o fazer?

M.A. - Ninguém teve tempo. Temos vivido sobre a pressão e o fogo das circunstâncias e da conjuntura. O Partido Socialista precisava de mais tempo para pensar numa estratégia correcta, que privilegiasse a inserção social do partido, o voltasse para fora, uma estratégia que apontasse para a unificação de toda a esquerda socialista porque o local próprio dos socialistas é no Partido Socialista. A vocação integradora, não é uma vocação imperialista. Continuamos a agir sob grande pressão. Precisávamos de mais tempo para construir uma alternativa. Acredito, e daí também a importância de Vítor Constâncio, que a recuperação do prestígio, da credibilidade do Partido Socialista, passa por um bom Governo, por um Governo no qual o nosso eleitorado se reconheça, por um Governo que não governe contra o nosso eleitorado, que não coloque razões nacionais, abstractamente consideradas, contra os interesses sociais, concretos, que a nosso ver representam. Passa, enfim, por isso. Precisávamos, sem dúvida, de mais algum tempo. Mas não

podemos, uma vez mais, ignorar a conjuntura.

DL - Substituição do Governo Cavaco Silva, é disso que me está a falar?

Cavaco: a pedagogia antidemocrática

M.A. - Temos um governo minoritário chefiado por um Primeiro-Ministro que está a fazer uma pedagogia antidemocrática, que promove uma guerrilha institucional contra a Assembleia da República, da qual depende, que procura responsabilizar, perante a opinião pública, os partidos da oposição. Num País como o nosso em que, durante quase meio século se fez nas escolas - e ainda sou desse tempo - a deseducação cívica do povo português, a crítica sistemática do Parlamento e dos partidos políticos é muito grave.

Não podemos permitir que Cavaco Silva governe como o está a fazer e não o vamos permitir. Desejamos a estabilidade política no País - foi esse um dos lemas da campanha de Mário Soares - mas estabilidade política não quer dizer que um Governo tenha que permanecer seja a que preço for. Há muitas formas de salvaguardar a estabilidade política. Nós desejariamos que o Governo se mantivesse, que governasse e resolvesse os problemas do País, mas não vamos permitir que ele governe contra a Assembleia, contra a oposição, contra os próprios fundamentos da democracia portuguesa, comportando-se como um inimigo da democracia.

Quando Cavaco Silva vem à Televisão fazer intervenções como aquela última que fez, comporta-se objectivamente como um inimigo da democracia. E nós, isso não podemos aceitar, não podemos tolerar, ainda que, uma vez mais, com algum sacrifício do nosso próprio partido.

DL - Não há aí uma contradição? Por um lado, a prioridade das prioridades, repensar o partido; por outro lado, impedir que o actual Governo prosiga uma determinada política, com a possibilidade de o Partido Socialista ter, novamente, de se assumir como poder...

M.A. - Isso faz parte da vida. Nós não podemos repensar um partido como o Partido Socialista, que continua a ser o principal partido da oposição e que aspira a ser o primeiro partido português, desligado da própria realidade que o circunda e desligado da própria conjuntura.

DL - No fundo, isso é continuar com o partido que têm, porque a conjuntura a tal vos obriga...

Congresso vai trazer mudanças

M.A. - Acredito que o próprio Congresso vai trazer consigo mudanças que são em si mesmas profundamente transformadoras do próprio Partido Socialista. Penso que a vitória desta linha política é já em si mesma uma mudança profunda que vai trazer não só, digamos, uma nova perspectiva, como uma nova prática, um novo comportamento, uma nova maneira de encarar os problemas políticos, que precisávamos e afinal não temos. Mas não está nas nossas mãos decidir o tempo de permanência ou de queda deste Governo; isso depende muito dele próprio. Mas não podemos demitir-nos por razões de «cura interna».

Uma coisa é certa: depois do Congresso vamos liderar e intensificar a oposição contra Cavaco Silva. Vamos tentar obrigar Cavaco Silva a mudar de estilo, a mudar o seu relacionamento com a Assembleia da República e com os partidos da oposição; se não o conseguirmos, vamos com certeza caminhar para uma crise política, desejada pelo próprio Cavaco Silva. Só que terá provavelmente um desfecho contrário àquele que ele espera... **DL** - Isso quer dizer que o Partido Socialista defende que uma crise política, naturalmente suscitada no Parlamento, não conduz inevitavelmente a eleições antecipadas, como desejaria o prof. Cavaco Silva?

M.A. - Penso que sim. Penso que tudo aponta para que Cavaco Silva esteja convencido que pode projectar, em eleições antecipadas, grande parte daqueles 48% da votação de Freitas do Amaral e, portanto, uma maioria absoluta. É uma aposta arriscada da parte dele, só que nós, de facto, somos favoráveis à estabilidade política e acreditamos que há soluções no quadro político-partidário. Muitas soluções. Quer à esquerda, quer à direita, e penso que este Presidente da República, com a visão que tem da vida política, com o papel que atribui ao Parlamento (não podemos esquecer-nos que, no discurso da tomada de posse, considerou a Assembleia da República como o centro vital da democracia portuguesa) saberá encontrar soluções que não impliquem a dissolução do



O socialismo do futuro não é o regresso ao liberalismo do passado

Salgado Zenha é um dos perdedores do próximo congresso

Jaime Gama não quis desenvolver as perspectivas da sua própria candidatura

O aparelho conta de maneira negativa, não de maneira positiva

Parlamento. Temos que prestigiar o Parlamento em Portugal. Toda esta campanha se faz contra o Parlamento, tem agora como «capitão» o Primeiro-Ministro, é uma herança má, é uma herança antidemocrática, é uma herança salazarista. Não consolidaremos a democracia contra o Parlamento, e uma das coisas que podem contribuir para o desprestígio do Parlamento é a ideia de que, cada vez que cai um Governo, o Parlamento tem que cair. Ora, isso não é inevitável. DL — Mas foi, durante dez anos, a prática do general Ramalho Eanes: Governo que cai, Parlamento que dissolve. Agora, em termos parlamentares, o ex-Presidente da República tem um partido, o PRD, que pretende assumir-se como «partido charneira». Ora, Ramalho Eanes, no final do seu mandato, manifestou uma indisfarçável simpatia pelo prof. Cavaco Silva. Dado que, sem PRD, é difícil, senão impossível, criar alternativas no quadro parlamentar e conhecidas as inclinações do general Ramalho Eanes, não se lhe afigura complicada a situação?

Aproximação Eanes/Cavaco

M.A. — Há indícios preocupantes dessa aproximação de Ramalho Eanes ao Professor Cavaco Silva. Gostaria de dizer que o PRD nasceu de alguns equívocos...

DL — Está a falar de equívocos do Partido Socialista.

MA — Em parte, mas não só. Penso que o ex-Presidente da República tem também nisso algumas responsabilidades. Como sabe, eu fui um crítico

extremamente severo da actualização do antigo Presidente da República no plano da política interna. Não há dúvida nenhuma que Ramalho Eanes, como Presidente da República, fomentou sempre esse equívoco de um partido presidencial, umas vezes pela direita, outras vezes pela esquerda. Obviamente que o Partido Socialista, pelo seu comportamento no bloco central, facilitou, um pouco, a emergência do PRD. Mas o PRD é um fenómeno de desfixação do eleitorado, que é um fenómeno preocupante em democracia. Nasceu dum «não»: um «não» contra a prática governativa do Partido Socialista no bloco central. E é um fenómeno de desfixação do eleitorado, porque já nas eleições presidenciais se verificou o que o eleitorado do PRD se dividiu por todas as candidaturas. Penso, portanto, que nasceu de vários equívocos. Um equívoco do general Eanes como Presidente da República, dos erros políticos do próprio Partido Socialista e também de alguns preconceitos duma parte da classe política e de alguns intelectuais em relação, digamos, aos partidos políticos e ao próprio regime. Mas penso que a própria situação vai obrigar a uma clarificação do comportamento do PRD. Vai obrigar, ou num sentido ou noutro.

DL — A eleição do dr. Mário Soares criou uma convergência de esquerda impar no processo político português pós-25 de Abril. Na dinâmica que se gerou, o Partido Socialista teve um importante papel. Vai, depois do congresso, estar o Partido Socialista em condições de se manter como dinamizador da esquerda portuguesa? E será

Vitor Constâncio a figura certa para liderar um tal processo?

A eleição de Soares

MA — Aqui temos várias questões...

Aproveito para lhe dizer que sempre disse a Mário Soares que ele só poderia ser eleito, dada a nossa lei eleitoral, como candidato da esquerda e que nunca acreditei na possibilidade de Mário Soares ser o candidato do bloco central. Nunca acreditei nisso. E foi uma das divergências, enfim, que nós tivemos. Sempre tive em relação a isso uma grande dúvida e sempre o disse. Nunca acreditei que o PSD alguma vez apoiasse a candidatura de Mário Soares. E sempre me pareceu evidente que, nas condições políticas concretas portuguesas e com a lei eleitoral que temos, um secretário-geral do Partido Socialista, e uma figura como Mário Soares, só poderia ser eleito aparecendo na segunda volta como o candidato da esquerda. Foi o que acabou por acontecer.

Curiosamente, penso que o erro de Eanes é querer renascer dum certo estado de espírito de esquerda, como consequência das derrotas de todas as estratégias da esquerda e de todas as forças da esquerda. E penso que as eleições presidenciais demonstraram que a esquerda, antes de ser uma realidade política que se exprime através de partidos, é uma realidade social, estrutural e afectiva profunda. Foi isso que veio à superfície na 2.ª volta das eleições presidenciais. A 1.ª volta foi um triunfo pessoal de Mário Soares contra tudo e contra todos, em parte até contra aquilo que foi durante muito tempo a base da

sua estratégia, a estratégia do bloco central. Foi uma vitória da sua determinação, da sua coragem, do seu próprio carisma pessoal. A 2.ª volta é fruto, enfim, de circunstâncias excepcionais: da derrota das várias esquerdas, ou das estratégias das várias esquerdas, ressurgiu um sentimento de esquerda e uma fraternidade de esquerda com o estado do espírito da esquerda.

Penso também que não se pode esquecer o papel que teve o MASP, não tanto do ponto de vista programático, mas do ponto de vista do estilo, do ponto de vista do discurso, quer na 1.ª volta, quer na 2.ª volta.

E aqui aparecem alguns primeiros indícios que são propícios a uma renovação da prática política.

Mário Soares disse que nada ficará como antes, o que não significa que as coisas mudem substantivamente. Eu penso que se criaram condições para que nada fique como antes e que se criaram condições para uma renovação, mas que isso não é automático e que tudo pode ainda voltar para trás (esperemos que não).

É aqui que se põe o problema do Congresso do Partido Socialista. Pela sua posição na própria sociedade portuguesa, é o Partido Socialista que pode ser o grande motor da renovação, de si mesmo e de toda a esquerda.

E agora porque Vitor Constâncio: eu não considero Vitor Constâncio...

DL — Quando eu falei no «porquê» Vitor Constâncio, foi porque, durante um bom período da vida do Partido Socialista, o dr. Jaime Gama surgiu muito mais do lado das forças que se definem à esquerda do Partido Socialista, do que, por exemplo, Vitor Constâncio...

Ressurgiu a esquerda

MA — Bom, mas você disse que tinha havido uma dinâmica de esquerda e eu penso que houve um ressurgir do sentimento da esquerda, dum estado de espírito de esquerda, uma esquerda que se prendeu em si própria, uma esquerda que cometeu muitos erros, que se maltratou muito a si mesma. E eu penso que uma das primeiras conclusões políticas que podemos tirar é que a esquerda não pode continuar a maltratar-se a si mesma, ou que uma parte da esquerda não pode continuar a erigir a outra em seu inimigo principal. Nós ganhámos esta batalha, mas nas condições em que a ganhámos foi, talvez, a última vez em que isso foi possível. Não podemos esquecer que a direita teve uma votação muito significativa — 48,9% — e não podemos resignar-nos a essa situação e temos que pensar não só em como consolidar, digamos assim, esta vitória mas em como recuperar algum do terreno que, apesar de tudo, se perdeu e penso que essa renovação vem, de facto, desde a extrema esquerda até uma área social-democrática que recusou a aliança com a direita.

O Partido Socialista tem aí a sua função própria, a sua função específica como primeiro partido da esquerda. Mas a renovação da esquerda, se depende em grande parte do Partido Socialista, se depende em grande parte da sua capacidade de

tomar a iniciativa política, de tomar em alguns casos a iniciativa polémica de colocar à discussão de toda a esquerda as grandes questões da sociedade portuguesa e as grandes questões da modernidade e do que deve ser uma atitude da esquerda perante a modernidade, passa também por um diálogo político entre as diferentes forças de esquerda e, nomeadamente, entre o PS e o PC. E quando falo de um diálogo político, não estou a pensar nem num governo PS-PC nem na Frente Popular, que é o último grande álbi inventado pelo prof. Cavaco Silva. Penso é que, um novo comportamento do Partido Socialista pode contribuir, em grande parte, para obrigar o Partido Comunista a ressituar-se perante a situação portuguesa.

DL — Mas esse «reposicionamento» do PCP não começou já com a votação em Mário Soares?

Medo de Período militar

MA — Eu penso que de certa maneira tenho medo de um período militar na vida política portuguesa e aquilo que eu chamo um período militar no próprio PCP que sempre privilegiou uma aliança com os militares. Foi desde a aliança com um certo sector do MFA e com Vasco Gonçalves, até à aliança com o general Ramalho Eanes. Mas a ver-se forçado a definir-se na 2.ª volta, vota em Mário Soares.

Foi, temos que o reconhecer, um acto de responsabilidade política da parte do Partido Comunista, quer dizer, privilegiou a democracia em detrimento do ressentimento e de outras querelas. Ao tomar essa opção, julgo que se abriu realmente uma lógica que vai obrigar o Partido Comunista a repensar-se e a ressituar-se no panorama político português. Daí que eu atribua grande importância ao diálogo na esquerda.

Eu não gosto de falar de esquerda democrática, prefiro falar de esquerda socialista e de esquerda comunista. Isso porque historicamente em Portugal quem foi liberticida, várias vezes, historicamente, foi a direita. A esquerda até hoje nunca foi liberticida. Outros comportamentos há altamente criticáveis e que nós combatemos em 75, mas a verdade é que a esquerda nunca destruiu a liberdade e nunca implantou uma ditadura em Portugal. Quem o fez foi a direita. Portanto, eu prefiro falar de esquerda socialista e de esquerda comunista, e atribuo importância a esse diálogo, sem que dele espere grandes resultados políticos imediatos.

O diálogo em si mesmo é já uma fonte de renovação e de clarificação e nós temos que ser capazes de uma grande clarificação em relação a questões fundamentais. Mas, para isso, para o diálogo, a esquerda não pode continuar a ter uma filosofia de «não ao regime». Temos que saber que regime queremos, de uma maneira positiva e não continuando situando a questão em sentido abstracto ou ao sabor das conveniências tácticas. Esta é a primeira questão.

Há depois, outras questões que têm a ver com a Europa, que têm a ver com a política externa,

que têm a ver com as relações com a África, com a autonomia e com a independência nacionais, com as responsabilidades culturais e políticas da esquerda na assumpção dessa autonomia e da sua independência e da subtração de alguns vectores fundamentais da política externa.

A esquerda, aí, tem uma grande responsabilidade e tem que ser capaz de a encarar de maneira diferente não só as questões que defendem o regime, como as suas responsabilidades na política externa e na lógica dos blocos. Não podemos ter uma parte da esquerda a funcionar como um instrumento de uma potência e outra parte a funcionar como instrumento doutra potência. Essa é uma questão fundamental da democracia portuguesa e da esquerda portuguesa. Temos que quebrar os tabus e temos que ser capazes de dizer: não podemos ter uma parte da esquerda que se identifica sistematicamente com a União Soviética e outra parte da esquerda que se identifica sistematicamente com as posições da administração americana.

Penso que é esta a questão-chave da esquerda portuguesa e é altura de o dizer, embora seja incómodo fazê-lo. É um grande tabú que é preciso quebrar. Mas não haverá renovação da esquerda portuguesa se nós não formos capazes de ultrapassar esta lógica, que é uma lógica suicida para algumas forças políticas da esquerda portuguesa.

DL — Prefere a Europa como alternativa da esquerda?

Duas alternativas para a esquerda

MA — Não há outra alternativa que não seja a Europa.

Penso que só há duas alternativas para a esquerda portuguesa: em primeiro lugar, a de sermos capazes de sermos nós próprios a mantermo-nos uma perspectiva nossa, uma perspectiva portuguesa nas grandes questões, nomeadamente nas relações com África; em segundo lugar, a de sermos europeus. E sermos europeus não quer dizer que se aceite aquilo que está mal na Europa, ou que se aceite o predomínio das zonas centristas ou de concepções conservadoras na Europa. Significa que nós temos, ao lado de outras forças progressistas, das forças socialistas europeias, de dar o nosso contributo para a construção da realidade política europeia e para a construção de uma Europa nova, e sermos capazes, também, nomeadamente ao lado da Espanha, de potenciar-mos em termos renovadores a nossa própria integração na CEE com o grande capital histórico e cultural que temos atrás de nós; a África, o Brasil, a América Latina, etc. Não temos, apenas, que nos colocar numa posição de receptáculo da Europa, pois temos alguma coisa a dar. Já fomos Europa antes da Europa o ser; Portugal e Espanha fizeram a Europa antes de a Europa o ser, ou contribuíram para a criação das condições que tornaram possível a existência da Europa como entidade política. A nossa alternativa não é ou o alinhamento com a União Soviética ou o alinhamento com a Administração Reagan.

PRD os divide Soares os junta

O PRD é, aparentemente, o principal ponto de discordância entre Vítor Constâncio e Jaime Gama, de acordo com as declarações ontem proferidas na televisão pelos dois candidatos à sucessão de Mário Soares à frente do Partido Socialista.

No programa «Actual», ambos os dirigentes foram entrevistados por Margarida Marante, primeiro Constâncio, depois Gama. Ao contrário do que ontem afirmou uma agência noticiosa — informação de que o «DL» se fez eco — as entrevistas realizadas ao fim da tarde foram ontem mesmo emitidas, com intervalo de poucos minutos e não de uma semana.

Respondendo às mesmas perguntas colocadas pela jornalista da RTP, Constâncio defendeu um «diálogo fraternal» com o PRD, enquanto Gama se inclinou para o «afrontamento político» com o partido canista.

O ex-governador do Banco de Portugal admitiu também a participação do PRD numa futura convenção da esquerda democrática, enquanto para Gama, semelhante realização, que qualificou de «forum» — devendo a convenção ser uma realização interna ao PS — excluía a partida a presença de renovadores democráticos.

No entanto, ambos os políticos excluíram taxativamente a realização de alianças com o PRD, aliás como fizeram em relação a outros partidos, como

o PCP e o PSD.

Nos acordos, merece registo a afirmação dos dois contendores sobre a Presidência. Ambos visam conseguir que o PS tenha um papel de relevo na reeleição de Mário Soares em 1991.

Vítor Constâncio disse que a ascensão do PS à liderança da esquerda democrática, por forma a constituir-se numa «base sólida para a reeleição de Mário Soares, passa pela renovação do aparelho partidário, pela recuperação do eleitorado do PRD e pelo retorno aos valores perdidos».

Jaime Gama, reclamando-se como o intérprete do «que foi e é o papel do PS» na sociedade portuguesa, embora recusando ser designado como «continuidade» de Mário Soares, disse que só um PS mais «activo dinâmico e transparente», não complacente frente ao fenómeno «anacrónico» que é o PRD, conseguirá estar «preparado» para reeleger Mário Soares.

Para o ex-ministro das Finanças, a estratégia a seguir levar o PS a ser novamente maioritário na cena política passa também pela análise das razões que estiveram na base da derrota eleitoral de Outubro, de que não excluiu o fenómeno PRD, que não teria surgido, disse, se o PS «tivesse sido um pouco mais fiel a si próprio».

Como secretário-geral, Constâncio, depois de conseguir tornar o PS num partido maioritário

em Portugal, a estratégia a seguir não será de alianças.

Para Constâncio, o País tem de perceber que eleitoralmente o funcionamento desejável deve obedecer a uma alternância entre dois projectos, o do PS e do PSD, enquanto Gama se limita a advogar que o PS deve crescer através do diálogo com «os grupos que pretendem fazer de Portugal um país moderno».

Sobre o Governo do Primeiro-Ministro Cavaco Silva, considerou Constâncio que o PS «será sempre oposição», a nível parlamentar e do debate ideológico, pronunciando-se Gama contra uma posição de «sistemática frontalidade» e a favor de uma posição «crítica e alternativa» em relação ao actual Executivo.

Para os dois candidatos o princípio da irreversibilidade das nacionalizações — qualificado por Gama como «mitologia totalitária» — deve deixar de estar consignado constitucionalmente, defendendo Constâncio a manutenção do Estado em sectores como a banca, os seguros e sectores básicos industriais.

Quanto à questão da Reforma Agrária, Constâncio advogou a racionalização da metodologia e tipo de agricultura no Alentejo, através de um programa que contemple a concessão de indemnizações e a viabilização de explorações

do tipo familiar.

Para Gama, o Estado deve deixar de actuar como um grande latifundiário para ser um incentivador das modernas empresas agrícolas, «que não cede ou aluga, mas que incentiva e fomenta a modernização agrícola».

Hoje, Constâncio e Gama defrontam-se num frente-a-frente que se realiza em privado na sede do PS, do Largo do Rato. Raul Rego, presidente da Comissão Organizadora do Congresso do PS modera o debate que depois será publicado no semanário «Acção Socialista».

Os presidentes das câmaras municipais de Vila do Conde, Felgueiras, Baião e Valongo são algumas das personalidades socialistas nortenhas que integram a comissão política distrital de apoio a Vítor Constâncio — disse à Anop fonte socialista.

Aos nomes de Mário de Almeida, Júlio Faria, Artur Borges e João Dias juntam-se ainda os de Azuil Dinis, presidente da Assembleia Municipal de Santo Tirso, Heitor Carvalheiras, vereador da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e de Orlando de Magalhães, gestor bancário.

Madeira

O vice-presidente do grupo parlamentar do PS ao Parla-



mento Regional madeirense, Duarte Caldeira, disse à Anop que o partido necessita de um líder político como Jaime Gama e não de um técnico.

Duarte Caldeira explicou que só agora toma uma posição pública, «uma vez que a sua moção aprovada no Congresso Regional do PS defendia que os delegados ao Congresso Nacional pela região deviam ser eleitos só pela moção da Madeira apresentada ao Congresso Nacional e depois, individualmente, cada um tomaria a decisão que entendesse».

«Esta foi a minha posição inicial, que foi aprovada pelo Congresso Regional como parte integrante da moção «descontinuar o PS/Madeira», mas o líder regional, na sessão de encerramento do Congresso, e contrariamente ao deliberado, tomou posição a favor de um candidato» — sublinhou.

«Perante isso, acho necessário tomar uma atitude pública e a opção é Jaime Gama» — acrescentou.

Açores

Os representantes açorianos na Comissão Nacional da Juventude Socialista anunciaram o seu apoio à candidatura de Jaime Gama a secretário-geral do PS.

Em comunicado, os jovens socialistas açorianos justificam a tomada de posição «na atenção que é dedicada aos problemas da juventude no País e no partido» na moção do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros.

Consideram que uma vitória no Congresso por parte de Jaime Gama, natural da região autónoma, é «uma vitória natural» do PS açoriano e «uma garantia da identificação plena da direcção nacional do PS com as preocupações e carências da sua vida estrutural regional nos Açores».

Sem citar Vítor Constâncio, afirmam, ao invés que «uma vitória da outra candidatura compromete a independência do PS no seio da esquerda portuguesa e contribui para uma estratégia de isolamento dos socialistas açorianos».

PRD acusa Governo da Madeira de «baralhar» os madeirenses

O PRD acusou ontem o Governo Regional da Madeira de «tentar baralhar os madeirenses arranjando falsos responsáveis para as culpas que apenas resultam da sua governação desastrosa». Em comunicado distribuído no Funchal, os renovadores democráticos afirmam que se «pretende criar a ideia de que só o PSD é defensor da autonomia e que todos os outros partidos são inimigos desta conquista dos madeirenses».

Quanto ao recente aumento dos combustíveis decretado pelo executivo madeirense, o PRD considera que «o Governo acusa disso os responsáveis dos partidos da oposição mentindo ao povo da Madeira». Para este partido, a subida de preços tem origem no protocolo de reequilíbrio financeiro assinado com o Governo da República e estipula que «os preços dos combustíveis, líquido e gasoso na região serão

gradualmente aproximados aos preços praticados no Continente».

PRD e CDS reúnem-se

O encontro realizado ontem entre delegações do PRD e CDS a pedido dos centristas foi classificado pelo presidente do CDS Adriano Moreira, de «cortesia e de relacionamento entre os dois partidos». «Tratou-se apenas de uma visita de cortesia após a eleição da nova direcção do CDS, e retribuindo a visita feita pelo PRD», disse Adriano Moreira, acrescentando que «foi uma forma de estabelecer relacionamento entre os dois partidos, dentro e fora da Assembleia».

Para Herminio Martinho, presidente do PRD, a reunião foi um encontro normal entre dois partidos disponíveis para dialogar.

Lei de Bases do Sistema Educativo

Parlamento inicia discussão dos cinco projectos

A Assembleia da República inicia hoje o debate na generalidade de cinco projectos de Lei de Bases do Sistema Educativo apresentados pelos PCP, PS, MDP, PRD e PSD.

Saliente-se que a comissão parlamentar de Educação realizou entre 15 de Março e 5 de Maio um debate público sobre os referidos projectos com o objectivo de recolher pareceres e sugestões das entidades relacionadas com o sistema educativo.

Neste sentido, aquela comissão enviou os cinco projectos aos estabelecimentos de ensino, departamentos do Ministério da Educação e associações de pais, de estudantes e de estabelecimentos de ensi-

no particular e aos sindicatos de professores, ao mesmo tempo que promovia debates com deputados em algumas destas instituições.

Em conferência de Imprensa recentemente realizada, a comissão parlamentar de Educação manifestou todo o empenho em dotar o país de uma Lei de Bases do Sistema de Ensino ainda durante a presente sessão legislativa prevendo-se que a votação final global do texto sobre esta matéria se verifique entre 10 e 15 de Junho.

A comissão considera «necessária uma Lei de Bases que forneça um quadro estável que, dentro dos preceitos constitucionais vigentes, via-

bilize a reforma do sistema educativo e as actividades que neste sentido o Governo decidiu empreender de acordo com o seu programa».

De entre as questões mais debatidas a comissão salientou a definição e delimitação da escolaridade obrigatória e dos meios para que a sua frequência seja efectivamente universal e conseguida assim como a sua estrutura e objectivos.

Ênfase ainda para a importância prioritária do desenvolvimento da educação das crianças antes da escolaridade obrigatória, a estrutura do actual ensino complementar do secundário, o ensino técnico e formação profissional aos ní-

veis secundário e superior.

Os projectos de lei prevêem ainda a definição das formas de acesso ao ensino superior e a diversificação deste em politécnico e universitário, formas de segunda oportunidade educativa, formação inicial e contínua de professores e papel das escolas superiores de educação e das Universidades na mesma, descentralização e regionalização da administração do sistema educativo, gestão dos estabelecimentos de ensino e apoios ao ensino particular e cooperativo.

O plenário deverá concluir a discussão do projecto de lei e da proposta de lei sobre sanções penais aplicáveis em caso de incêndios florestais.

Sarney: doutor "honoris causa" pela Universidade de Coimbra

Augusto Vilela

«Abrem-se de par em par as portas da vetusta Universidade de Coimbra e vestem-se as melhores galas para com a maior honra e com o maior júbilo acolhermos entre nós o mais alto representante da nação irmã brasileira». Foi assim que o professor Manuel Ponto começou o elogio do professor Ferrer Correia, padrinho de José Sarney, que ao fim da manhã de hoje recebeu o grau de doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra.

Estas palavras correspondem exactamente ao espectacular e entusiástico ambiente que se viveu na Universidade de Coimbra com a completa adesão de toda a Academia. O longo cortejo de lentes passou com alguma dificuldade sob centenas e centenas de capas negras dos estudantes que com a sua presença testemunharam ao presidente da República do Brasil, José Sarney, o acolhimento caloroso que a sua pessoa suscitou. Foi uma cerimónia rara na pompa e no colorido, no ritual cujas raízes mergulham em séculos de tradição.

Para José Sarney este terá sido, talvez, o momento mais emocionante da sua visita a Portugal. O poeta e o intelectual encontrava-se numa universidade que ao longo dos séculos foi o núcleo da cultura portuguesa e cuja ligação ao Brasil vem igualmente de séculos.

José Sarney sublinhou o mesmo aos jornalistas durante a viagem de comboio para Coimbra. Lembrou que gerações e gerações de brasileiros por aqui passaram e daqui levaram as ideias liberais que formaram a consciência política do seu país.

Sarney, sempre acompanhado por Mário Soares, que não esconde o seu contentamento pela forma calorosa como o presidente brasileiro está a ser recebido, almoça hoje no Palácio de S. Marcos, após a cerimónia de doutoramento, seguindo mais tarde para o Porto em comboio especial no qual viajam também muitas dezenas de personalidades e toda a comitiva.

Ontem foi a Assembleia

O terceiro dia da visita oficial do Presidente José Sarney a Portugal foi marcado por um acto inédito no Parlamento português. Pela primeira vez estiveram presentes numa sessão solene dois Chefes de Estado — o Presidente brasileiro e o Presidente português, Mário Soares. E num ambiente marcadamente emocional, José Sarney deixou fluir toda uma afectividade para com os portugueses que transcendem largamente as fronteiras protocolares.

«Somos os brasileiros. Orgulhosamente portugueses», começou por dizer como sinal da sua «gratidão pela fidalguia desta acolhida», e sublinhando ser apenas «o mensageiro», pois «há nesse gesto todo o Brasil».

Mas nem só de emoção foram as palavras do Chefe do Estado brasileiro. Ele fez também uma análise do mundo de hoje. Disse que «o mundo marcha cada vez mais para ser um mundo interligado pelas convergências e contradições», que Portugal «é europeu mas não se libertará da vocação atlântica».

«O Brasil não tem, não teve, não terá posições hegemónicas, mas não abdica da defesa dos seus interesses e entre estes estão, sem dúvida, também, o das comunidades de língua portuguesa».

Afirmou noutra passagem que vinha propor «uma nova era nas nossas relações». Sublinhando que o Brasil dispõe de imensas potencialidades, caminha para relações estreitas com o mundo todo. «Estamos em toda a parte e grande é o nosso dinamismo, quer no sector comercial, quer no político, quer no cultural. Queremos que nessa nova etapa Portugal esteja junto connosco de modo mais estreito e intenso».

Lembrou que «o mundo atravessou o corredor do pessimismo da década de 70», mas que hoje não têm limites as perspectivas que as descobertas científicas oferecem.

«Não há mais países pequenos ou grandes. Há países que dominam a ciência, criam e desenvolvem tecnologias, ou países condenados à escravidão tecnológica».

Depois Sarney disse que o Brasil está a defender firmemente a sua participação no futuro da informática, das fontes alternativas de energia, na biotecnologia e em todos os ramos da tecnologia de ponta que possam assegurar a sua verdadeira liberdade, e que nesse sentido serão cada vez mais decididos.

«Convidamos Portugal a participar connosco desses programas, a intercambiar recursos humanos, a engajarmos as nossas universidades em trabalhos conjuntos».

Reconheceu as dificuldades, mas perguntou se haveria quem pudesse dizer que em algum tempo o povo português tenha sido vencido por dificuldades. E, poeticamente, concluiu: «Navegar no tempo é como marinar em águas desconhecidas. Para isso bastam-nos as estrelas e a coragem».

A série de discursos foi encerrada pelo Presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, que aludiu aos laços entre os dois países, ao seu per-

curso histórico comum, ao seu património de «talentos» que não podem ficar enterrados.

Sarney dirigiu-se depois ao Salão Nobre do Parlamento para receber cumprimentos das altas personalidades portuguesas presentes na cerimónia.

Deputadas portuguesas entregaram-lhe entretanto um apelo para que intervenha a favor de Ruth Escobar, condenada por um tribunal militar brasileiro, ainda no período pré-democrático. A sua condenação foi baseada em afirmações proferidas pela actriz durante a campanha eleitoral, denunciando casos de violência e corrupção.

Encontro com empresários

Ontem ao fim da manhã José Sarney presidiu ao encerramento de um encontro entre empresários portugueses e brasileiros, promovido pela Associação Industrial Portuguesa.

O Presidente Sarney afirmou que vai ter «uma conversa decisiva com os empresários do seu país, para se encetar uma nova era no relacionamento comercial entre os dois países», e que irá garantir-lhes todo o apoio do Governo para que sejam incentivadas as trocas comerciais com Portugal. «Não pode ser que o Brasil, a oitava economia do mundo, tenha relações empresariais tão limitadas com Portugal», afirmou José Sarney, que deseja que os dois países «saíam» do terreno frio dos acordos escritos para a realidade efectiva.

Na opinião do Presidente do Brasil a entrada de Portugal na CEE «suscita oportunidades novas a empresas dos dois países». Sarney sublinhou que «a língua comum, o facto de os portos portugueses serem na Europa, os mais próximos do Brasil, o estádio de desenvolvimento da indústria portuguesa, a sua reestruturação e modernização, tudo são factores propícios», acrescentando não o surpreender que «estejam prosperando entendimentos nesta área com um interesse manifesto de crescente número de empresas».

Entretanto, Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa, lançou «um desafio aos empresários e autoridades do Brasil para que criemos nós também um vasto programa de desenvolvimento tecnológico comum aos nossos dois países». Rocha de Matos lançou este reptó depois de se referir ao projecto Eureka, «nascido da cooperação e complementarização da indústria e dos centros de pesquisa da Europa». Acrescentaria ainda que a AIP está disponível para encetar desde já com as congéneres brasileiras os trabalhos preliminares deste projecto.

Por sua vez o presidente do Banapesca, o segundo maior banco do Brasil, Milliet de Oliveira, considerou que a adesão

de Portugal à CEE e a transformação económica operada no Brasil são dois factores de grande importância para que a cooperação empresarial luso-brasileira possa ser incrementada. Revelou depois que, a comprovar esse interesse dos empresários brasileiros investirem em Portugal, já foram assinados dois protocolos de associação de empresas brasileiras com empresas portuguesas e que em breve serão assinados mais quatro, na área dos transportes, produtos alimentares, informática e equipamentos.

Força pelo diálogo

Na conferência de imprensa que deu no Palácio de Queluz, acompanhado pelo presidente português, Mário Soares, José Sarney retomou de novo alguns aspectos económicos, mas dedicou também grande atenção às questões internacionais. A filosofia de base da política externa brasileira é o diálogo para resolver as grandes questões, em lugar das posições de força e as relações com todos os países, revelando a propósito que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil está a tratar do desbloqueamento das relações com Cuba.

Referiu-se de novo ao «apartheid», que o Brasil condena abertamente e enalteceu o papel do Grupo de Contadora, afirmando que «o diálogo é uma solução para resolver o problema da Nicarágua».

Sarney referiu-se à dívida externa brasileira salientando que o seu Governo «deixou de a ver puramente no aspecto económico, e tem agora também uma visão política». Afirmou que o Brasil «mantém uma posição firme ao pronunciar nas Nações Unidas que não disporá anualmente de 20 por cento das suas receitas e quatro por cento do produto interno bruto no sentido de a pagar».

Mário Soares foi também inquirido sobre a posição portuguesa em relação ao «apartheid», uma matéria em que Portugal não tem acompanhado com suficiente intensidade a condenação que lhe faz o Brasil. O Chefe do Estado Português respondeu que, da parte de Portugal, há uma clara condenação do «apartheid», mas que temos «interesses importantes a defender, como seja a presença na África do Sul de 750 mil portugueses».

Quanto às acusações dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa de que há sectores portugueses «cúmplices» das agressões contra Angola e Moçambique, Soares respondeu que todos os Governos portugueses têm condenado as agressões em África, que têm recebido informações nesse sentido mas que, «como somos um país aberto, onde não há censura, é só depois dessas coisas acontecerem».

nascimento viagens

AUTO-FÉRIAS

ALGARVE

MADEIRA

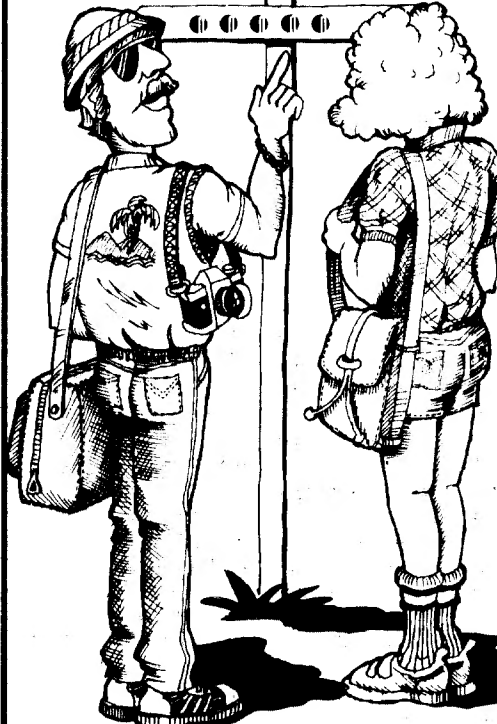
AÇORES

COSTA DEL SOL

BENIDORME

CANÁRIAS

PALMA DE MAIORCA



Faça férias de sucesso!!!

nascimento viagens

SEDE

RUA DAS FLORES, 71

TEL. (1) 37 26 21 (8 LINHAS)

1200 LISBOA

TELEXES 16723 / 42671

FILIAIS

RUA FERREIRA BORGES, 68

TELS.: (2) 32 20 23

4000 PORTO

TELEX 23138 / 27380

RUA DO COMERCIO, 89

TELS. (32) 2 61 91/2 / 2 21 52

3500 VISEU

TELEX 53154

Programas de Férias Nascimento Sucesso ao seu dispor nas nossas agências.

C.R.C.F.C. ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da Assembleia Geral, ao abrigo do número 7.2. do Artigo 7.º convoca todos os sócios a estarem presentes à Assembleia Geral Ordinária, que se realiza nas instalações do C.R.C.F.C., no próximo dia 17 de Maio de 1986, às 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Aprovação do Projecto de Alteração dos Estatutos;
2. Aprovação do Regulamento Interno;
3. Apreciação e votação do Relatório e Contas de Gerência e Parecer do Conselho Fiscal, referente ao exercício 1985/1986;
4. Acto Eleitoral.

Se à hora marcada não estiverem presentes pelo menos, metade dos associados no pleno gozo dos seus direitos, esta efectuar-se-á 1 hora depois com o número de sócios presentes.

Forte da Casa, 2 de Maio de 1986

O Presidente da Assembleia Geral

João Pereira de Sousa

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO VASCO SANTANA

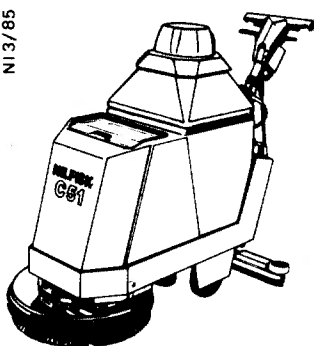
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE:
LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE
ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEIRO-CARLOS SANTOS-CLARA JOANA-HELENA FÉLIX-LUÍSA ORTIGOSO-FERNANDA COIMBRA-JOÉ BRÁS-VÍTOR HUGO-MANUEL MENDONÇA-PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 15



ASPIRADORES NILFISK

EM SUPERMERCADOS
CENTROS COMERCIAIS
ARMAZENS
GINÁSIOS



ASPIRADORES NILFISK

NAS INDÚSTRIAS
METALOMECÂNICA
ELECTRÓNICA
CONFECÇÕES
FARMACÉUTICA
QUÍMICA
ALIMENTAR
TÉXTIL



ASPIRADORES NILFISK

EM HOTÉIS
ESCOLAS
BIBLIOTECAS
HOSPITAIS
CONSULTÓRIOS
CLÍNICAS



NILFISK
A SUA GRANDE ASPIRAÇÃO

ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
Rua Cândido Figueiredo, 91-1 - 1500 LISBOA
Telefones: 78 83 31 - 78 99 55
(junto à C. Saúde Cruz Vermelha Portuguesa)
R. Oscar Silva, 233 - 4200 PORTO - Tel. 403424
(junto ao Liceu António Nobre)

AGARRE-SE À ESTRADA

Veja o estado dos pneus



Associação Rodoviária Portuguesa

Julgamento de Monsanto, 114.ª sessão

Sob o signo dos Ricardos

Dois Ricardos — o juiz-vogal e o réu — foram as «vedetas» da sessão de ontem do julgamento do caso FUP/FP25, uma das mais arrastadas e monótonas das 114 que até agora se viveram no Tribunal de Monsanto.

Interrogado pelo juiz-vogal Nunes Ricardo, o réu José Ricardo, como antecipadamente se temia, não pôde falar muito. O juiz espria-se em considerações, o réu e os jornalistas vêem-se em sérias dificuldades para perceberem onde quer o magistrado chegar e qual a pergunta que pretende colocar, o tempo vai passando com longas e pobres considerações sobre teorias e práticas mais ou menos políticas, chegando-se ao ponto do réu Ricardo ajudar o juiz Ricardo na interpretação de algumas siglas que o magistrado dá a sensação nítida de não dominar...

Ontem foi o quinto dia consecutivo em que o réu José Ricardo foi interrogado. A maior parte das coisas que disse já as havia dito anteriormente. Por este andar — Ricardo é o 34.º réu, ainda faltam quase outros tantos e as testemunhas são às centenas — o julgamento, com um bocado de sorte, estará terminado antes do ano dois mil.

De qualquer modo, registre-se que ontem o réu Ricardo admitiu — como já acontecera ante-

riormente com outros réus — a «infiltração» de membros das FP-25 na FUP ou na ECA do Projecto Global de Otelio Saraiva de Carvalho.

Na conversa mole que se desenrolou entre os dois Ricardos, o réu disse ainda que «não há nenhum partido que não tenha uma estrutura secreta» acrescentando que «o PC tem de certeza» e que «as armas apanhadas a Edmundo Pedro pertenciam à ECA do PS»...

José Ricardo, mais uma vez, negou pertencer às FP-25, organização que voltou a considerar como de esquerda, embora com uma «perspectiva diferente da do Projecto Global».

«Eles constituíram-se como um Exército revolucionário e nós éramos apenas um embrião» — explicou, admitindo de seguida que elementos da ECA e da FUP tenham militado simultaneamente no Projecto Global e nas FP-25.

«Admito isto apenas no plano meramente teórico, pois não tive conhecimento que isso tivesse acontecido» — sublinhou para concluir:

«Agora isso não pode nem deve servir à Polícia para prender militantes da FUP sob pretexto de procurar elementos das FP-25».

Se tudo correr normalmente o interrogatório de José Ricardo terminará esta tarde. Entretanto o juiz-presidente convocou também para esta tarde o réu Luís Filipe Góes Lopes, um dos presumíveis «operacionais» das FP-25.

O curioso, no entanto, é que o próprio juiz-presidente considerou «abstracta» e «teórica» a possibilidade este réu começar a depor esta tarde, pois, como noticiámos na altura, Governador Lopes, quando foi convocado pela primeira vez (em 18 de Abril), declarou-se afectado por «cansaço intelectual» e não chegou sequer a deslocar-se a Monsanto.

Segundo uma informação clínica lida mais tarde no Tribunal, o estado de saúde de Governador Lopes caracterizava-se nomeadamente por insónias, sono agitado, irritabilidade e humor depressivo.

Governador Lopes, 30 anos, foi capturado já depois do início do julgamento. Segundo a acusação interveio em diversas acções violentas reivindicadas pelas FP-25.

R.C.

"Vamos Festejar o Zeca" esta noite no Coliseu

E já esta noite que se realiza o espectáculo «Vamos Festejar o Zeca», uma homenagem prestada ao cantor e compositor José Afonso, um dos expoentes máximos da Música Popular Portuguesa e da luta antifascista.

O concerto, organizado pelos Grupos Culturais da Banca (BESCL, BBI, BFN, BP, BPSM, BTA, CPP) e pela Federação Nacional dos Professores é «o modo simples de testemunhar ao Zeca um sentimento do de gratidão».

Na homenagem ao autor de álbuns como «Venham Mais Cinco», «Com as Minhas Tamanquinhas» e mais recentemente «Galinhas do Mato» participam Vitorino e o Bando da Planície, José Mário Branco, Janita Salomé, Grupo de Galiza Paesinho, Amélia Muge, Kiki

Lima (Cabo Verde), Grupo Cantaril, Pedro Osório, Grupo de Fados de Coimbra, Corais da Banca, Maria do Céu Guerra e José Fanha.

Segundo a organização, «festejar o Zeca é reconhecer a sua importância na formação social e política de gerações e dignificação da Música Popular Portuguesa que o regime, apostado na madiocridade, silenciava havia décadas».

Mas nem por isso José Afonso deixou de compor, nem aqueles que acreditavam na democracia deixaram de encontrar nas suas poesias uma palavra de esperança.

«Festejar o Zeca» é tudo isto e o muito que fica por dizer. É saber ser solidário ontem como hoje. Vamos festejar o Zeca e levar «mais um amigão também».



"Pentateuco": o primeiro livro impresso em Portugal

O nascimento da tipografia em Portugal está muito ligado à vida da comunidade hebraica da segunda metade do século XV, à semelhança do que sucedia então com a generalidade dos outros países europeus.

Assim explica António Ribeiro dos Santos («Memória sobre as origens da tipografia em Portugal no século XV») o incremento da tipografia entre os judeus: «A prática em que estavam os judeus de multiplicarem os exemplares da lei para uso das suas Sinagogas, e dos mesmos particulares, fazia com que também se multiplicassem os seus impressores.»

Artur Anselmo («Origens da Imprensa em Portugal») parece inclinar-se para a hipótese de ter nascido em Faro a primeira tipografia portuguesa.

Faro era — escreve — uma das localidades portuguesas que ofereciam melhores condições para a impressão: estava no caminho da rota internacional do papel, próxima do Sul de Espanha e do Norte de

África, pontos tradicionais do seu fabrico, e o acesso natural ao Mediterrâneo facilitava-lhe o estreitamento das relações com as comunidades judaicas do norte de Itália.

A primeira edição tipográfica portuguesa conhecida foi impressa em Faro em 1487: o Pentateuco. Trata-se de um trabalho de Samuel Gacon, um judeu fugido de Espanha ao terror da Inquisição.

Antes dessa data, circulavam já livros em Portugal, mas admite-se que fossem estrangeiros transportados por livreiros de outros países.

De qualquer forma, os investigadores não excluem a hipótese de ter havido antes de 1487 tipografias em Portugal, designadamente nas cidades de Leiria (capital dos moinhos com que então se fabricava o papel), Lisboa e Chaves. Foi nesta cidade transmontana que se imprimiu o primeiro livro de língua portuguesa de que se tem conhecimento seguro: o «Tratado de Confissão», acabado em 1489 e descoberto apenas em 1965 pelo antiquário Tarcísio Trindade.

O achado — escreve Artur Anselmo — permitiu «avancar consideravelmente nos estudos incunabulísticos» e revolucionou «toda a geografia cultural dos primórdios da tipografia portuguesa, fazendo concentrar na obscura cidade de Chaves (então uma simples «vila») as atenções dos historiadores e estudiosos.»

Este achado tão recente levou Pina Martins a admitir que «se é possível aparecer em 1965 um pequeno livro absolutamente desconhecido desde sempre, quase totalmente escrito em língua portuguesa, quem nos pode afiançar sem hesitação que não aparecerão amanhã outros de análoga estrutura doutrinária e literária, dado que obras deste género podem facilmente destruir-se ou perder-se?»

«No estado actual das investigações — como sublinha a Enciclopédia Polis —, não se conhece nenhum livro impresso em Portugal antes de 1487, data do Pentateuco hebraico impresso em Faro por Samuel Gacon.»

Oscar Lopes: sinais de literatura

Foi ontem ao fim da tarde, na Casa da Imprensa, em Lisboa, que Oscar Lopes fez a apresentação pública da sua mais recente obra, «Os sinais e os sentidos», em edição da Caminho. Acompanharam-no, nesta sessão-debate, o professor David Mourão-Ferreira e o dr. Manuel Gusmão.



"Era uma vez a escola": o livro de um projecto

«Era uma vez uma escola», assim se chama o produto de um projecto de investigação-acção, centrado na problemática dos obstáculos ao sucesso escolar das crianças de meio popular, dinamizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento. O lançamento da obra foi ontem

feito no Centro Nacional de Cultura. O livro e o respectivo projecto foram financiados pela Fundação Bernard Van Leer, com o objectivo principal de construir novas relações e novas práticas escolares e culturais que facilitem o sucesso escolar e o processo de aprendizagem e de crescimento de todas as crianças.

Abecasis auto-empossou-se

«Na EPUL não vai haver mais edifícios tipo Restelo, nem mais brincadeiras arquitetónicas». Com este propósito anunciado alto e bom som, o presidente da câmara, Nuno Abecasis, auto-empossou-se ontem como presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

«Quem esteve atento a estes últimos sete anos sabe como a câmara decidiu combater a degradação da habitação da cidade, e considerando o direito à habitação condigna, a câmara julga que está na altura de, numa forma muito mais estreita, coordenar a sua acção com a EPUL», afirmou o presidente da edilidade quando usava da palavra no acto de posse.

Para Abecasis, como fez questão de sublinhar por diversas vezes, trata-se de pôr fim a duas orientações diferentes «até aqui existentes». Razão por que, segundo as suas palavras, «esta mudança é uma mudança radical na política que a EPUL vinha seguindo até agora» com particular atenção para as classes médias, consideradas como o segmento social mais sacrificado na presente conjuntura portuguesa.

E nesta mudança, Abecasis promete ir longe: «Definirei ex-

actamente o tipo de edifícios que quero, mesmo entrando pela definição arquitectónica» porque, segundo afirma, «os tempos de hoje não se compadecem com a liberdade de criação»...

Mas, para além destas afirmações de que as necessidades limitam a liberdade criativa, ou de que esta é contrária aos tempos de hoje, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa afirmou já ter planos concretos para o futuro da EPUL.

Passo para bolsa de terrenos

Assim, depois de criticar as anteriores opções seguidas pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, Nuno Abecasis acena com a redução de preços das construções, «pois se a empresa constrói para a classe média não é admissível que venda casas entre os 8 e os 12 mil contos».

Para baixar estes preços, será introduzido um esquema de compensações que consiste na venda de terrenos camarários e projectos realizados pela EPUL a empreendedores privados para edificações em zonas de luxo, cujos lucros poderão subsidiar a construção nas zonas de intervenção da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

Segundo o presidente da câmara, a edilidade possui uma série de edifícios em estado irrecuperável em zonas de Lisboa onde a construção de luxo é possível o que obrigará o município a pegar nos habitantes daqueles imóveis e a levá-los para as casas construídas pela EPUL.

Respondendo a uma questão colocada pelo «DL» sobre se este mecanismo não seria uma forma de, mais uma vez, desmunicipalizar solo da cidade, como os seus críticos têm vindo a repetir, Abecasis declarou que «o património municipal não é um enfeite». «Não tem sentido ter uma câmara rica com uma população pobre», sublinhou, acentuando que a viabilidade do seu projecto se deve à «existência de um défice de habitação de luxo em Lisboa».

Por outro lado, como o próprio presidente da câmara e da EPUL (dupla condição que, como comentou o vereador Vasco Franco torna difícil a distinção entre os cargos) admitiu, este poderá ser o primeiro passo para a implementação de uma bolsa de terrenos.

No entanto, Abecasis negou que, pelo processo das compensações, a Câmara de Lisboa se esteja a converter numa «câmara providência» para as empresas privadas de construção. «A justificação da iniciativa privada é pagar os custos sociais e nós orientamos, definindo as regras e criando as oportunidades», declarou ao «DL».

Na cerimónia ontem realizada nos Paços do Concelho foram também empossados à frente da EPUL Mário de Azevedo, Fernando Pinto Leite e Barreiros Cardoso. Um quinto membro do novo Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa,

Joel Hasse Ferreira só será empossado dentro de dois meses por, ao que foi afirmado, conveniência da instituição onde actualmente exerce funções.



Rábula em duas falas num país não muito distante

Q. Costa

O empossador: Senhores vereadores democráticos, minhas senhoras e meus senhores, estamos aqui reunidos para dar posse ao novo e promissor conselho de administração desta empresa. Quero em primeiro lugar afirmar inequivocamente que deposito as maiores esperanças nesta nova equipa, nomeadamente porque à sua frente se vai encontrar um homem cujas qualidades técnicas, científicas e urbanísticas tem provocado, desde que me conheço, a minha mais intensa e terna admiração. Dirijo-me (aponta, num gesto magnífico, para o espelho que se lhe encontra de frente) a V. Ex.^a, senhor presidente do conselho de administração que agora emposso, homem de excelsas virtudes e de acrisolada modéstia, cujo fulgurante percurso tenho sempre acompanhado e vivido, como se meu fosse. Houve entre mim e V. Ex.^a, e julgo poder dizê-lo, desde sempre, aquela simbiose de almas gémeas irmanadas na mesma ambição comum. Pra os meus detractores que insistem em afirmar que eu sou completamente incapaz de trabalhar em equipa e de ouvir as opiniões dos outros. A existência de V. Ex.^a é a refutação mais peremptória de tão vil e inconsistente calúnia. Na realidade, não só sempre valorizei as opiniões de V. Ex.^a como se minhas próprias fosse, como tenho prosseguido como V. Ex.^a um poderoso trabalho conjunto, profundo e impenetrável. É certo

que até à data, tem sido unicamente com V. Ex.^a que tenho conseguido essa conjunção. Mas isto porque, apenas em V. Ex.^a tenho encontrado aquela ansia pelos grandes volumes e vastos horizontes urbanos que em todas as épocas, desde Keops a Kefren, passando por V. Ex.^a, tem individualizado e marcado os homens de génio.

Antes de terminar queria ainda assinalar que esta nomeação representa um importante avanço anatómico na administração desta empresa. Na realidade, na tomada de posse do anterior presidente afirmei que este seria os meus braços direito e esquerdo. Essa feliz expressão levou-me posteriormente, em face do trabalho desenvolvido, a ser apelidado de Vénus de Milo, o que prova a compatibilização e a convivência entre as culturas megalítica e clássica, apesar do que insinuam alguns caluniadores cavilosos e totalitários. Hoje posso ousadamente declarar que V. Ex.^a será a minha cabeça, o meu tronco e os meus membros, quer pelo que tenho conhecido de V. Ex.^a, quer pela sua imagem radiosa (aponta insistentemente e com emoção o espelho) da qual, pelo vibrante e mimético esbracejar com que V. Ex.^a tem continuamente acompanhado a minha alocução, sinto difundir-se o integral e imediato reflexo das ideias que acabo de expender.

O empossado (dirigindo-se ao espelho): Senhor presidente, alguns

senhor vereadores, meus senhores e minhas senhoras. Em primeiro lugar queria agradecer, penhorado, as palavras de V. Ex.^a, que tanto mais me confundem e sensibilizam quanto conheço as insuperáveis qualidades de discernimento e de rigor na avaliação dos outros, de que V. Ex.^a foi tão profusamente dotado. Vindas de um ente superior e exigente como V. Ex.^a, essas palavras serão para mim um poderoso estímulo para as duras tarefas de que V. Ex.^a me acaba de incumbir. Em segundo lugar queria reforçar as afirmações de V. Ex.^a, se é que alguma dúvida pudesse ainda subsistir, de que a nossa acção se efectuará em perfeita unicidade. Nem poderia negar, eu que desde sempre e quotidianamente tenho dado comovidas graças ao destino pela excepcional oportunidade que me tem concedido ao permitir-me todos estes anos de trabalho conjunto e permanente com o homem de génio incomparável que é V. Ex.^a. Assim deixo aqui a promessa e a garantia que acompanharei permanentemente V. Ex.^a, tanto física como espiritualmente, terei as ideias que rasgarem o cérebro privilegiado de V. Ex.^a, darei os passos que os poderosos frémits musculares de V. Ex.^a prefigurarem, sonorizarei as palavras que os lábios vibrantes de V. Ex.^a modularão, gesticularei as frases que as eloquências de V. Ex.^a produzirão, dependurarei no meu prescoço a gloriosa cadeia de escanção que o peito generoso de V. Ex.^a ostentará nas cerimónias oficiais, serei em suma a réplica viva de V. Ex.^a acompanhando-o sem excepção em todas as situações. E, enquanto a reforma, exaltante predestinação dos administradores desta casa, não nos contemplar, mourejar com V. Ex.^a até às 5 da manhã, garantindo desde já que, enquanto V. Ex.^a não adormecer, eu me manterei acordado.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

COMUNICADO

DO CONSELHO DE GERÊNCIA DA C. P.

ACIDENTE NA ESTAÇÃO DE PÓVOA DE SANTA IRIA

1. Verificou-se no dia 6 de Maio pelas 12.15 horas um acidente ferroviário na estação de Póvoa de Santa Iria. O comboio n.º 3010 proveniente da Covilhã embateu pela rectaguarda no transvia n.º 2824 proveniente de Vila Franca de Xira estacionado naquela estação, havendo a lamentar, até este momento, 19 mortos e dezenas de feridos.
2. Para apuramento das causas do acidente foi imediatamente nomeada uma comissão de inquérito, que iniciou logo os respectivos trabalhos e cujas conclusões — quanto às condições em que aquele se verificou e à imputação das responsabilidades correspondentes — serão oportunamente tornadas públicas.
3. A C. P. manifesta o seu pesar às famílias das vítimas e assumirá, como é habitual, o pagamento das despesas com funerais e internamentos hospitalares, para lá das indemnizações devidas.
4. A C. P. agradece desde já o apoio prestado às vítimas do acidente por diversas entidades e em especial às corporações dos bombeiros e aos serviços hospitalares pela sua actuação diligente.
5. A circulação ferroviária ficou normalizada a partir da 1.30 horas na via ascendente e das 3.05 horas em ambas as vias.

Lisboa, 6 de Maio de 1986

O CONSELHO DE GERÊNCIA



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

MOÇÃO

Considerando o dramático acidente ferroviário que no dia 5 do presente mês de Maio, pelas 12.10 horas enlutou o País e que teve lugar em Concelho limítrofe ao de Loures, concretamente na povoação da Póvoa de St.ª Iria;

Considerando a dimensão e gravidade dele e ainda a circunstância de algumas das famílias enlutadas serem também municipais de Loures;

Os Vereadores da Câmara Municipal de Loures, reunidos no dia 6/5/86, deliberaram:

- 1 — Manifestar o profundo pesar aos familiares dos sinistrados e sugerir ao Senhor Presidente da Câmara que o expresse àqueles familiares, acompanhando-os, em representação do Concelho nesta hora;
- 2 — Expressar o reconhecimento pela pronta colaboração de todas as instituições humanitárias do Concelho de Loures no apoio aos sinistrados do dramático acidente, em especial aos Bombeiros;
- 3 — Lamentar profundamente o acidente em si e a circunstância do mesmo ter ocorrido escassos meses após o que teve lugar em Alcaface, também este com graves consequências, importando assim que se encetem medidas que de todo os evitem.

Loures, 6 de Maio de 1986

Aprovado por unanimidade



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO

DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

MOÇÃO

A Assembleia Municipal de Sobral de Monte Agraço, reunida em sessão ordinária no dia 28 de Abril de 1986, na sala nobre dos Paços do Concelho em Sobral de Monte Agraço, deliberou aprovar a seguinte moção:

— O progresso e aperfeiçoamento técnico-científico da humanidade, a abundância de bens e condições materiais, garantem ao mundo, nestes finais do século XX, uma real prosperidade social. Corre-se no entanto o risco de que toda esta criação se possa virar contra a própria civilização humana.

— Salvaguardar a paz e defendê-la, conter as forças militaristas, pôr termo à fabricação de novo armamento e extinguir progressivamente o existente, é tarefa urgente e imediata dos Povos de todo o Mundo, em nome das gerações actuais e vindouras.

Assim, garantindo a paz universal, pode ser possível, desde que se lance uma coexistência pacífica entre os Povos com sistemas sociais diferentes, ou seja, estarmos uns com os outros, mesmo com opiniões contrárias.

Não vamos desenvolver e utilizar armas para provar a nossa supremacia, vamos antes consegui-lo através do desenvolvimento económico, científico e cultural, conseguindo deste modo uma melhoria de condições de vida para todos.

Traduzindo as aspirações pacíficas de toda a humanidade, a Assembleia Geral da ONU proclamou por unanimidade o ano de 1986 como o Ano Internacional da Paz.

No mesmo contexto, também a Assembleia Municipal de Sobral de Monte Agraço, reunida em sessão ordinária a 28 de Abril de 1986 nos Paços do Concelho de Sobral de Monte Agraço, não quis deixar de manifestar todo o seu empenho na construção de um mundo mais justo e de cooperação entre os Povos e de um Universo com perspectivas pacíficas, dinamizando, colaborando e participando em todas as iniciativas que tendem à salvaguarda da Paz e à contenção do armamento, na defesa de um mundo onde valha a pena viver.

«A PAZ TEM QUE SER OBRA DE TODOS.»

Sobral de Monte Agraço, 28 de Abril de 1986

II Congresso dos Professores começou esta manhã na Estufa Fria

Com a recepção dos delegados e convidados, começou esta manhã no Pavilhão da Estufa Fria, o Segundo Congresso Nacional dos Professores.

Promovido pela Federação Nacional dos Professores, o Segundo Congresso encerra no sábado de manhã com a intervenção do Presidente da República. Deverá também estar presente o presidente da Assembleia da República.

Os trabalhos dividem-se em duas partes: uma em que serão debatidas questões internas da Fenprof e outra dedicada ao debate do tema de estudo «Democratizar e renovar o sistema educativo português — as propostas da Fenprof para uma lei de bases e o desenvolvimento da educação».

Esta tarde decorre a sessão de abertura em que são intervenientes o presidente e o secretário-geral da Fenprof, respectivamente, Francisco de Sousa e António Teodoro.

Ao fim da tarde serão aprovados o regulamento do funcionamento do congresso, o regulamento eleitoral e far-se-á a apreciação do relatório de actividades da federação desde o primeiro congresso, em Abril de 83.

A apreciação prolongar-se-á pela sessão de amanhã, devendo

também ser debatidas e aprovadas alterações aos estatutos da federação.

Na sessão da tarde será debatido o programa de acção da Fenprof para o triénio de 86 a 89 e apresentadas as listas candidatas ao conselho nacional e comissão de fiscalização, decorrendo as eleições no dia seguinte.

A sexta-feira será consagrada ao debate do tema de estudo. Antes da sessão de encerramento marcada para o meio-dia de sábado serão votadas moções estranhas à ordem de trabalhos e apresentados os membros eleitos para os órgãos dirigentes da federação. O secretário-geral da federação intervém sobre as re-

soluções do congresso e perspectivas para o futuro.

Mais de um milhar de delegados eleitos em todo o continente e regiões autónomas participam neste II Congresso e estão presentes como convidadas duas confederações mundiais de ensino — a FISE e a CMOPE — e duas federações internacionais, a FIAI e a FIPESO. Estão ainda presentes representantes de estruturas sindicais ligadas ao ensino de todos os países de língua oficial portuguesa, de França, Itália, Inglaterra, El Salvador e Marrocos.

Uma delegação de congressistas assiste esta noite à festa de homenagem a Zeca Afonso, no Coliseu dos Recreios.

Forum Pedagógico em Coimbra

Alunos e professores debatem gestão e aspectos pedagógico

Professores e alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra debateram ontem, pela primeira vez em conjunto, questões pedagógicas e de funcionamento daquela escola.

No primeiro Forum Pedagógico da Faculdade de Direito de Coimbra foram criticados aspectos do funcionamento e gestão, e adiantadas algumas propostas de âmbito pedagógico.

No debate, organizado pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), esteve particularmente em foco e comunicado que esta estrutura associativa emitiu em 21 de Abril último e no qual os órgãos de gestão são acusados de falta de «transparência» na sua acção e funcionamento.

Os alunos subscreveram na sua maioria o conteúdo desse comunicado, mas as opiniões dividiram-se quanto à oportunidade da sua emissão, «porque a acção da Direcção-Geral não foi concertada com os representantes dos alunos nos órgãos de gestão» — observaram.

Segundo alunos da assembleia de representantes o comunicado «peca por defeito e pelo momento da sua emissão, o que pode pôr em causa o diálogo e o trabalho já desenvolvido pelas estruturas estudantis da faculdade e que em breve iria ser divulgado».

O presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Direito, Orlando de Carvalho, considerou aquele comunicado como uma «atitude de total irresponsabilidade e de levianidade patente».

Para Orlando de Carvalho, o comunicado da Associação Académica «lança a ideia errada e injusta de que a Faculdade de Direito de Coimbra é a mais degradada do País em termos pedagógicos».

Após a intervenção daquele docente, alunos pertencentes aos órgãos de gestão insistiram que o seu poder reivindicativo foi reduzido, «uma vez que a posição não foi conjunta e defenderam que «era bom os órgãos representativos dos estudantes assumirem os seus lugares e competências».

Os elementos da direcção-geral da AAC, presentes no debate, defenderam que a sua actuação «foi correcta» e que as posições assumidas no comunicado «não obstam ao diálogo nem a posições a tomar pelos alunos eleito para os órgãos de gestão, na sequência do trabalho já desenvolvido».

Sem carácter conclusivo, foram adiantadas algumas propostas sobre alterações a introduzir no funcionamento daquela Faculdade, tais como a redução do número de admissões nos ingressos, criação de um livro de ponto para controlo da assiduidade dos professores e fixação de limites de tempo nas provas orais.

A atenuação da disparidade de critérios de avaliação, o aumento do número de turmas quando os inscritos em cada ano o justifique, a publicação dos critérios de correcção das provas escritas, admitindo a possibilidade de recurso e a ampliação das instalações foram outras das ideias adiantadas.

Região do Vale do Lima

não capta programas da RTP

As Câmaras do Vale do Lima enviaram ao Primeiro-Ministro Cavaco Silva uma moção protestando pela não recepção dos programas da RTP, devido a avaria frequente dos retransmissores.

O documento, enviado simultaneamente aos presidentes da Assembleia da República e da RTP reclama a resolução «urgente do problema» e acrescenta que «por colapso do retransmissor do Muro/Lindoso/Ponte da Barca, ocorrido em 17 de Janeiro último, a região encontra-se impossibilitada de receber qualquer um dos canais da televisão portuguesa».

O texto, subscrito pelos responsáveis das Câmaras Municipais de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo, salienta que «a região do Vale do Lima é prejudicada pelas deficientes condições e frequentes avarias do retransmissor da RTP, situação que concorre para que alguns concelhos unicamente sintonizem a televisão espanhola».

Arquitectura do Baixo Alentejo foi debatida em Castro Verde



Os arquitectos sul-alentejanos, reunidos no NARBA, pretendem preservar a arquitectura da sua região que tem Beja (na «foto») como pólo aglutinador

Os arquitectos do Baixo Alentejo, enquadrados no NARBA (Núcleo de Arquitectos Residentes do Baixo Alentejo), reunidos em Castro Verde, elegeram o seu Secretariado que ficou assim constituído: Leonor Gomes, João Massapina, Fernando Travassos e Teresa Ribeiro.

Durante a reunião foram ainda aprovados os documentos internos do NARBA, organismo criado no âmbito das conclusões saídas do 3.º Congresso da Associação de Ar-

quitectos Portugueses, realizado no Porto.

Integrado por trinta elementos, oriundos dos concelhos de Beja, Sines, Santiago de Cacém, Alcaer do Sal e Grândola, o NARBA irá reunir-se de novo em Maio, deste ano, na «Vila Morena», de forma a discutir problemas relacionados com a interligação dos arquitectos com as Câmaras baixo-alentejanas, no sentido de ser preservada e dinamizada a Arquitectura da região.

Reacção ao corte de financiamento

Vidreiros da Marinha Grande ocuparam dependências bancárias do concelho

Os trabalhadores das cinco empresas de cristalaria da Marinha Grande a quem o Governo anunciou ter cortado todo o suporte financeiro, ocuparam esta manhã as quatro dependências bancárias do concelho.

Esta ocupação foi decidida durante uma concentração na Praça Stephens, frente à Câmara Municipal, em que participaram, a partir das dez horas da manhã, praticamente todos os vidreiros que na altura não asseguravam o funcionamento das fábricas. Trata-se de uma primeira reacção às notícias segundo as quais o Governo tinha decidido cortar o financiamento que estava a assegurar há anos para manter essas fábricas em laboração e garantir os respectivos postos de trabalho.

As cinco empresas de cristalaria afectadas são a Ivima, a

Manuel Pereira Roldão, a J. Ferreira Custódio, a Feis e a Dâmaso Luís dos Santos. O conjunto desta indústria da Marinha Grande tinha assinado com o anterior Executivo, a 4 de Janeiro de 85, um acordo de viabilização segundo o qual seria feito o saneamento financeiro de modo a aliviar as empresas dos encargos de curto prazo do serviço da dívida que torna inviável a exploração normal.

O Governo terá canalizado nos últimos quatro anos dois milhões de contos para a cristalaria e, este ano, só para manter as cinco fábricas em funciona-

mento, seriam necessários mais cerca de um milhão de contos. Foi esta última verba que o Governo decidiu retirar assim como disse não completar o saneamento financeiro implícito no contrato de viabilização.

Segundo um porta-voz do Sindicato dos Vidreiros, em declarações prestadas esta manhã ao «Diário de Lisboa», «sem o saneamento financeiro e investimentos que modernizem a produção as fábricas estas dificilmente aguentarão a pressão das dívidas e a mais curto ou longo prazo poderão ser forçadas a encerrar as suas portas».

Há 250 postos de trabalho em causa e na iminência de serem extintos o que afectaria directamente a vida de umas seis mil pessoas do concelho. Por via indirecta, serão afectadas outras

empresas produtoras de vidro da região assim como a indústria e o comércio subsidiários. A verificarem-se estes despedimentos colectivos, calcula-se que no conjunto do concelho deixariam de circular mais de um milhão de contos com todas as consequências daí resultantes.

A ocupação das quatro dependências bancárias fez-se sem alterações de maior na vida da vila. Inclusive, até ao fim da manhã, não se notava qualquer reforço policial para além dos efectivos normais existentes na Marinha Grande. No entanto, uma agência noticiosa referiu forte movimentação de unidades militarizadas a caminho da Marinha Grande. Na própria sede do concelho era voz pública de que esses efectivos estariam a concentrar-se nas Caldas da Rainha.

Toxicómanos portugueses a reabilitar no estrangeiro

Cento e dez toxicómanos portugueses encontram-se em centros de reabilitação estrangeiros da instituição «Patriarche» — disse à Anop Lopes de Mendonça, de uma organização de pais que apoia aquela instituição.

Lopes de Mendonça informou que, no âmbito daquela instituição internacional, se realizou ontem em Lisboa, na Associação de Deficientes das Forças Armadas, uma reunião para «tentar erguer um Centro de Atendimento para Drogados» na capital.

«Actualmente encontram-se em centros de atendimento portugueses no Norte do País cerca de 450 jovens drogados, dos quais 60 a 70 serão reabilitados», afirmou.

Lopes de Mendonça indicou que «a maioria dos jovens drogados, que passam pelos centros, pertencem à alta e média burguesia, mas igualmente são tratados jovens marginais bem como até ciganos».

Referiu que a instituição «Patriarche», fundada pelo judeu francês Lucien Engelmeier, logo após a sua saída, em 1945, de um campo de concentração nazi, tem actualmente centros de reabilitação para toxicómanos na Suíça, Irlanda, França, Bélgica, Itália e Espanha.

Lopes de Mendonça apontou que em centros de reabilitação daquela instituição se encontram jovens «rapazes e raparigas, que foram iniciados na droga aos oito anos».

«Em Portugal, está uma jovem belga, em processo de recuperação, que se começou a drogar aos 10 anos, tendo-se prostituído aos 12 para poder arranjar dinheiro para comprar droga», frisou.

Abrangendo a península, zona atlântica e caminho-de-ferro

Portugueses e espanhóis entendem-se para desencadear combate à droga

Responsáveis governamentais portugueses e espanhóis debateram a formação de uma «barreira de protecção» contra o tráfico de droga no sul da Península, zona atlântica e linha férrea Lisboa-Madrid — disse à Anop o técnico espanhol Miguel Solans.

Miguel Solans, delegado do governo espanhol para o plano nacional sobre a droga, presidia à delegação que ontem se deslocou ao Ministério da Justiça para uma reunião entre os dois países.

Estiveram presentes os portugueses Lourenço Martins, procurador-geral adjunto da República, Joaquim Rodrigues, do Planeamento e Coordenação do Combate à Droga e Lopes Rocha, director do Gabinete de Apoio Técnico Legislativo do Ministério da Justiça.

A delegação espanhola era composta ainda por Fernando Pastor, secretário-geral técnico do Ministério da Justiça espanhol e Felix la Porta, conselheiro da Embaixada espanhola em Portugal.

«Esta é apenas uma primeira reunião em que se irá estudar as possibilidades de acordos de cooperação na luta contra o tráfico de droga» — disse Lopes Rocha.

Na reunião será analisada a cooperação no domínio da acção das entidades policiais e aduaneiras dos dois países, e também quanto aos problemas de ressocialização e tratamento de toxicómanos, extradição e tratamento de condenados.

«A legislação portuguesa é uma das mais avançadas da Europa no que respeita ao combate à droga» — disse Lourenço Martins, especificando que «a identificação, apreensão e ganho para o Estado dos pertencentes adquiridos pelos traficantes» são os pontos fundamentais onde esse avanço se nota.

Para Miguel Solans, esta reunião «é importantíssima». «É necessário estabelecer grandes linhas de estudo nos campos de informação, sanidade, serviços sociais e reabilitação e reinserção social» — justificou.

Miguel Solans apontou ainda o problema de Espanha ser

um país onde entra anualmente grande quantidade de droga, vinda do Norte de África e, sobretudo, dos países latino-americanos, e que Portugal, como seu país vizinho «tem um papel importantíssimo no ataque a esta rede».

A colaboração entre as Polícias de Portugal e Espanha no combate ao tráfico de droga, intensificou-se nos últimos anos a partir de acordos entre os ministérios da Administração Interna dos dois países.

Esta cooperação deu lugar à desarticulação de canais de tráfico que entram em Portugal com destino a Espanha e Europa.

Na semana passada a Polícia espanhola prendeu os membros de uma rede internacional que introduzia droga procedente da Colômbia por via aérea até Lisboa, e depois por via férrea e automóvel até Madrid e Barcelona. Foram apreendidos 7 quilos de cocaína.

A Polícia espanhola pensa que os traficantes sul-americanos utilizam com frequência Portugal como porta de entrada da droga a colocar em Espanha e na Europa.

Adiado o julgamento dos bombeiros incendiários

O julgamento de sete bombeiros de Brásfemes, Coimbra, acusados por crime de fogo posto foi adiado para o dia 23 de Maio.

Os réus compareceram perante o juiz de Instrução Criminal em Setembro e terão admitido serem os autores de alguns incêndios registados no Verão de 1984.

A razão invocada, na altura, terá sido o gosto de combater fogos, não tendo, entretanto, sido aprovado o envolvimento de outras pessoas.

Apenas três réus compareceram ontem na sala de audiências do Tribunal Judicial de Coimbra, onde algumas dezenas de pessoas se preparavam para assistir ao julgamento.

Engenho explode num camião

Um camião ficou parcialmente destruído no concelho de Ponta do Sol a oeste do Funchal devido ao rebentamento de um engenho explosivo — disse uma fonte policial.

A explosão que ocorreu ao fim da tarde de segunda-feira em pleno centro do sítio da Lombada deu-se junto de uma viatura pesada que costumava estacionar no local, perto da casa do proprietário.

Um autarca coelhinho disse que o explosivo deveria estar dentro da cabina da viatura.

A mesma fonte manifestou a convicção de não ter havido qualquer crime adiantando que possivelmente um curto-circuito na bateria poderá ter accionado o explosivo que poderia pertencer ao dono do camião.

A Polícia Judiciária e a PSP estão a investigar o que terá accionado o explosivo e a sua proveniência.

Rede de droga actua em Leiria

A PSP de Leiria, no âmbito da acção que está a desenvolver no combate ao tráfico e consumo de droga, anunciou ter detido 4 homens e uma mulher, com idades entre 25 e 30 anos.

Num comunicado do Comando Distrital de Leiria divulgado ontem a PSP refere que quatro dos detidos residiam em Leiria e um na Marinha Grande, tendo sido apreendida «alguma heroína e utensílios usados pelos consumidores para se injectarem».

Os detidos, apresentados a tribunal no passado dia 2 de Maio, fazem parte de uma rede bem mais vasta e que tem sendo perseguida — acrescenta o comunicado da PSP.

Rén absolvido da acusação de homicídio

Delfim dos Santos de Sousa, 32 anos, a cumprir pena de 25 anos por vários outros crimes foi ontem absolvido pelo Tribunal do Barreiro, da acusação de homicídio.

Delfim dos Santos presumível assaltante armado de «G-3», a um estabelecimento de electrodomésticos do Barreiro era acusado de ter atingido a tiro o seu proprietário Fernando dos Santos Silva na madrugada de 13 de Outubro de 85.

Delfim dos Santos negou sempre ao Tribunal ter participado no assalto apesar da mulher do proprietário do estabelecimento de electrodomésticos o ter identificado.

O julgamento teve grande aparato policial e o Delfim dos Santos após ser absolvido regressou ao estabelecimento prisional para cumprir a sentença de 25 anos de prisão por vários crimes a que anteriormente fora condenado.



EDITAL

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE OEIRAS

Faz público, que em reunião de Câmara de 23 de Abril último, foi deliberado abrir concurso público para arrematação do direito de ocupação de um «rondável» sito no Parque Municipal de Oeiras.

As propostas serão enviadas ao presidente da Câmara Municipal de Oeiras, pelo correio, em envelope fechado e lacrado, indicando exteriormente a que se destina, até às 17 horas do dia 19 de Maio do corrente ano e abertas às 10 horas do dia seguinte, na sala de reuniões da Câmara, perante a Comissão designada para o efeito.

As condições de arrematação do direito de ocupação estarão patentes para consulta, a partir do dia 5 de Maio do corrente ano, na 8.ª Secção da Secretaria da Câmara.

Oeiras, 29 de Abril de 1986

Por delegação do Presidente da Câmara

O Vereador
José Carlos Estorninho



Lisboa é rua
não deve lito na rua

54 45 45



uma voz amiga e estará contigo

Primeiros funerais saíram esta tarde dos BV de Alverca

O Conselho de Gerência da CP entregou já ao Ministério das Obras Públicas e Transportes o relatório preliminar elaborado pela comissão de inquérito sobre o acidente ferroviário da Póvoa de Santa Iria e conta ainda esta tarde tornar públicos alguns aspectos desse documento. O Governo poderá também, caso assim o entenda, divulgar o relatório preliminar sobre a tragédia que segunda-feira custou a vida a dezasseis pessoas na estação de Santa Iria, às portas de Lisboa. As dúvidas que ontem à noite se colocavam sobre o número total de vítimas foram esta manhã esclarecidas pelo chefe da morgue do Hospital de Vila Franca de Xira, onde se encontravam despojos que se julgava pertencerem a três cadáveres.

Esses despojos, segundo Ribeiro da Cunha, pertenciam, afinal, a duas das nove vítimas mortais que deram entrada naquele estabelecimento hospitalar, seis das quais foram sepultadas no cemitério de Alverca ao princípio da tarde. Os seis primeiros funerais, com efeito, decorreram ao princípio da tarde de hoje naquela vila do concelho de Vila Franca, onde residiam, de resto, mais de metade dos mortos do trágico choque de comboios de segunda-feira: nove, ao que esta manhã apurou o «DL».

Desde o princípio da tarde que no cemitério de Alverca re-

pousam os restos mortais de Ana Luísa Domingos Sousa Loreto, 19 anos; Florbela Fátima Raposo, de 17; Francisco António Cerejo Monteiro, de 20 anos; Artur Manuel Francisco, de 21; e Maria do Carmo Coelho Carvalho, de 19 anos. Esta última namorava o ciclista local Luís Janeiro, que esta época se transferiu do Sporting para o Pinheiro de Loures.

Na morgue do Hospital de Vila Franca de Xira, depois da transladação daquelas vítimas para o quartel dos Bombeiros Voluntários de Alverca, ontem à noite, ficaram ainda os restos mortais de Maria de Lurdes Marques Dias, de 21 anos (natural e residente em Alhandra), Rui Manuel Nazaré Oliveira Benavente, também de 21 anos (era o namorado de Maria de Lurdes, igualmente de Alhandra, como ontem o «DL» noticiava), Vera Maria da Silva Glória, de 18 anos, e José António Cardoso Guedelha, de 26.

A maioria das vítimas, como se verifica, era de Alverca e Alhandra, terra que perdeu, pelo menos, três dos seus jovens, segundo um elemento dos BV locais hoje contactado pelo nosso jornal. Uma outra das 16 vítimas identificadas é da povoação de A-dos-Loucos, pertencente àquela freguesia. Em suma: o concelho de Vila Franca de Xira está de luto.

Desde ontem que a Escola Secundária n.º 2 de Alverca está encerrada, por decisão do seu Conselho Directivo. A Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia decretou entretanto um dia de luto pela morte de duas alunas do ISE: Maria do Carmo Carvalho (que esta tarde foi a enterrar em Alverca) e Vera Maria da Silva Glória, de 18 anos, cujo cadáver deu entrada no Hospital de Vila Franca. No Hospital de Santa Maria e S. José (um) encontram-se os restos mortais das outras sete vítimas: Francisco Mata, de 63 anos; Joaquim Rosa Matos, de 67; Ana Cristina Silva Santos Bonito, de 16; Aleixo Egídio Sousa, de 30; Maria José Costa Silva, de 16; Feliciano João Mata, de 25; e Antónia Maria Lúcia Oliveira, de 29 anos (esta em S. José).

O relatório preliminar do inquérito elaborado pela comissão de inquérito presidida pelo chefe dos serviços de transporte da Região Centro, eng.º Alberto Grossinho, foi esta manhã entregue pela CP ao Governo e poderá ser tornado público nas próximas horas. Entretanto, o Sindicato dos Maquinistas repudiou energicamente «afirmações destampadas e incorrectas» de várias fontes, veiculadas pela Comunicação Social. Segundo aquela força sindical, «a bandeira da falha humana encontra-se esgotada e não ilude a opinião pública».

Tragédia da Póvoa apenas comprovou "milagre" diário

Hospital de Vila Franca de Xira: espírito de "equipa" triunfou

Julio Rodrigues

Vila Franca de Xira reclama há dez anos um Hospital Distrital em consonância com a área que abrange, servindo 250 mil pessoas de quatro concelhos (Vila Franca, Azambuja, Alenquer e Arruda dos Vinhos) e a fatídica recta do Cabo. Hoje diz-se neste estabelecimento hospitalar que ele deveria ter sido construído há vinte anos. Apesar de tudo, o Hospital Distrital de Vila Franca, com um bloco operatório de emergência, correspondeu por inteiro às exigências de assistência ditadas pelo trágico acidente da Póvoa de Santa Iria.

«Isso só foi possível com a falta de instalações hospitalares que aqui se verifica, mercê do espírito de equipa e de solidariedade que nunca aqui estiveram em dúvida, de todo o pessoal médico e de enfermagem. Todos os médicos e enfermeiros disponíveis na ocasião convergiram para o bloco operatório, trabalhando até à exaustão», disse ao «DL» o ortopedista Filipe Araújo.

Filipe Araújo era o único médico ontem de serviço, que havia integrado a equipa de vinte que depois das 12 e 30 de segunda-feira passada não teve mãos a medir com os sinistrados do desastre ferroviário da Póvoa. A equipa médica do Hospital Distrital de Vila Franca de Xira, teve o apoio de todo o pessoal do presente, inclusive da própria maternidade e saiu-se bem deste teste. Aliás, só nessas condições era possível assistir com eficácia às vítimas, uma vez que as instalações são provisórias e a falta de recursos humanos notória.

«Isto funcionou de tal modo bem que nem foi preciso eu vir de Lisboa», disse ao «DL» o cirurgião Carlos Pinto, que uma vez por semana (pelo menos) presta serviço (durante 24 horas) no Hospital Distrital de Vila Franca e à tarde se encontra no Hospital da Força Aérea Portuguesa. «Os colegas, como lhe estou a dizer, não precisaram de mim», acrescentou.

«Colaboração até à exaustão»

O dr. Mário Cascalho chefiava os serviços de cirurgião, e, na ausência do dr. Leite Velho — chefe da equipa médica, segunda-feira de serviço, afirmou-nos que o Hospital de Vila Franca não estava apesar de tudo, preparado para uma situação tão delicada. «Houve uma grande colaboração por parte dos colegas que estavam de serviço noutras enfermarias. Por outro lado, a sala de operações tem algumas condições, mas não são ideais. E também temos falta de meios humanos e de outros recursos técnicos», concluiu.

«Por sorte, o neurologista, o único que temos aqui de serviço, quando o temos, estava cá», salientou noutro passo o chefe dos serviços de cirurgia, que, aliás, realçou o seu desvelo pelo hospital de Vila Franca de Xira, o qual além deste «caso» se debate com outro: o facto de dispor apenas de um anestesista. Mais grave que a escassez, este pormenor: é tarefa!

Num Hospital Distrital, situado na periferia de Lisboa, numa área particularmente acidentada, um estabelecimento, com a capacidade de intervenção hospitalar como o de Vila Franca, ter apenas um anestesista que não está no quadro, é espantoso. Espantoso, repetimos, a menos de trinta quilómetros de Lisboa...

Filipe Araújo, o ortopedista que participou em todas as intervenções decorrentes do acidente da Póvoa, pôs em evidência com ênfase, aliás, o trabalho dos internos do hospital. Para além do neurologista e da presença do único anestesista (tarefeiro). «dispussemos de vários internos de serviço nesse dia, como em todos os outros, que estão não apenas acostumados a trabalhar conosco, mas que sabem como se aborda um doente traumatizado. Os internos gerais estiveram à altura de situações graves como esta», realçou o mesmo médico, ontem muito soli-



Três médicos do Hospital de Vila Franca (Mário Cascalho, Carlos Pinto e Filipe Araújo)

citado.

Aliás, o Hospital Distrital de Vila Franca, a despeito das carências humanas e técnicas atrás referenciadas, tem ao seu serviço um lote de médicos do internato geral e complementar de elevada craveira. Neste último caso, por exemplo, os médicos que ouvimos (além de Filipe Araújo e Carlos Pinto, também Miranda Barata e Pereira Neves), todos eles espantados pelo facto de um responsável de Santa Maria ter publicamente afirmado que a sua unidade não estava preparada para uma situação como a de segunda-feira, puseram em relevo o caso de Carlos Rabaçal, um interno de cardiologia que ficou em 5.º lugar num concurso em que participaram cerca de trezentos médicos e escolheu depois, o Hospital de Vila Franca — onde havia estado como interno geral. São 75 os que, neste quadro, ali prestam serviço, de um conjunto de cerca de 120 a uma média de vinte por dia. Ao domingo, as equipas revezam-se de cinco em cinco semanas, dentro de um sistema de rotatividade que é praticado em todos os hospitais do País.

Internos gerais sabem do ofício

O Hospital de Vila Franca, como todos os outros da periferia de Lisboa (Barreiro, Almada, Torres Vedras, Cascais e Sintra), devia estar devidamente apetrechado para o desenvolvimento do seu papel: o de servir de «tampão» aos Hos-

Por essa razão — frisaram-no ao nosso jornal — têm de ser enviados para Lisboa. Isto é: o hospital vila-franquense não está a desempenhar a função que lhe cabe. De facto, ter de ocupar-se de doentes com cuidados de base sem camas não é tarefa fácil nem alicianete.

Bloco operatório: daqui a dois anos

Com uma média de atendimento diário de trezentos sinistrados (note-se que em 1985 nele foram socorridos ou tratadas 80 mil pessoas), o Hospital de Vila Franca tem na fatídica recta do Cabo, onde raro é o mês em que não haja um acidente grave de viação, razão não apenas para ter todo o seu pessoal médico preparado, mas para exigir condições a todos os níveis. No entanto, só dentro de dois anos disporá de um novo bloco operatório, uma sala de operações real, de facto, devido a problemas burocráticos que se prendem (é de pasmar!) com histórias de empreiteiros e adjudicações!

Mas, em conexão, já agora, com esse bloco operatório, será vital reactivar as funções que lhe devem caber: funcionar como «tampão» aos Hospitais Centrais de Lisboa, dispondo de mais pessoal e de melhores condições. Com salas para reanimação e observação, além de mais camas, mais enfermarias, se possível mais amplas que as actuais.

Há cerca de um ano o Hospital Distrital de Vila Franca de Xira, como atrás referimos, passou a dispor de mais instalações e bem que ainda longe das suas necessidades que passam por um hospital novo sobre o qual há visível ceticismo. No entanto, como nos disse Pereira Neves, «isto melhorou», o que de facto se constata em vários serviços, nomeadamente análises, urgência (um sector para adultos, outro para crianças) e radiologia. «Mas para quem tem a recta do Cabo próxima fica numa zona industrial como esta e constitui um eixo viário como este, é pouco», acrescentou o mesmo médico.

renascença gráfica,s.a.r.l.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA Convocatória

Nos termos da lei e dos estatutos, e a pedido do Conselho de Administração, convoco a assembleia geral extraordinária desta Sociedade para se reunir no dia 23 de Maio de 1986, pelas 11 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Aumento do capital social para 31.500 contos, a realizar da forma proposta pelo Conselho de Administração e já transmitida a todos os Sócios, com preferência na subscrição aos Srs. Accionistas na proporção das acções que possuírem, tal como determinam os estatutos;
- 2.º Outros assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 5 de Maio de 1986

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Banco Nacional Ultramarino
representado por
(José Achando Cabral)

Cimento português o mais barato da Europa

A Cimpor tem actualmente o preço do cimento mais baixo da Europa Ocidental, disse à agência NP, Lopo do Nascimento, presidente do conselho de gerência da empresa.

Segundo Lopo do Nascimento, é objectivo da empresa manter os preços a estes níveis, tanto no plano do mercado externo como no do mercado interno.

«Em 1986 o País pode contar com a nossa preocupação em manter o preço do cimento em níveis abaixo do índice médio dos preços do consumidor», afirmou.

Realizou-se recentemente na Cimpor — Maceira Liz (Leiria) uma cerimónia de apresentação de vários melhoramentos tecnológicos introduzidos nesta fábrica de cimentos no sentido de a modernizar e apetrechar competitivamente em termos de Europa.

Os investimentos realizados nesta unidade fabril dizem respeito à remodelação de linhas de produção de clínquer. Nova britagem de calcário e margas, e instalação de uma segunda unidade de moagem de carvão. Os melhoramentos implicaram um investimento da ordem dos três milhões de contos.

Após a inauguração, que contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Leiria, Lemos Proença, de um representante do bispo da Diocese de Leiria — Fátima e diversas individualidades civis e militares, efectuou-se uma visita às instalações da empresa.

No final, Lopo do Nascimento referiu-se aos dez anos de vida da Cimpor e às transformações tecnológicas entretanto operadas. O presidente da Câmara de Leiria felicitou por seu turno a empresa, pelo seu décimo aniversário e o conselho de gerência e os trabalhadores pelo empenho demonstrado na sua evolução.

Disse ainda que «é motivo de satisfação para esta Câmara o desenvolvimento desta empresa uma vez que o seu nome prestigiava o concelho em que está inserida».

Deputados colocados perante o facto consumado

Governo quer vender Petroquímica para a sucata

O ministro da Indústria comunicou ontem à Comissão Parlamentar de Economia e Finanças a decisão de extinguir a Companhia Nacional de Petroquímica, colocando assim o Parlamento perante um facto consumado. Santos Martins comprometera-se anteriormente a informar a Assembleia da República antes da tomada de qualquer decisão, mas o Governo acabou por decidir extinguir a companhia em 22 de Abril, sem que o Parlamento tenha recebido qualquer informação prévia.

Segundo o «DL» apurou esta manhã, a generalidade dos membros da Comissão, representantes do PSD incluídos, insurgiu-se contra a quebra do compromisso assumido pelo executivo, sendo igualmente unânime a crítica à oportunidade e à metodologia es-

colhida para extinguir a CNP. De acordo com fontes parlamentares, o próprio presidente da comissão, Rui Machete, questionou o ministro acerca das vantagens de extinguir a empresa num momento em que os preços das suas matérias primas (naftas) estão a descer e o valor dos seus produtos (polímeros) está a subir.

O dirigente social democrata interrogou-se igualmente sobre as consequências que o anúncio da extinção poderá trazer, no que respeita à dívida externa acumulada pela CNP.

Neste aspecto importa lembrar que a obrigatoriedade de recurso ao crédito externo foi imposta à companhia por Cavaco Silva, em 1980, e que a forma, considerada «precipitada», como a sua extinção foi decidida poderá provocar uma «corrida» dos credores, provo-

cando sérias dificuldades financeiras que envolvem o Estado por via da sua qualidade de avalista.

Em resposta às críticas dos deputados, Santos Martins garantiu que a empresa não será encerrada por enquanto, mantendo-se em laboração até que desapareçam as actuais condições de mercado favoráveis à sua actividade. Segundo o ministro, o Governo aprovou apenas uma deliberação, e não uma resolução, e está agora a preparar o respectivo decreto de extinção. Até lá serão desenvolvidas as diligências necessárias à minimização dos custos do encerramento da empresa, admitindo o titular da pasta da indústria que a sua venda possa vir a ser o destino da CNP. Santos Martins garantiu contudo que até agora não foi feito qual-

quer contacto nesse sentido, tendo o secretário de Estado do Tesouro, também presente na reunião, afirmado que o Governo está a procurar acautelar as consequências financeiras negativas que a eventual «corrida» dos credores externos poderá arrastar.

Para justificar a opção do executivo, o ministro da Indústria fez referência a numerosos estudos, os quais não apresentariam qualquer alternativa ao fecho. Como se sabe esta análise não é partilhada pelos partidos da oposição, tendo o PRD, o PCP e o MDP assumido anteriormente posições públicas contrárias à extinção.

Do lado dos adversários da iniciativa governamental sublinha-se igualmente que a balança corrente de divisas da CNP é positiva desde há

algum tempo e que, independentemente da inconstitucionalidade da decisão do Governo, ela revela «uma enorme falta de tacto negociador». Segundo estas fontes, «a ideia de anunciar que se vai extinguir uma empresa para depois a vender é a mesma coisa que dizer que se vai mandar um carro para a sucata e depois procurar comprador para ele». O resultado desta metodologia traduz-se obviamente — dizem as mesmas fontes — «numa enorme desvalorização do produto a vender».

Entretanto tudo indica que a oposição chamará à Assembleia da República, para ratificação, o decreto de extinção que o Governo está a preparar, logo que este seja publicado.

A CNP tem neste momento cerca de 1 300 trabalhadores ao seu serviço.

Banca e seguros, accionistas principais

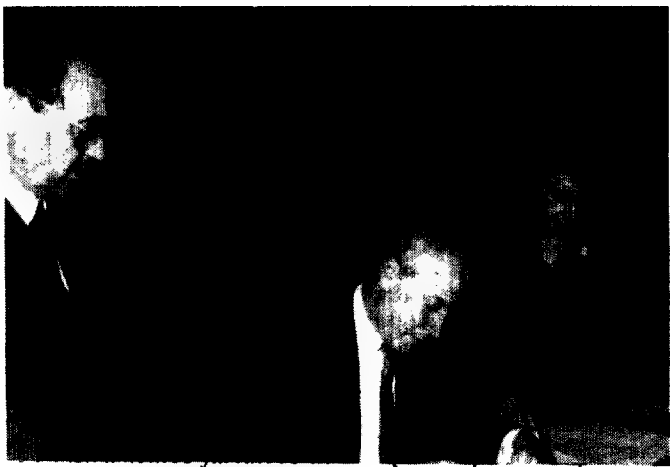
Criado o primeiro fundo de investimento mobiliário

Dois bancos, uma sociedade para bancária, seis companhias de seguros e uma companhia de serviços financeiros subscreveram o capital de constituição da Invest — Sociedade Gestora de Fundos de Investimento Mobiliário — ontem criada.

Os bancos Fonecas e Burnay e Nacional Ultramarino, e a CISF — Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, são os maiores accionistas com 14,5 por cento cada, seguindo-se as companhias de seguros Mundial/Confiança (13 por cento), Aliança Seguradora e Bonança (11,24 por cento), Eurpeia e Metrópole (8 por cento cada) e O Trabalho (5 por cento).

Luís Saias, director da nova sociedade (Invest) disse que o capital social da empresa, destinada a gerir fundos de investimento mobiliário ascende a 75 000 contos.

Com a criação da Invest, frisou, pretende-se dar aos aforradores uma forma de aplicação das suas poupanças altamente



investimentos mobiliários foram ontem assinados no Banco Nacional Ultramarino (foto) uma das instituições bancárias participantes no capital social da Invest

vantajosa, com uma rentabilidade superior aos depósitos a prazo, melhores condições de liquidez e com vantagens fiscais — isenção de imposto complementar, de capitais e sobre sucessões e doações.

Os aforradores institucionais

— empresas financeiras, seguradoras e banca — e os particulares poderão subscrever os certificados de participação do Fundo Invest, que são constituídas por uma panóplia de valores mobiliários — acções, obrigações, títulos de dívida pública e de participação, entre outros.

Greve pela semana de cinco dias na camionagem José Maria dos Santos

Os 115 motoristas e cobradores da empresa de camionagem José Maria dos Santos, de Coimbra, iniciaram uma greve pela semana de cinco dias de trabalho — informou fonte sindical.

Segundo o Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Coimbra, os trabalhadores lutam «por um intervalo não superior a duas horas para a refeição e pela manutenção da semana de trabalho de cinco dias».

Os autocarros da empresa afectada pela greve, que vai prosseguir por mais dois dias, rodam diariamente cerca de 6 mil quilómetros, num triângulo compreendido entre Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz.

António Cunha, proprietário da empresa, disse à Anop que a semana de cinco dias «nunca esteve em causa e que a restante pretensão sindical significa ir buscar mais uma hora extra, o que é inviável, a nível nacional, e viola o contrato colectivo assinado em Fevereiro pelos sindicatos e associações patronais».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	54\$00	60\$00
ALEMANHA FED. (marco)	66\$20	67\$40
ÁUSTRIA (xelim)	9\$35	9\$55
BÉLGICA (franco)	35\$00	35\$20
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$80	107\$30
(notas de 5 a 1000)	105\$30	107\$80
DINAMARCA (coroa)	17\$90	18\$30
ESPAÑA (peseta)	1\$013	1\$133
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$30	147\$80
(notas de 5 a 1000)	144\$80	148\$30
FINLÂNDIA (marka)	29\$25	29\$85
FRANÇA (franco)	20\$75	21\$45
HOLANDA (florim)	58\$70	59\$80
IRLÂNDIA (libra)	202\$65	206\$65
ITÁLIA (lira)	\$088	\$098
JAPÃO (iene)	\$842	\$883
NORUEGA (coroa)	20\$80	21\$30
REINO UNIDO (libra)	224\$35	228\$85
SUÉCIA (coroa)	20\$55	21\$05
SUIÇA (franco)	79\$10	80\$60
VENEZUELA (bolívar)	7\$00	8\$00

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Unificado controlo aduaneiro no Caia

O complexo aduaneiro de serviços conjuntos de Espanha e Portugal na fronteira de Caya (Elvas/Badajoz) foi ontem inaugurado oficialmente pelas autoridades espanholas e portuguesas.

Estiveram presentes pela parte portuguesa o secretário de Estado para os Assuntos Fiscais, José de Oliveira Costa, e o director-geral das Alfândegas, Paulo Magalhães.

Os novos serviços conjuntos de fronteira, situados em Espa-

nha, vêm facilitar o trabalho dos seus responsáveis e a passagem de veículos de passageiros e mercadorias.

A criação de novas fronteiras conjuntas, ou justapostas, está prevista na «convenção relativa à justaposição de controlos do tráfego fronteiriço entre Portugal e Espanha», assinada em Madrid em 7 de Maio de 1981 e aprovada por decreto-lei.

Segundo a legislação a justaposição de controlos fronteiriços legais, deverá entender-se

como aplicação de todas as regulamentações legais regulamentares e administrativas dos dois Estados, referentes à passagem de fronteiras por pessoas, bem como à entrada, saída e trânsito de bagagens, mercadorias, veículos e outros bens no território de um deles (Estado sede) pelo outro (Estado limítrofe).

Prevê-se para breve a entrada em funcionamento do complexo aduaneiro em Vilar Formoso //Fuentes de Oñoro de controlos

relativo a mercadorias logo seguida de outra destinada a viaturas de turismo.

Estão também previstos complexos aduaneiros conjuntos em Tuy/Valença (mercadorias e passageiros em Espanha); Monte Francisco-

//Ayamonte (mercadorias e passageiros em Portugal); Vila Verde da Raia/Verin (em Portugal de mercadorias e em Espanha de passageiros) e São Gregório Puentes Barjas (passageiros em Espanha).

Venda de mísseis rejeitada

O Senado norte-americano rejeitou a noite passada uma proposta do Presidente Reagan para venda de mísseis no valor de 354 milhões de dólares à Arábia Saudita. A Câmara de Representantes pronuncia-se hoje sobre a proposta, mas o presidente Reagan disse já que está disposto a vetar as resoluções de rejeição sobre a venda em causa. A votação do Senado rejeitou a proposta por 73 votos contra 22, prevendo-se que a Câmara dos Representantes também não aceite a proposta da administração Reagan.

Independência da Namíbia

O governo sul-africano reafirmou que o plano da ONU para a independência da Namíbia a 1 de Agosto não será posto em prática, se não houver entretanto acordo quanto à retirada cubana de Angola. O ministro dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, afirmou no Parlamento que a Resolução 435 da ONU sobre a independência da Namíbia não será implementada em Agosto sem acordo prévio quanto à retirada das tropas cubanas estacionadas em Angola.

«Se não chegarmos a acordo até 1 de Agosto então nada vai acontecer. A Resolução 435 não vai ser implementada» — disse Botha.

O atentado de Berlim

Mais dois árabes foram presos em ligação com o atentado à bomba a uma discoteca de Berlim Ocidental que antecedeu os ataques aéreos norte-americanos à Líbia, revelou um porta-voz da Polícia. Os dois árabes são suspeitos de serem cúmplices de um outro árabe, Ahmed Hasi, que foi preso a 18 de Abril.

As detenções elevam para três o número de pessoas detidas no inquérito ao atentado à bomba que se seguiu à prisão, duas semanas depois da explosão, do palestino apátrida Hasi.

Quarenta mortos na Índia

Pelo menos 40 pessoas morreram quando um barco que transportava convidados de um casamento se afundou no rio Ganges — noticiou a agência indiana PTI. O barco voltou-se ontem no meio de fortes ventos, perto da cidade de Patna, sendo arrastado pela corrente. Vários músicos que tinham participado na festa de casamento sobreviveram agarrando-se aos tambores — acrescentou a PTI.

Morren Gaston Deferre

O político socialista francês Gaston Deferre, de 75 anos, foi hoje considerado pelos médicos «clínicamente morto» depois de ontem ter dado entrada num hospital de Marselha. Deferre, presidente da Câmara de Marselha que no auge da sua carreira política se candidatou — embora sem êxito — à Presidência da República, foi internado em estado de coma após uma queda dada em casa e não voltou a recuperar o conhecimento.

Nova acusação a Waldheim

O director do Memorial de Washington às Vítimas do Holocausto Nazi, Eli Wiesel, acusou Kurt Waldheim, candidato presidencial austríaco e ex-secretário-geral da ONU, de «cinismo político no mais alto grau». Numa cerimónia destinada a recordar os judeus vítimas das tropas nazis durante a Segunda Guerra Mundial, Wiesel declarou que Waldheim «encontrou refúgio no esquecimento». Kurt Waldheim esteve prestes a conseguir a maioria absoluta nas eleições presidenciais de domingo passado na Áustria, pelo que o vencedor só será decidido numa segunda volta, marcada para 6 de Junho.

"Espião por amor" condenado

Um tribunal de Paris condenou a seis anos de cadeia um anigo funcionário da Embaixada francesa em Pequim e o seu amante chinês sexualmente ambíguo, sob a acusação de espionagem. Bernard Boursicot, de 41 anos, foi acusado de entregar cerca de 30 documentos não secretos às autoridades chinesas entre 1969 e 1972 com a ajuda do seu amante, Shi Pie Pu, de 47 anos, um antigo cantor e bailarino da ópera chinesa. Boursicot não negou o essencial da acusação, referindo apenas que passou os documentos não por dinheiro mas por amor a Shi Pu, que aliás ele julgava ser uma mulher e que lhe tinha dado um filho.

Cimeira de Tóquio decide ajuda de emergência aos países africanos

Os líderes mundiais reunidos na Cimeira de Tóquio decidiram incluir no comunicado final uma cláusula apoiando uma ajuda de emergência aos países africanos antes do debate, este mês, nas Nações Unidas, sobre o mesmo tema.

Dirigentes do Canadá, da Comissão da Comunidade Económica Europeia e de França fizeram referências especiais nesse sentido e disseram ter diligenciado a inclusão da cláusula durante os dois dias de conversações da cimeira.

A declaração, acrescentaram, diz que as nações participantes na cimeira — Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal, Itália e Japão — farão um esforço activo no debate das Nações Unidas para estabelecer um plano de desenvolvimento económico a longo prazo para o continente africano.

O texto afirma que os sete países reconhecem que muitas nações africanas ainda carecem de ajuda de emergência e financeira suplementar que deve ser providenciada através de recursos alargados de fundos especiais de desenvolvimento do

Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

A cimeira terminou com um banquete oferecido pelo imperador Hirohito e no qual participou o seu filho e eventual sucessor, o príncipe herdeiro Akhito.

O cerimonial final dos três dias de reuniões assinalou o regresso a um rigoroso protocolo diplomático menos formal nos últimos dois dias.

Reagan congratula-se

O presidente Reagan congratulou-se com os resulta-

dos da Cimeira de Tóquio afirmando que as nações industrializadas do Ocidente deram passos importantes no combate ao terrorismo.

«Concordamos que o coronel Muammar Kadhafy representa uma ameaça para os povos livres e fomenta o assassinio e mutilação de civis inocentes», disse o presidente numa conferência de imprensa concedida em Tóquio.

O presidente norte-americano revelou ainda que os dirigentes da Grã-Bretanha, Itália, RFA, Canadá e Japão se mostraram determinados em combater o terrorismo através de novas medidas políticas e diplomáticas.

Tóquio demarca-se

O primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, por seu turno, distanciou Japão da declaração da Cimeira de Tóquio que condena a Líbia como patrocinadora de terrorismo.

A declaração contém apenas medidas defensivas e não vincula «sanções económicas ou outras», salientou Nakasone numa conferência de imprensa. «Não há mudança na nossa política para o Médio Oriente.»

«Concordamos neste ponto porque civis inocentes estão a ser as vítimas destes actos apoiados a nível de Estado», disse. «Este (comunicado) tem a intenção de defender-nos do terrorismo e não significa que adoptemos sanções económicas ou quaisquer outras.»

O Japão, um grande importador de petróleo, tomou uma atitude neutral em relação às questões do Médio Oriente e tentou servir de mediador num acordo para a guerra Irão-Iraque.

A declaração dos líderes segue de perto as medidas acordadas o mês passado pelos países europeus ocidentais e inclui um embargo de armas, restrições diplomáticas e de vistos e melhoria nos processos de extradição.

Iraque bombardeia centro de Teerão

Aviões de combate iraquianos bombardearam hoje o centro de Teerão — noticiou a agência iraniana Irna.

As sirenes advertindo sobre ataques aéreos soaram no rádio de Teerão, mas o alerta não durou muito e não houve sinais de pânico nas ruas — disseram testemunhas.

O ataque aéreo iraquiano atingiu a refinaria de petróleo de Teerão, originando um incêndio que podia ser visto a 13 quilómetros de distância — disse o corpo de bombeiros.

Testemunhas disseram que se elevam colunas de fumo de três pontos do complexo da refinaria, mas que a bomba foi largada por um único avião.

A agência Irna não especificou qual o ponto da cidade atingido pelo ataque aéreo iraquiano.

O ataque iraquiano ocorreu pouco depois de um general iraquiano ter afirmado que o Irão estava a concentrar tropas para uma ofensiva iminente contra a província iraquiana de Misan.

Bomba faz 15 mortos

Quinte pessoas morreram hoje e entre 50 a 200 outras ficaram feridas em consequência da explosão de uma bomba poderosa nos Correios centrais de Colombo, Sri Lanka — disseram fontes oficiais.

Testemunhas oculares contam que um andar do edifício abateu e muitas pessoas encontraram-se ainda soterradas, enquanto os Bombeiros e ambulâncias se precipitaram para o local da explosão.

O edifício central dos Correios da capital do Sri Lanka foi cercado pela Polícia na sequência da explosão.

Eduardo dos Santos em Moscovo

URSS reafirma o seu apoio ao regime angolano

O presidente de Angola e o secretário-geral do Partido Comunista soviético concordaram em realizar medidas concretas para o desenvolvimento da cooperação entre os seus dois países e partidos, noticiou a Tass.

A agência soviética, informando sobre o encontro de ontem entre José Eduardo dos Santos e Mikhail Gorbachev, não especificou essas medidas mas salientou que o líder soviético assegurou ao presidente angolano que a União Soviética continuará «firme e consequentemente ao lado do povo angolano na sua justa luta».

Durante o encontro, que segundo a TASS «decorreu num ambiente caloroso e de camaradagem», os dois dirigentes analisaram a situação internacional e «condenaram vivamente as tentativas das forças imperialistas, encabeçadas pelos Estados Unidos, de utilizar os conflitos existentes em diversas regiões do mundo para continuar a en-

venenar o clima internacional e imiscuir-se nos assuntos internos de Estados soberanos».

José Eduardo dos Santos e Mikhail Gorbachev repudiaram como «personificação do terrorismo de Estado» o ataque norte-americano à Líbia, as ameaças dos Estados Unidos contra outros países, a sua concessão de auxílio militar directo à Unita e as agressões da África do Sul aos países vizinhos.

Os dois dirigentes reafirmaram a solidariedade dos seus governos com os Estados da Linha da Frente e com a luta de libertação dos povos da África do Sul e da Namíbia, sob a chefia do Congresso Nacional Africano (ANC) e da SWAPO respectivamente, acrescentou a Tass.

UNITA não recebeu mísseis

O movimento rebelde angolano ainda não recebeu os mísseis anti-aéreos prometidos

pelos Estados Unidos, disse à agência NP uma fonte diplomática portuguesa que segue a situação militar na África Austral.

A mesma fonte adiantou que alguns círculos militares sul-africanos, embora apoiando a UNITA têm manifestado reservas à entrega daqueles mísseis aos guerrilheiros, temendo que venham a cair nas mãos dos guerrilheiros da SWAPO (Organização dos Povos do Sudeste Africano) e utilizados na Namíbia contra o governo de Pretória.

Os guerrilheiros da SWAPO fazem parte das mesmas tribos dos rebeldes da UNITA.

De referir que Savimbi tem-se recusado a confirmar ou desmentir se já recebeu os mísseis que lhe foram prometidos quando em Fevereiro visitou Washington, embora confirmando ter já em seu poder outra ajuda militares como remédios e fardamentos.

Chernobyl transformada em cidade fantasma

«A cidade, onde há dias trabalhavam e viviam 25.000 pessoas, está hoje deserta» — escrevem os primeiros enviados especiais do diário soviético «Pravda» à zona de Chernobyl.

Os jornalistas, que afirmam ter visitado os arredores da central nuclear acidentada, relatam que os únicos ruídos que se ouvem são «os que produzem os especialistas que vigiam os outros três reactores».

O «Pravda» acrescenta que toda a população da zona foi retirada «de forma ordenada» em quatro horas depois do início da fuga radioactiva e que os refugiados estão instalados nas localidades próximas, «onde ajudam os residentes locais» nas tarefas.

Outro diário de Moscovo, o «Komsomolskaya Pravda», explica que «nove de cada dez crianças evacuadas vão nor-

malmente às aulas e está normalizada a distribuição de alimentos e roupas» aos desalojados, que recebem toda a assistência médica necessária.

O jornal acrescenta que «a economia da região funciona normalmente e a água potável não está contaminada».

As autoridades soviéticas mantêm o balanço oficial de há cinco dias das vítimas do acidente de 26 Abril.



Durante o lançamento da edição futebolística da «TV-Guia»

«TV-Guia» lança livro sobre Mundial de Futebol

Os principais responsáveis da «TV-Guia» (Adriano Cerqueira, Manuel Ricardo Ferreira, Bernardo Amaral, Maria José Raposo, Jorge Folhadel de Lemos, José Maria Costa Parente) e outros colaboradores desta edição sobre o futebol mundial (Daniel Santos, Ana Maria Pereira) estão, realmente envolvidos no mesmo parábem que é endereçado a Rui Tovar: um notável trabalho de equipa vem enriquecer bastante a fraca bibliografia desportiva portuguesa.

Aconteceu ontem, no Clube dos Empresários (Lisboa): por iniciativa da revista «TV Guia» foi apresentado aos colegas da Informação o livro oficial sobre a presença de Portugal na fase final do campeonato mundial de futebol, vinte anos depois do brilhante conseguido pelos «Magrinhos», em Inglaterra.

Esta edição especial da «TV Guia» contém (em 224 páginas) tudo sobre Portugal e os restantes 23 países que, a par-

tir de 29 do corrente, vão disputar, no México, o título mundial de futebol.

«México 86/Portugal vinte anos depois...» é o título do livro, coordenado pelo jornalista Rui Tovar (da RTP) que em nota de abertura, escreve que o campeonato do mundo de futebol, de idade provecta (56 anos), «de tanto escalpelizado, de tanto explorado» é um «filão que ameaça esgotar-se».

Mas «procurou-se realizar uma obra que, de forma tão inovadora quanto possível, complementa o que, em outras alturas e por outros meios, jornalistas de firmado mérito já concederam ao assunto», acrescenta o coordenador do livro.

Sobre o fecho da publicação, esta foi escolhida como o livro oficial da Federação Portuguesa de Futebol, constituindo um verdadeiro arquivo do que se passou até ao México e uma adequada agenda do que neste país irá acontecer durante um mês.

Desportivo do BNU tem nova direcção

Como noticiámos, oportunamente, o Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino elegeu novos corpos gerentes para o biênio 86/87. Eis a constituição da mesa da Assembleia Geral: presidente — Jorge Ascensão de Mendonça Arrais; 1.º secretário — dr.ª Maria Clotilde Nunes N.O. T. Alves; 2.º secretário — Francisco Tavares de Almeida Carvalho; Direcção. Presidente — dr. António Caetano Punilhas Gaudêncio, secretário — Carlos Artur Nogueira de Paiva, vice-secretário — José Marçal Arroiz, tesoureiro — dr. João Alves Cardoso, vice-tesoureiro — Júlio César Marques Garcia Gomes, vogais — Artur dos Anjos Grego Horta e Carlos Alberto Hélder Coutinho Sá Chaves, suplentes — Carlos Jorge da Cunha Campos

e António Luís Pires Alves Martins. Conselho Fiscal: presidente — dr.ª Maria Graciete Silvestre Madeira, vogais — Miguel Gonçalves e Francisco Jorge Passos Basílio.

No acto de posse, o presidente da Direcção eleita fez uma breve alocução em que teceu vários elogios a antigos dirigentes, alguns deles já desaparecidos do número dos vivos. Enalteceu a prática de actividades desportivas amadoras e salientou o empenhamento da nopa Direcção no seu desenvolvimento (dentro do âmbito do Grupo Desportivo e Cultural do BNU) agradecendo o apoio que o Conselho de Gestão tem prestado a diversas solicitações. Entre os presentes a este acto de posse estavam o dr. Mário Adegas (presidente do Conselho de Gestão) e o seu colega dr. Fernando Mendes.

Insólito embate xadrezístico

Um encontro de xadrez pouco comum vai iniciar-se hoje na cidade jugoslava de Subotica, entre a campeã mundial feminina Maya Chiburdanidze (da URSS) e o grande-mestre jugoslavo Petar Popovic.

O embate disputar-se-á em oito partidas e é o primeiro da história do xadrez que se joga entre dois grandes-mestres de sexo oposto, sob o patrocínio da Federação Internacional da modalidade.

A julgar pela classificação no ranking mundial o grande-mestre jugoslavo parte com vantagem, já que o seu elo é de 2 545 contra apenas 2 455 de Maya Chiburdanidze.

Todavia os analistas consideram que o encontro é de desenlace incerto, já que a grande-mestre soviética tem obtido frequentes vitórias em partidas com jogadores do sexo oposto e de grande categoria xadrezística.

Futebol: vamos ganhando em Toulon

A selecção portuguesa de «Esperanças» derrotou a dos Camarões por 1-0, no 2.º jogo do Torneio de Toulon e discutirá amanhã o primeiro lugar no seu grupo com a França, que derrotou a Hungria, por 2-1.

No encontro disputado ontem, o golo português foi obtido por Chico Faria (aos 65 minutos) na transformação de uma grande penalidade.

Portugal e França partilham o

primeiro lugar do grupo, com 4 pontos em dois jogos, uma vez que a França também venceu a Hungria. Os golos da França foram marcados por Testa (aos 46 minutos) e por Ribar (69) enquanto Zwara (77) apontou o tento da selecção magiar.

Portugal alinhou assim: Sérgio; Jaime, Carvalho, Samuel e Justiniano; Augusto, Mito, Bobó e Rui Pedro; Chico Faria

(César Brito, 77) e Tó Zé (Júlio Sérgio, 40).

Desportivo de Bragança: futuro

Tozé Cepeda, treinador do Desportivo de Bragança, e a maioria do «plantel» bragançino renovou os seus contratos com o clube, declara o presidente da Comissão Administra-

tiva da colectividade, Telmo Lopes. A notícia foi dada no termo de uma reunião entre a Comissão Administrativa do Grupo Desportivo de Bragança com o treinador e todos os atletas que levaram a equipa transmontana à 2.ª divisão nacional de futebol. Um dos jogadores mais cobiçados pelos grandes clubes, (Eurico, de 19 anos) também renovou já o seu contrato com o clube bragançino.



Palmas para André de Joaquim Queirós: e sorriso de Gomes para o seu parceiro nas Antas e na selecção nacional

«Gazeta dos Desportos» e «Sagres» distinguiram André com muita prata

Em festa simples mas altamente significativa, a «Gazeta dos Desportos» e a cervaça Sagres fizeram entrega, ao «internacional André, do prémio Estádio de prata, conferido pelos jornalistas do popular trissemanário dirigido por Joaquim Queirós ao atleta portista, considerado o melhor futebolista da temporada.

A cerimónia processou-se na Cervejaria da Trindade (Lisboa) e teve palavras de muito elogio para o centro-campista das Antas, proferidas por Joaquim Queirós: André, com a humildade que tem caracterizado a

sua carreira dentro do futebol profissional e no quotidiano de cidadão intocável, agradeceu a tantos amigos que estão aqui. E estavam: os engenheiros Gonçalves Pereira e Rodrigues da Costa, o dr. juiz Adriano Afonso, os drs. António Marques e Alberto Regueira, o empresário Manuel Barbosa, o presidente belenense Mário Rosa Freire, os empresários Manuel Barbosa (Mercury) e Luciano d'Onofrio, José Eduardo (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol), o dirigente benfiquista Domingos Clau-

dino, Luís Feist (Adidas), o dirigente federativo Ribeiro de Magalhães, o árbitro Carlos Valente (nosso juiz no México), os futebolistas Fernando Gomes (que entregou o troféu ao seu companheiro de turma), Alinho e Norton de Matos, os técnicos Manuel Oliveira, Marinho e João Barnabé e muitas outras figuras, em destaque na vida desportiva, nomeadamente no sector do futebol. Um convívio de admiradores de André, de leitores da «Gazeta» e, já agora, de bons consumidores de cerveja Sagres.

«Sport-Society»

Xadrezistas soviéticos

A Embaixada da URSS convidou os órgãos de Comunicação Social para um encontro com os xadrezistas soviéticos que, entre nós, participam no Torneio Alekine. O convívio processa-se pelas 18 horas de amanhã, na representação diplomática daquele país.

«Foot-Adidas»

A «Adidas» (comandada por Luís Feist) abre os braços aos jornalistas para, às 18 e 30 de amanhã, no Hotel Altis (Sala Petrópolis) apresentar os equipamentos que vão ser utilizados no México pela selecção portuguesa de futebol. Simultaneamente, será feita a entrega dos troféus «Foot-Adidas» referentes à transacção temporada futebolística, instituídos pela revista «Foot» (dirigida pelo futebolista «internacional» Norton de Matos) e pela «Adidas».

— Na sua agenda —

Ginástica: sarau do Colégio Militar

O Colégio Militar realiza no próximo dia 9 pelas 21 e 15, no Pavilhão dos Desportos (em Lisboa) o seu tradicional sarau anual gimnodesportivo. A iniciativa conta este ano com a participação das classes femininas do Instituto de Odivelas, do Sport Lisboa e Benfica e do Clube Atlético de Alvalade. Actuará, também, e classe da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, em exercícios de destreza e saltos de mesa alemã.

Desporto da TAP voa mais alto

Dia 24 do corrente, pelas 16 e 30, em Tróia, o Clube Tap Air Portugal promove o «Convívio Atletismo Tróia-86», prova de atletismo para concorrentes femininos (5 quilómetros) e masculinos (10 mil metros). As inscrições para atletas nacionais (que são gratuitas) podem ser feitas para o Clube Tap Air Portugal (Aeroporto de Lisboa, 1777, Lisboa Codex).

Esta informação foi divulgada no decorrer de uma reunião com os órgãos de Comunicação Social que se processou no Restaurante Ponta-Oeste (Aeroporto de Lisboa), onde teve lugar o jantar de homenagem às equipas federadas de andebol e basquetebol que obtiveram belos triunfos na corrente temporada desportiva.

Por exemplo: a formação andebolística do Clube Tap Air Portugal logrou êxitos no Tor-

neio de Abertura da Associação de Lisboa, no Torneio organizado pela Associação Académica da Amadora e, em São Paulo (Brasil) numa competição de carácter internacional. Em 46 jogos realizados durante a época, o andebol dos nossos aviadores ficou com impressionante «score» de golos (1104-738) e somente sofreu dois desaires. A secção (dirigida por José Ramos, tendo José Madruga como secretário-técnico e a dupla Avelino Baptista e João Mendes como técnicos) integrou os seguintes atletas: Ernesto Reis, José Manuel, Diamantino Silva, Frederico Adão, Joaquim Mesquita, José Ramos, José Freches, José Massa, José Paías, José Viotty, Lino Pacheco, Luís Sacadura, Manuel Brito, Mário Rui, Farinha Rosa, Mário Almeida, Paulo Viotty, Roberto Alegre e Vitor

Cabaço. Desde um jovem a cumprir serviço militar (Cabaço) a funcionário da tesouraria do nosso prezado colega «Diário Popular» (o «internacional Brito»), de professores de Educação Física (José Manuel, Sacadura e Mário Rui) até agente de viagens (Diamantino) ou empregado na hotelaria (Roberto Alegre) existem, neste bloco, um bancário (Ernesto), um técnico de desenho (Pacheco), um secretário de administração (Mário Almeida) e diversos funcionários da Tap (programador, eng.º electrotécnico, supervisor de tráfego, mecânico, analista de informática, escriturário e, no caso de Farinha Rosa, um «account sales manager»). Ainda dando o melhor contributo à equipa estão dois seccionistas (António Santos e Fernando Tabaco) que completam este quadro de cam-

peões nacionais da 2.ª divisão.

Por seu lado, também o basquetebol do Clube Tap Air Portugal está em festa: triunfante numa prova madeirense, com sucesso pleno no «Torneio Internacional de Lisboa» (entre companhias de aviação) e 2.º cotado no torneio organizado por «Os Cariocas», está apurado para subir ao 2.º escalão nacional.

Recorde-se o elenco de basquetebolistas do clube dos homens do ar: Mário Albuquerque, Rui Pinheiro, Carlos Santiago, António Alves, (Tó Mané), Manuel Cardoso, ARgílio Júnior, Jaime Gomes, Mário Cristian, Custódio Rocha, António Reis, João Arroiz, Emanuel Trovoada, Cláudio Henrique, Rui Salvaterra, o treinador Luís Pina e os seccionistas Domingos Gabriel e Carlos Moura.

**VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTILOPE**
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECCÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21 30H TEL 726 08 18
2 MES
CALIGULA DE
ALBERT CAMUS - ENGENHAÇÃO DE JOÃO MOTA
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN 3.º/4.º e 5.º feira PREÇO ÚNICO 150\$000
PRACA DE ESPANHA - APOIOS F. GULBENKIAN E RAD. O COMERCIAL SUB. SEC.

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO**
ANÚNCIO
FAZ-SE SABER que no dia 14 de Maio de 1986, pelas 11.00 horas na 3.ª Secção deste Juízo, nos autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 2543/84 que SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LIQUIDO (ARLIQUIDO), SARL, com sede na Rua da Quinta do Almargem, 14 — Lisboa move contra MATERIAIS NOVOBRA, SARL, com sede na Av.ª dos Estados Unidos da América, 100-5.º Dt.º em Lisboa, há-de ser posto pela 1.ª vez, para ser arrematado em hasta pública por o maior lance oferecido o direito ao traspasse e arrendamento do estabelecimento comercial da executada, sito na Av.ª EUA, 100-5.º Dt.º Lisboa, do qual é senhorio C.ª de Seguros — Espanha S.A.
Lisboa, 24 de Abril de 1986
O JUIZ DE DIREITO
Alípio Duarte Calheiros
A ESCRIVÃ DE DIREITO
M.ª Fernanda Marques Nogueira
«DL» 7/5/86 — 1.ª Pub.

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO**
ANÚNCIO
Processo n.º 8618 Acção Ordinária. 3.ª Secção.
Autor — REMOTOR — Comércio de Automóveis, Lda., com sede na Estrada Velha de Queluz, 32-34 B Amadora.
Ré — BASEGEST — Gabinete de Auditoria, Contabilidade e Gestão de Empresas, Lda., com última sede conhecida na Av. do Brasil, 56-2.º em Lisboa.
Por este Tribunal correm editos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando a Ré — BASEGEST, Gabinete de Auditoria, Contabilidade e Gestão de Empresas, Lda., para no prazo de TRINTA DIAS findo o prazo dos editos, contestar o pedido formulado nos Autos que consiste em a acção ser julgada procedente e provada e em consequência declarar-se resolvido o contrato de venda e ser condenada ao pagamento da quantia de Esc. 785 885\$000 e demais acrescidos a calcular tudo, como melhor acostado da duplicado da petição inicial que se encontra neste Tribunal à disposição da Ré.
Lisboa, 22 de Abril de 1986
O Juiz de Direito
Nogueira
O Escrivão-Adjunto
Nogueira
D.L. 7/5/86 — 1.ª Pub.

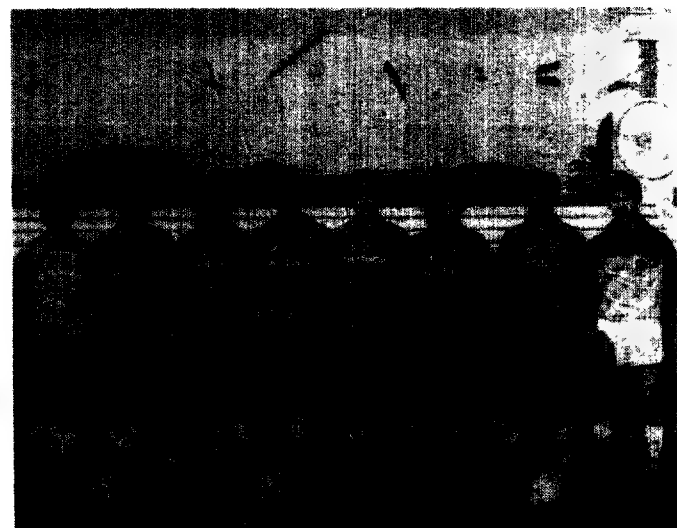
**TRIBUNAL DO TRABALHO
DE LISBOA**
ANÚNCIO
FAZ-SE SABER, pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária n.º 20/86, em que é Autor Octávio Santos Gomes e Ré, CASTRO COELHO & QUINTAS, Lda., ausente em parte incerta e que teve a última sede conhecida na Estrada de Chelas, 64 — LISBOA e netes correm editos de TRINTA DIAS, citando a referida Ré, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos editos e este a contar da publicação do segundo e último anúncio, contestar querendo, a dita acção cujo duplicado da petição inicial se encontra nesta secção de processos onde poderá ser levantada durante as horas normais de expediente, sob pena de, não o fazendo, ser imediatamente condenados no pedido formulado pelo Autor.
Lisboa, 28 de Abril de 1986
O Juiz de Direito,
Dr. António Sérgio Abrantes Mendes
O Escrivão Adjunto,
Luís Manuel Faria Antunes
«DL» 7/5/86 — 2.ª publicação

**TRIBUNAL CÍVEL
DE LISBOA
16.º JUÍZO**
ANÚNCIO
Faz saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de Acção Sumária n.º 2084 em que são Autores TV NOVA COR — ALUGUER INSTALAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE VÍDEO, Lda., com sede na Av.ª Álvaro Cabral, 58/59 em Lisboa, e Ré — ARMANDO JOSÉ LEAL CALDEIRA PINTO, ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua António José da Costa, n.º 28-1.º no Porto, correm editos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o Ré, ausente em parte incerta, para, no prazo de dez dias findo o dos editos, contestar, querendo, a referida acção sob pena de ser condenado no pedido que consiste no pagamento à Autor da quantia de mercancia e mais mil quinhentos e dois euros, juros, costas e demais legais.
Lisboa, 21 de Abril de 1986
O Juiz,
Armando José Leal Caldeira
O Escrivão de Direito,
Amílcar Augusto Alencar
«D.L.» 7/5/86 — 2.ª Pub.

DL DESPORTO



Cândida Pinto (Antena Um) isola-se, perseguida por duas aflitas espanholas, mas falha o golo...



A equipa de Lisboa, vencedora em futebol de onze

II Jogos Ibéricos de Jornalistas, em Cadiz

Um êxito nos campos, nas pistas e no resto

● Portugal venceu no futebol de onze, natação, ténis de mesa, xadrez, 400 metros e salto em comprimento

A selecção de futebol de onze de Lisboa, integrada por dois «craques» do «DL» (E. Alves e R. Cardoso), obteve o primeiro lugar em Cadiz, nos II Jogos Ibéricos de Jornalistas, realizados naquela cidade andaluza durante o fim-de-semana.

Numa iniciativa conjunta da Union de Periodistas de Espanha e do Clube de Jornalistas de Portugal, trezentos jornalistas dos dois países reuniram-se durante três dias em Puerto de Santa Maria, a meia dúzia de quilómetros de Cadiz, tendo competido em futebol de onze e de salão, basquetebol, atletismo, xadrez, ténis de mesa, golfe e pesca.

Os portugueses, que se comportaram «brilhantemente» venceram, além do futebol de onze, o ténis de mesa (Armando

Pires, Antena Um), a natação (Oliveira e Silva, da Antena Um), o xadrez (Luís Ochoa, também da Antena Um), 400 metros (Norberto Santos, da NP) e o salto em comprimento (Nicolau Santos, da Anop). No ténis, Manuel Freire (RTP) chegou à final, mas o eu adversário, Pedro Velasquez, da TVE, não lhe deu «chances». O mesmo se passou com o futebol de salão, onde a equipa da NP, vencedora do torneio no ano passado, nada pôde fazer contra a equipa do Sevilha, onde «brilharam» duas «estrelas» que, dizia-se, jogavam no Bétis...

Sensacional esteve a equipa de futebol de onze de Lisboa, que venceu convincentemente Madrid por 3-0 e o Porto por 3-1. De recordar que Madrid havia sido a vencedora no ano transacto, em Tróia. Para estes

resultados da selecção de Lisboa muito contribuíram os treinos efectuados durante o mês de Abril e a orientação do técnico João Barnabé, que vai continuar à frente dos «destinos» de tão prometedora equipa.

O jogo mais emocionante destes II Jogos Ibéricos foi, contudo, o que opôs as selecções de Portugal e de Espanha em futebol de salão feminino.

Entusiasticamente apoiadas pela quase totalidade dos jornalistas portugueses e espanhóis presentes nos jogos (quase encheram as bancadas), as duas equipas entraram em campo com os dentes cerrados e as pernas a tremer, no afã de vencer.

Ganharam as espanholas por 4-1, aproveitando-se inteligentemente de uma certa inexperiência das portuguesas, que,

como era a primeira vez que se viam nestas andanças (nunca tinham dado um pontapé na bola e nem sabiam bem como se colocar no terreno) se mostraram naturalmente nervosas. Inesquecível, porém, foi a actuação da guarda-redes nacional Maurítana Dinis, da Antena Um, infelizmente substituída quando, aos 4 minutos de jogo, já perdíamos por 2-0.

Ainda no âmbito destes II Jogos Ibéricos de Jornalistas realizou-se uma sessão-conferência com a participação de Rafael Alberti (o maior poeta vivo de Espanha) e de Joaquim Letria.

No final dos Jogos, o presidente do Clube de Jornalistas, anunciou que em 87 se realizará, em Portugal, a 3.ª edição dos Jogos Ibéricos de Jornalistas.

MODALIDADES

«Vuelta»

O ciclista espanhol José Récio, da equipa Kelme, venceu (isolado) a 14.ª etapa da «Vuelta», mas o seu compatriota Álvaro Pino (da Zor) mantém a camisola amarela.

Hoje, disputa-se a 15.ª etapa, entre Aranjuez e Albacete (200 quilómetros).

Xadrez: Torneio Alekhine

António Fróis (em 5.º lugar) continua a ser o português melhor classificado no Torneio Internacional de Xadrez Alekhine.

«Longas Noites»: um ano de vida

«As Longas Noites» (que têm lugar todas as sextas-feiras na sede do Casa Pia A.C.) vão completar o 1.º aniversário, que coincide com a inauguração do «período de Verão». Para tal vai apresentar um noite cultural com um programa variadíssimo, do qual damos um resumo:

7.ª Legião; Pop Del Arte; Bubble Bhta Generation; Afon-

hine, a decorrer em Cascais, que teve ontem a sua décima sessão. Resultados: João Sequeira (Portugal) - Luís Galego (Portugal), 0-1; Vladimir Bagirov (URSS) - Nigel Davis (Inglaterra), 0-5-0,5; Juan Bellon (Espanha) - Gert de Boer (Holanda), 1-0; José P. Santos (Portugal) - António Antunes (Portugal), 0,5-0,5. A partida Adrian Mikhalchishin (URSS) - António Fróis encontra-se suspensa. A classificação geral é liderada conjuntamente por Vladimir Bagirov e Nigel Davis, ambos com 6,5 pontos em 9 partidas. António Fróis tem 5 pontos em oito partidas.

sos do Condado; Lisboa Tap Dancing; José Pedro Show Dança; Jorge Allonso — Música; Vídeos; Cinema; 1 ano de diaporamas de «Longas Noites»; Mostra de moda; Construtónica de Helena Assédio e Rui Cunha; Bijutarias — Mostra — Marrine e Thomas.

Vai ser por certo uma «longa noite» (e divertida) a de 9 do corrente (sexta-feira), com início pelas 22 horas.

Ténis: «Oporto Cup» será um acontecimento

Prossegue a detalhada preparação do torneio «Oporto Cup» que promete momento alto na actual época tenística. Como temos noticiado, a competição vai ter lugar entre 12 e 17 do corrente nos «courts» do Clube de Ténis do Porto que são considerados modelares e com pisos excelentes. Planificada por Jaime de Sousa, a «Oporto Cup» tem nos drs. João Veiga dos Anjos (da «Kispo») e Castro Rocha (presidente do Clube de Ténis do Porto) figuras exponenciais que, com todo o carinho, apoiaram uma realização que se espera verdadeiramente atraente, dado o valor dos tenistas que vão disputar prémios que rondam os 1500 contos.

Colectividades

Luso Futebol Clube

No próximo dia 9, pelas 21 e 30, o Luso Futebol Clube efectua uma sessão solene comemora-

tiva do seu 66.º aniversário, que vai processar-se na sala de convívio da colectividade da Avenida Henrique Galvão, na cidade do Barreiro.

Futebol europeu em tempo de finais

Real Madrid mantém a "Taça UEFA"

● Barcelona e Steaua discutem hoje quem arrebatam "Taça dos Campeões"

Com cabeça fria e o espírito tranquilo pela margem de êxito acarretada da 1.ª mão da final (5-1) o Real Madrid conquistou o seu 8.º título europeu, ao ganhar pela segunda vez consecutiva a «Taça UEFA», apesar da derrota ante o Colónia (por 2-0) em Berlim, em jogo da segunda «mão».

A equipa alemã-federal, que foi forçada a disputar a partida a 350 quilómetros do seu estádio (por interdição da UEFA, devido aos incidentes na meia-final, perante o Waregem) fez um esforço desesperado para ganhar por uma margem superior a cinco golos. No entanto o resultado registado pelo Real Madrid na partida da 1.ª «mão» deu-lhe a tranquilidade necessária para encerrar o encontro com muita calma e isso foi visível na segurança com que os espanhóis se dispuseram no terreno.

O Colónia (que afastou, nos quartos-de-final, o Sporting) atacou insistentemente e aos 22 minutos colocou-se em vantagem no marcador mercê de um golo de Uwe Bein. Contudo, só 50 minutos depois é que voltou a marcar: Ralf Geilenkirchen fez o 2-0, aos 72 minutos.

Agustin Rodriguez (guarda-redes do Real Madrid) foi a figura do encontro, ao efectuar um punhado de defesas que garantiu a «Taça» para a sua equipa.

A capacidade ofensiva do Real Madrid (que raramente foi colocada sobre o relvado) ficou ainda mais reduzida com a substituição do avançado mexicano Hugo Sanchez, que foi forçado a abandonar o relvado aos 21 minutos, devido a lesão. A única jogada com perigo que pertenceu ao Real ocorreu aos 57 minutos, quan-

do Rafael Gordillo atirou a bola ao poste.

O Real Madrid que entre 1950 e 1960, ganhou por cinco vezes a «Taça dos campeões» não vai para o ano defender o título na «Taça UEFA» por ter ganho o campeonato do seu país, estando portanto na disputa da «Taça dos campeões».

Sob a direcção do escocês Robert Valentine alinharam: Colónia: Schumaker; Prestin; Geils (Schmitz 83); Gielchen e Steiner; Geilenkirchen, Hoernerbach, Bein e Janssen (Pisanti 58); Littbanski e Allofs.

Real Madrid: Rodriguez; Miguel Chendo, Camacho, Maceda e Solana; Gordillo, Gallego, Michel Gonzales e Butragueño; Sanchez (Santillana 20) e Valdano.

Sevilha: palco do troféu maior

Mas, hoje, em Sevilha, outro jogo grande: Barcelona e Steaua de Bucarest disputam a final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A partida, o favoritismo pertence quase exclusivamente aos espanhóis, a quem não deverá faltar o apoio entusiástico dos muitos milhares de compatriotas presentes no estádio Sanchez Pizjuan.

O jogo será dirigido pelo árbitro francês Michel Vautrot e vai pôr frente a frente duas equipas com características muito diferentes. Os espanhóis (orientados pelo técnico britânico Terry Venables) são geralmente muito emotivos e tão depressa efectuam excelentes jogações como realizam maus jogos. Os romenos (dirigidos pela dupla Emerich Jenei e Angel Iordanescu) mais frios e calculistas, pautaram-se durante a qualificação pela regularidade.

Na luta pela obtenção do «passaporte» para a final da mais importante competição eu-

ropeia de futebol por clubes, os espanhóis tiveram uma tarefa bem mais árdua do que a dos seus adversários romenos. O Barcelona teve de eliminar algumas das mais fortes equipas europeias, afastando (respectivamente) o Sparta de Praga, (Checoslováquia), o FC do Porto, a Juventus (Itália) e o Gotemburgo (Suécia).

O Steama de Bucarest conseguiu a qualificação depois de eliminar (sucessivamente) o Vejle Boldklub (Dinamarca) o Honved de Budapeste (Hungria), o Kuusysi Lahti (Finlândia) e o Anderlecht (Bélgica) o mais cotado dos quatro adversários dos romenos.

O Barcelona iniciou a sua participação na competição eliminando o Sparta de Braga, sendo apurado por maior número de golos marcados fora, depois de ter ganho na Checoslováquia (2-1) e consentido uma derrota no Nou Camp (Barcelona) por 1-0. Na etapa seguinte (oitavos-de-final), em que defrontou o campeão português (FC Porto) os golos marcados no terreno adversário foram novamente decisivos para o Barcelona. Na primeira «mão», em Barcelona, os espanhóis triunfaram por 2-0, obtendo a qualificação graças ao golo marcado no Estádio das Antas, em que perderam por 3-1. Nos quartos-de-final, o sorteio emparelhou o Barcelona com a Juventus (vencedora da Taça dos Campeões Europeus na época passada, depois de bater o Liverpool, no Heysel Park de Bruxelas em 29 de Maio, dia que passou a ser um dos mais negros da história do futebol europeu e mundial. Os incidentes entre adeptos italianos e ingleses ocasionaram a morte de 38 pessoas, na sua grande maioria adeptos da equipa de Turim).

As duas partidas entre espanhóis e italianos causaram grande expectativa, batendo todos os recordes de receitas, tanto em Espanha como na Itália. Depois de vencerem (1-0) o jogo da primeira «mão», disputado em Barcelona, os espanhóis empataram a um golo na partida de Turim. Nas meias-finais o Barcelona defrontou o Gotemburgo (Suécia) conseguindo o apuramento por grandes penalidades, dado que no final das duas «mãos» se registou uma igualdade a três golos. No 1.º jogo, os espanhóis perderam 3-0 no campo do Gotemburgo, resultado que anulariam surpreendentemente vencendo em casa pela mesma margem. No total das quatro eliminatórias, o Barcelona apontou 10 tentos e consentiu 9.

Por seu lado, na 1.ª eliminatória, o Steaua de Bucarest empatou a um golo no terreno dos dinamarqueses do Vejle Boldklub, mas no jogo da segunda «mão» os romenos venceram por 4-1. Nos oitavos-de-

final, o Steaua afastou o Honved (Budapeste) com quem perdeu o primeiro encontro, disputado na Hungria, por 1-0. Mais uma vez, os romenos resolveram a eliminatória perante o seu público, goleando (4-1) os húngaros no encontro da 2.ª «mão».

No degrau seguinte, a sorte bafejou novamente os romenos, cabendo-lhes defrontar os modestos finlandeses do Kuusysi Lahti, frente aos quais consentiram (em casa) surpreendente empate a zero golos. A passagem às meias-finais seria obtida 15 dias depois, com uma vitória pela margem mínima (1-0) na Finlândia.

Nas meias-finais, o Steaua de Bucarest afastou o campeão belga (Anderlecht) a mais poderosa das quatro formações que os romenos tiveram de ultrapassar. Depois de perderem (1-0) no jogo da «mão» inicial em Bruxelas, os romenos ganharam aos belgas por 3-0 na 2.ª partida. No total, os romenos marcaram 13 golos e sofreram cinco.

Histórias

A nível de historial, as duas equipas presentes na final da Taça dos Campeões Europeus, são também muito diferentes, sendo o balanço claramente favorável aos pupilos de Terry Venables, com grande número de títulos ganhos. Palmarés do Barcelona (fundado em 1899):

● Taça dos Campeões Europeus: finalista vencido em 1961 (derrotado pelo Benfica por 3-2).

● Taça dos Vencedores das Taças: campeão em 1979 (venceu o Fortuna de Dusseldorf: 4-3) e 1982 (Standard de Liège: 2-1). Vice-campeão em 1979 (perdeu na final com o Slovan de Bratislava, por 3-2).

● Taça das Cidades com Feira (antecedente da «Taça UEFA»): vencedores em 1958 (selecção de Londres: 2-2 e 6-0), 1960 (Birmingham, 0-0 e 4-1), 1966 (Saragoça: 0-1 e 4-2) e 1971 (Standard de Liège: 2-1).

● Campeonato espanhol: Venceu 10 edições (1925, 1945, 1948, 1949, 1952, 1953, 1959, 1960, 1974 e 1985).

● Taça do Rei: venceu 20 edições (1910, 1912, 1913, 1920, 1922, 1925, 1926, 1928, 1942, 1951, 1952, 1953, 1957, 1959, 1963, 1968, 1971, 1978, 1981 e 1983).

O Steaua de Bucarest (fundado em 1908) nunca venceu qualquer competição europeia. Em 1985, conseguiu uma «dupla» no campeonato e na «Taça» romenos. Vitórias obtidas no campeonato romeno: quatro títulos (1968, 1976, 1978 e 1985). «Taça»: nove êxitos (1962, 1966, 1967, 1969, 1970, 1971, 1976, 1979 e 1985).

Bastidores

A expectativa em torno da partida de hoje fica acrescida pelo facto de ambos os treina-

dores ainda não saberem qual a formação que poderão apresentar: as duas equipas debatem-se com problemas físicos e só minutos antes do encontro principiar é que serão divulgadas as turmas. A maior dúvida consiste na presença do «internacional» escocês Steve Archibald (do Barcelona) que se deslocou à Holanda para ser submetido a tratamento especial a uma lesão. Seleccionado para o México, o famoso Archibald está desejoso de voltar à competição e admite-se como muito possível a sua presença em qualquer altura do jogo desta noite:

«Penso que é mais seguro dizer que ele vai jogar» (afirmou o técnico do Barcelona, o inglês Terry Venables) que adiantou: «Ele não deverá jogar, no entanto, os 90 minutos».

Para o lado romeno o técnico Emmerich Jenei afirma ter duas dúvidas: o defesa central Adrian Bumbescu e o avançado Gavrilă Balint. Todavia, estas indecisões parecem ser apenas supostas dado que ambos os jogadores têm treinado afincadamente.

A escolha de Sevilha para a final da «Taça dos Campeões» pela UEFA aconteceu com antecedência, inclusive antes de o Barcelona ter começado a sua cruzada europeia, depois da vitória no campeonato. Dado que o Steaua de Bucarest não deve fazer deslocar adeptos a Sevilha (à semelhança da maioria das equipas do Leste), o Estádio «Sanchez Pizjuan» vai estar repleto por 57 mil simpatizantes do Barcelona, que praticamente joga em casa, e qualquer resultado desfavorável para o «Barça» será considerado uma «catástrofe nacional».

Mosquitos por cordas no hóquei patinado

A direcção do Hóquei Clube de Barcelos tornou pública a sua posição relativamente aos incidentes ocorridos no domingo, no final do encontro entre aquela colectividade e o Parede, para o nacional da 2.ª divisão de hóquei em patins. O jogo realizou-se em Lisboa (no pavilhão Carlos Lopes) e terminou com um empate (3-3).

De acordo com um comunicado da direcção do Barcelos **um bando de energúmenos, afecto ao Parede, agrediu diversos elementos visitantes, entre os quais o «capitão» da equipa (que teve perda dos sentidos e traumatismo craniano) e um seccionista (que sofreu fractura completa da omoplata e clavícula direitas, que exigiu operação cirúrgica).**

Ainda segundo o mesmo comunicado, foram também violentamente agredidos o presidente do Conselho de Arbitragem de Hóquei em Patins do Minho e o tesoureiro da Associação de Patinagem da mesma região, **perante a impotência dos três agentes da PSP presentes e sem que nenhum dos elementos da organização ou dirigente do Parede tivesse intervindo para resolver a situação.**

Face ao acontecido, a Associação de Patinagem do Minho solidarizou-se com o seu filiado Hóquei Clube de Barcelos e exigiu a realização de um rigoroso inquérito ao sucedido, bem como a interdição preventiva do Pavilhão Carlos Lopes para efeitos de jogos de hóquei em patins.

Moniz Pereira: grito de revolta

Na crista da revolta

Mário Moniz Pereira logicamente indignado: o conceituado técnico de atletismo e presidente da Associação de Amizade Portugal-Portugal, que é também compositor musical inspirado e com poemas na interpretação de artistas do gabarito de Maria da Fé e Carlos do Carmo, ficou perfeitamente fora de si quando (como todos os espectadores televisivos) verificou que «um qualquer inglês com cara de bom apreciador de wísque dirigia a orquestra que acompanhava Dora no Euro-festival das cantigas. Vai daí, Moniz Pereira (prontamente arregimentando para as suas cores a Sociedade de Autores e o Sindicato dos Músicos) lavrou protesto, remetendo à RTP um telegrama, em que se insurge contra «mais uma colonização da música portuguesa, numa atitude chocante e provocante de quem desconhece os nossos músicos e prefere entregar a defesa das nossas composições a sujeitos arregimentados no estrangeiro». Tem toda a razão, Moniz Pereira: pior do que o «costureiro e estilista» fez à Dorinha, só (mesmo) entregar a batuta da nossa cantiga a um qualquer filho da Albion. É triste e amargurante. Pelo menos para os excelentes músicos que, felizmente, sempre tivemos. Mas deve ter agradado a algum agente artístico.

N. de S.

Violência continua activa: oito árbitros agredidos

Oito árbitros agredidos (seis a soco ou a pontapé e dois à pedrada) integram a lista de incidentes registados pela GNR em recintos desportivos no último fim-de-semana. De salientar (ainda) que todas as agressões se registaram em campos de futebol: uma delas foi cometida por um jogador e todas as restantes por espectadores.

Uma tentativa de agressão ao árbitro por parte de um jogador ocorreu também no decurso do encontro Grupo Desportivo Cerva — Grupo Desportivo Bairro Latino (distrito de Vila Real). O elemento em causa recebeu ordem de expulsão, mas reagiu tentando agredir o juiz da partida, no que foi impedido pela intervenção da força da GNR presente no recinto.

Também no decorrer da 2.ª parte do jogo FC Perafita — Candal (distrito do Porto) um espectador agrediu com um chapéu-de-chuva o comandante da força da GNR presente, pelo que foi detido e identificado com vista a responder no tribunal em processo sumário.

Recorde-se que os outros incidentes ocorreram nos jogos Valenciano-Porte da Barca, Águias da Graça-Desportivo do Prado, Minas da Borralha-Pedras Salgadas, Penafiel-Amarante (juniores), Unidos ao Porto-Águias da Areosa (amadores), Nelas-Mandufe, Moleiros-Britiande, Tarouca-Moimenta da Beira, Cucujães-Esmoriz, Valecambrense-Raivense, Póiares-Oliveira do Bairro, Barreiros-Chãs e Desportivo da Serra-Industrial Viarense.

Tinha 63 anos, nascera em Lisboa, chamava-se Laura Alves Magno, teve como apelidos Morgado e Valério, é mãe de Vasco Morgado e foi a maior actriz dos palcos portugueses durante largas décadas.

Vai esta tarde a sepultar, da Basílica da Estrela para o Cemitério dos Prazeres. Morreu ontem mas perdura a vida tempos atrás: quando a primeira picareta camarária avançou contra o Monumental.

Laura Alves: mataram a minha artista!

Neves de Sousa

Ontem, batiam as quinze: assassinaram a **minha artista**. Melhor: estava de há muito em agonia, desde aquela triste e leda madrugada em que o camartelo de Abecasis, protegido por vergonhoso escudo que é mácula para uma cidade, começou a reduzir a cisco o palco em que ela foi a mais exponencial das figuras.

Pequenina, com uma vida impressionante, ladina desde criança: para o palco transportava toda a gama emocional dos seus sentidos introduzida a carácter em cada personagem que vestia em cena. Foi admirada por reis e presidentes: quando fechou os olhos, tinha a seu lado apenas outra mulher.

— Sabes? Ainda queria cantar contigo. Quero papi-nha, Quero sair. Olha, minha querida: gosto muito de ti. Fazes-me coisas como se eu fosse pequenina...

Disse isto e fechou os olhos. Adormeceu lentamente, de frente de Cândida, a empregada que a tratava, vai para dois anos, naquele 1.º andar da Avenida Praia da Vitória, a uma centena de metros do monte de lixo e terra que fica como sepulcro de interpretações inesqueíveis.

Ontem, batiam as quinze. Numa cama ortopédica, finava-se a maior actriz portuguesa de uma geração que quase abrangeu meio século. Vasco Morgado foi o grande amor da sua vida. Frederico Valério deu-lhe a ternura dos últimos anos. Hoje, a esta hora, empresário e músico estão recebendo a actriz preferida, entre palmas do elenco que melhor a enquadraram: Vasco Santana, António Silva, Costinha, Ribeirinho, Villaret, Maria Matos, Palmira Bastos, Teresa Gomes, Humberto Madeira, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Maria Lalande, Assis Pacheco e Santos Carvalho. Provavelmente, ela leva novas desta terra: e conta-lhes que sim, que (infelizmente) ainda estamos sob a picareta e o martelo de Abecasis.

Há por aí, ainda, quem recorde a noite em que o pano subiu, pela primeira vez, no Monumental? Ela entrava muito docemente, dançando em pontas, caminhando para os braços de Tomás Alcaide: víamos «As três valsas». Foi o princípio de longo rosário, de espantosa recolha de ovações: «O baile», «Gata em telhado de zinco quente», «Margarida da rua», «Boa-noite, Betina». Rui de Carvalho segurava-a nos braços: ela voava, depois, de ponta a extremo do tablado. E vieram mais coisas belas: «Criada para todo o serviço», «Meu amor é traçoceiro», «A idiota», «A ra-

pariga do apartamento», «O comprador de horas». Artur Semedo, Henrique Santana, Camilo de Oliveira, Henrique Santos, Delfina Cruz: que horas bonitas, Deus meu!

Éxitos que foram apostas consecutivamente ganhas pela quase eterna rapariguinha de palmo e meio: «A mulher do roupão», «A promessa», «A flor do cacto», «Pobre milionária», «A fera amansada». Raul de Carvalho, Raul Solnado, Nicolau Breyner: sempre os maiores a seu lado, todos eles a ficarem momentaneamente ofuscados pelo brilho da mais perfeita aluna de mestre Augusto Pinheiro, dessa menina que entrou pela primeira vez a pisar tábuas no Politeama, logo contracenando com um cidadão gordinho que se chamava João Villaret e dizia versos como nenhum outro.

O cartaz prolongava sucessos, pérolas enfiadas no mesmo colar: «A querida mamã», «A menina Alice e o inspector», «Adeus, Valentina», «Um zero à esquerda»: foi a última representação no Monumental, 16 de Fevereiro de 83, Abecasis já espreitava a presa.

«Não há nada que me escape», «Pai precisa-se»: foi no Canadá (Montreal), ao lado de Rosa do Canto, Júlio César, Dulce Guimarães e Luísa Mata. Ninguém mais a veria sob os projectores. A doença minava-a. Morreria o Vasco. Morreria o Frederico. Ela viajava entre a cama e os médicos espanhóis, em Badajoz. Passava pelo Hospital Particular mas voltava à Praia da Vitória, tendo como som de fundo a impiedosa luta dos «bulldozers» contra o cimento e o mármore.

O matraquear de uma metralhadora legalmente accionada pelo mais acérrimo dos demolidores da arte.

Começou a ficar mais pequenina. Do Governo, nicles: nem um aceno, na hora da desgaça. O «Dictionary of International Biography» desde Junho de 1979 que a conhecia. Uma reforma pouco mais que miserável era o seu bordão.

Dizem-me que a causa da morte foi embolia cerebral: mentira, falsidade tremenda, está aí, vivo e são, o filho que me pode confirmar. Verdade ou mentira, Vasco Morgado? Quem matou a tua mãe? Quantos desgostos ela foi ultrapassando até tombar KO? Quantos a chicotearam ao longo de meio século de brilho opulento?

Mataram a minha artista. Nunca mais lhe perdoo, Krus Abecasis.



Em Londres: ao lado do também saudoso Paulo Renato



Em «A rapariga do apartamento»: um ano e meio no cartaz



Laura Alves vista por Colomina Domingo



O quadro (retratando o filho) que sempre esteve no seu camarim



Em casa da artista: Vasco Morgado recorda a carreira de sua mãe

"A Praga dos Gafanhotos" de Otílio de Figueiredo

Henrique Maria dos Santos

Para nós, a literatura contemporânea — e neste caso o moderno romance — interessa sobretudo para lá de razões estéticas e profissionais, como uma forma de melhor compreender a atitude do homem perante a crise, de natureza espiritual do que de qualquer outra, que o ameaça subverter.

É, pois, o Romance não só o mais social dos géneros literários como um precioso auxiliar da História naquilo que muito importa: a revelação do homem e da sociedade a que pertence.

Pena é que a maioria — diremos em aparte — incluindo tantos historiadores, e os que estes dizem ser os responsáveis pela História, o considere, quanto muito, só uma forma de entretencimento ocioso.

É o Romance, muitas vezes a melhor análise e interpretação e juízo do mundo que lhe é contemporâneo e, frequentemente, mercê da imaginação criadora, a antevisão do futuro.

Assim, entendemos por Romance moderno aquele que se mantém fiel às realidades do seu tempo e é portador da novidade que anuncia a «contemporaneidade futura» o que aliás, não é novidade nenhuma: de Goethe (suponho) a Sartre (com certeza) tem-se vindo a afirmar isto mesmo.

Nesta índole de Romance moderno se enquadram as obras de Otílio de Figueiredo: «Os Cem anos da Avó Ricardina», «Ressuscitemos os Cravos Vermelhos», «O Cabo Mingas», e, agora «A Praga dos Gafanhotos».

Todos estes romances se referem a Vila Real, ao tempo da ditadura, à guerra do Ultramar, como um protesto, pondo em evidência a hipocrisia e a inconsciência dos que exaltavam a guerra e de maneira ardida procuravam arranjar fortuna.

O romance «A Praga dos Gafanhotos» recheado de figuras que todos nós conhecemos



Otílio de Figueiredo

com os quais contactamos no nosso dia-a-dia, dá-nos a sensação de estarmos mesmo rodeados de uma «Praga de Gafanhotos». Ao referirmos, aqui, estas impressões pretendemos lembrar a quem nos lê que Otílio de Figueiredo é um dos mais humanos escritores, é um escritor que tem uma visão certa do mundo que nos rodeia, conhecendo a língua e sabendo usar a palavra em termos culturais e humanos.

A imaginação criadora de Otílio de Figueiredo lançou-o,

com a sua grande experiência de médico, a escrever sobre a vida do nosso tempo e seus costumes, procurando humanizar estes no seu comportamento, nos seus sentimentos, no viver quotidiano sem incidências agrestes, com um espírito aberto, numa humildade dinamizadora de emoções vividas ou em aspirações realizadas.

Em toda a sua obra literária, Otílio de Figueiredo, sem preconceitos nem intenções deformantes da realidade, apresenta enredos bem documentados, figuras bem desenhadas como no caso presente de o romance «A Praga dos Gafanhotos» em que a linguagem é clara, simples o vocabulário, revelando, além do mais, um espírito agudo de observador.

Humano nas definições, brilhante nas ideias, com este romance, Otílio de Figueiredo confirma-se um dos melhores escritores da nossa literatura contemporânea.

«A Praga dos Gafanhotos» é mais um documento vivo da sua alta capacidade de escritor.



Vitorino vai para o Sul...

Perante este título de «Sul», três letras quentes, imagina-se algo de beligerante e dramático. Mas também uma harmonia perfeita entre as gentes e o território contido na sugestão do nome. Pois, no vídeo-clip sobre o último disco de Vitorino que a televisão nos mostrou, andam cegonhas, searas ondulantes, fogueiras e desfiles de cavaleiros árabes armados.

Resume-se, ali, a história de um sulista — ou será a de todos? — exilado na capital do País que o Tejo corta ao meio, numa separação muito nítida que não deixa lugar a dúvidas. Imagens que fixámos: um rosto de um pianista, moreno e grego, o perfil, um nadador mourisco, do cantor a despedir-se da rapariga no cais, pronto a tomar o «vapor da madrugada». Quadro a que as gaivotas, em voos rasantes, emprestam um sabor de partida, por caminho aquático. A sua estrada «vai para o Sul», termina na outra margem onde «sou feliz».

Com ele alcançamos as planícies, ao encontro da aventura e talvez que em qualquer ponto bem visível (no Alentejo não há esconderijo possível), deparemos com um acampamento de ciganos.

Ou serão os malteses de Manuel da Fonseca? Esses tipos enigmáticos e altivos que com tanta mestria iluminou. Depois aquele casario branco que alberga uma gente tão afeita à solidão e à rebeldia, habitantes dos descampados que as giestas perfumam com aquele odor inconfundível. «Vou-me embora... vou para o Sul», diz Vitorino.

Por acaso vai mesmo para o Sul, ainda mais para o Sul do que o Redondo, onde nasceu. Vai dentro em breve a Taormina na Sicília comparecer num festival onde receberá o prémio com que a RAI, televisão italiana, o distinguiu, no âmbito de uma iniciativa do Mercado Comum. Cada país terá um galardão — o nosso, é Vitorino.

Lourdes Fêria

"Live in New York City"

O último concerto de John Lennon

Cinco anos após a morte de John Lennon é finalmente editado em disco e em vídeo a gravação inédita do seu último concerto, um espectáculo de beneficência efectuado pelo ex-Beatle no Madison Square Garden, de Nova Iorque, no dia 30 de Agosto de 1972.

Fazendo-se acompanhar pela Plastic Ono Elephants Memory Band, que inclui músicos como Stan Bronstein, Wayne Gabriel, John Ward, Gay Van Sycoc, Jim Keltner, Rick Frank, Adam Ippolito e Yoko Ono, John Lennon interpreta, neste álbum, 11 temas entre os quais se contam «Give Peace a Chance», «Hound Dog», composição de Leiber e Stoller celebrizada por Elvis Presley.

Ainda se podem ouvir temas como «Woman Is The Nigger Of The World», «Imagine», aqui na sua única versão ao vivo, «Come Together», um tema do álbum «Abbey Road», dos Beatles, editado três anos antes e «Mother».

«Live In The New York City» é a gravação do único grande concerto de John Lennon depois dos Beatles. Esta actuação ao vivo destinava-se a chamar a



John Lennon live in New York City

atenção para as condições precárias em que viviam as crianças diminuídas mentais e inseria-se numa série de concertos de beneficência que John e Yoko tinham vindo a realizar desde o Festival da Paz de Toronto, em 1969.

John e Yoko atravessavam na altura uma fase em que a intervenção social e política assu-

miam particular importância. Estávamos em 1972, o ano dos grandes protestos contra a guerra do Vietnam e do despotar do movimento feminista na América. Os temas incluídos neste álbum são quase todos retirados de «Sometime In New York City», um duplo Lp que John editara na Primavera desse ano.

«Sometime In New York

City» era um álbum repleto de «fraternidade», «feminismo», afirmações políticas e canções «a la Bertolt Brecht». Apesar de retratar uma fase particularmente politizada da vida de John Lennon, «Live In New York City» é acima de tudo um documento importante para a compreensão da carreira e das ideias do ex-Beatle.

dos em diversos jornais e revistas.

Bolseiro do Conselho da Europa e do Instituto Sueco da Cultura, Hélder Pacheco, autor do «Guia do Porto» é professor na Universidade Livre na capital nortenha.

Prémio Rodrigues Sampaio-86 para Hélder Pacheco

O prémio Rodrigues Sampaio de 1986 foi outorgado ao escritor Hélder Pacheco pela sua obra «Tradições Populares do Porto» — disse à Anop o presidente da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto que patrocina o galardão.

Anteriormente o prémio tinha já sido atribuído a Oscar Lopes, Joel Serra, José Tengarrinha, Norberto Lopes, Vítor de Sá, Flávio Gonçalves, Ferreira de Brito e Vasco Graça Moura.

Hélder Pacheco, que em data

a anunciar vai receber o diploma e 50 mil escudos do prémio, instituído pela AJHLP com apoio da Fundação Gulbenkian, é um investigador de temas da cultura popular e do património cultural, tendo publicado estu-

Lightnin Hopkins: antologia de blues

«Lightnin' strikes again» é o álbum recentemente editado de Lightnin Hopkins, o grande senhor dos blues. Trata-se de uma das melhores antologias deste género editadas entre nós.

Foi com 34 anos que Hopkins gravou pela primeira vez ainda os 78 rotações, nos fins da década de 40 e princípios de 50. Estas deram-lhe grande popularidade na sua terra Houston, no Texas.

Foi em 1958 que o folclorista Mack McCormick e Sam Charters descobriram Lightning Hopkins, possuidor de um estilo muito pessoal, um dos sobreviventes do country blues. Nas suas canções as palavras e a música tinham a mesma importância, só as duas juntas exprimiam o que ele sentia.

Nos anos 60, foram maus para o músico, que viu os seus discos negligenciados. Em Julho desse ano, gravou cinco faixas num clube nocturno de Los Angeles, uma delas a célebre «Big Car Blues», onde

está patente o humor corrosivo contra o racismo.

«Coffee Blues» era o tema original, que agora tem nova versão nesta antologia e se intitula «Coffee House Blues».

Segue-se «Ball Old Twice», um tema alegre, gravado em estúdio em 1962, em Houston.

«The Devil Is Watching You» e «Heavy Snow» são dois em que o «rosnar» da voz e a guitarra rítmica ressaltam no álbum. «Coon Is Hard to Catch» é uma versão adaptada do tema «The Hunt». Outros temas tiveram participações muito especiais como «Got Me a Lousiana Woman» e «War Is Starting Again». Aqui Elmore Mixon, teve a cargo as teclas e Ivori Lee Semien, a bateria, dois músicos de estúdio acompanhantes de Hop Wilson e Cajum/Sydeco.

Lightnin Hopkins morreu em 1981, vítima de um cancro. Quando passou 17 anos de ausência dos palcos, Lightnin ia actuar em Londres, teve de ser hospitalizado de urgência.

A Sofia e a Gata Borralheira

Carlos Porto

FECHA OS OLHOS... ENTRA NA HISTÓRIA. Texto, Música e Produção: Alexandra Solnado. Encenação: Joselita Alvarenga. Figurinos: J. Serroni e Augusto Francisco. Coreografia: Michel. Interpretação: Ailton Galvão, Alexandra Solnado, Ângela Pinto, António Semedo, João Grosso e Paula Oliveira. Teatro Villaret, 20-4-1986.

Há dias assim: o domingo, um dos últimos, foi desses — o dia da Gata Borralheira. Primeiro, no Villaret, com «Fecha os Olhos... Entra na História», não nessa, na estória, como escrevem os brasileiros. O Brasil não aparece aqui por acaso: é que este espectáculo, melhor, esta peça passou por lá ao que dizem com sucesso. Quem a escreveu foi a Alexandra Solnado que passou não há muito pelo palco da Barraca com um Brecht. A encenação é de Joselita Alvarenga, mãe da Alexandra, o que para o caso tem a sua importância já que é de estórias, que as mães e os pais contam aos filhos, que se trata.

O projecto é um achado, uma espécie de ovo de Colombo. Trata-se de fazer passar a criança por várias histórias que fazem parte, entre outras, da mi-

tologia infantil: a Gata Borralheira, a Branca de Neve, a Alice no País das Maravilhas, o Capuchinho Vermelho... É a Filipa que nos leva pela mão por esses contos, levada ela por um amigo de ocasião, o excelente amola-tesouras Magalma que lhe pede para substituir a Gata Borralheira já que esta se ausentará para participar num congresso da espécie, o que é outra ótima ideia. Assim somos levados de história em história, descobrindo as personagens e os conflitos que cada uma delas propõe aos seus jovens leitores.

Mas antes das histórias, há uma cena que aqui vem a propósito. Tem ela a ver com as relações dos adultos com as crianças, com o entendimento que uns e outras têm dos respectivos prazeres e obrigações. Porque a Filipa, mano e amigos

querem brincar e os mais velhos querem que eles estudem, lavem os dentes, vão cedo para a cama, etc. Até que chegam à compreensão de que todos têm razão: é preciso lavar os dentes e estudar mas também é preciso tempo e espaço para as brincadeiras.

Projecto bonito, surge neste espectáculo relativamente menorizado porque pedia outros meios para melhor atingir os seus fins. Pedia cenários e fatos e música ao vivo e muita gente a povoar um grande palco para ser o espectáculo que o tema está mesmo a pedir.

Tal como existe, porém, o espectáculo da Alexandra Solnado merece mais crianças do que as que tinha no domingo que lá fomos. Até pela simpatia e graça dos intérpretes: além da Alexandra, Ângela Pinto e João Grossos, António Semedo, Paula Oliveira e Ailton Galvão.

Embora não especialmente entusiasmada, a Sofia divertiu-se com o espectáculo e até já trauteava a canção. Coube-lhe, no entanto, algo de mais complicado: viver a sério a primeira cena da peça. É aqui que entramos no segundo ponto deste

domingo especial, de facto, o dia da Gata Borralheira. É que à noite a televisão apresentava «La Cenerentola» ópera de Rossini e encenação de Ponelle, sem favor, geniais. A Sofia insistia em ver. O pior é que no dia seguinte era segunda-feira, com aulas, e a 1.ª classe da Sofia é de grande responsabilidade. E a mãe de Sofia não foi em cantigas... com grande pena dela que não podia ver a ópera. Ao argumento de que depois via a gravação, ela contrapunha um outro quase imbatível: e se a gravação fica estragada? Como a Filipa, no entanto, acabou por entender os argumentos dos mais velhos. No dia seguinte, à tarde, é que a Sofia não largou as três horas da Gata Borralheira rossiniana. Só não conseguiu que ouvisse o Luís M. Alves na sua entusiasmada e entusiasmante apresentação da obra. «Não posso com esses homenzitos (sic) a falar», explicou a Sofia. Não insisti, embora discordasse.

Do espectáculo do Villaret, «Fecha os Olhos... Entra na História», à ópera de Rossini (abrir bem os ouvidos e os olhos), a recomendação fica feita.



António Carmo e a sua «visão» de Fernando Pessoa (um dos quadros a expor em Bruxelas)

António Carmo entrevistado pela televisão belga

O pintor português António Carmo, que está em Bruxelas a preparar a sua exposição individual numa das mais conceituadas galerias daquela cidade, a «Racines», concedeu uma entrevista à Televisão belga.

A exposição, que estará patente de 22 do corrente a 13 de Julho, conta com o patrocínio

do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Direcção-Geral de Turismo Belga.

Na Galeria Racine irão estar expostos trinta quadros de António Carmos, incluindo o catálogo um texto de Serafim Ferreira.

«The Kinks» amanhã em Cascais

O maior palco de sempre será construído em Cascais para o único concerto do grupo britânico The Kinks agendado para quinta-feira — apurou-se junto da organização.

O grupo The Kinks que inicia em Cascais a sua digressão europeia, terá um palco de dimensões invulgares além de duas passarelas com dez metros cada uma construídas em frente ao palco.

O material a utilizar pelos Kinks nesta digressão incluindo uma cozinha, chega a Cascais na quarta-feira, transportado em três camiões TIR.

«O material que os Kinks utilizarão só é comparável com o que foi usado pelos The Tubes ou Iron Maiden também aqui em Cascais» — disse um responsável pelo espectáculo.

A mesma fonte acrescentou que devido à quantidade do material trazido pela banda, o palco tem que estar pronto um dia antes do concerto.

Depois de actuarem em Cascais, os Kinks tocarão na sexta-feira em San Sebastian, Espanha, seguindo-se Madrid, Valência e Barcelona.

Sobre a digressão europeia dos Kinks, o jornal Melody

Marker desta semana afirma que o nome de Ray Davies é fundamental para a história do Rock.

«Em quantas linhas se poderia resumir a evolução do rock? Quantos discos seriam importantes nesta relação se alguém um dia escrever a evolução do rock nos últimos decénios poderia dar-se ao luxo de omitir muitos nomes e de excluir vários álbuns, mas seria muito difícil omitir nomes como o de Kinks», escreve o «Melody Maker».

Para o jornal britânico «igual seria escrever a história do rock e esquecer nomes como os dos Stones ou dos Who. Os Kinks, como os Stones e os Who, são básicos».

Os Kinks actuarão em Cascais com uma formação idêntica à dos últimos anos, desde que a banda deixou de ser um quarteto transformando-se em quinteto: Ray Davies (voz), Dave Davies (guitarra), Jim Rodd (viola-baixo), Ian Gibbons (teclas) e Bob Hennrit (bateria).

Ray Davies, cujo nome verdadeiro é Raimond Douglas Davies, formou os Kinks em 1964, juntamente com seu irmão, o guitarrista David Russel Gordon Davies, ou Dave Davies.

Artistas portugueses em Maputo

Tino Costa, Sérgio Godinho, Maria Guinot e outros artistas portugueses vão actuar durante os próximos dias em Maputo — anunciou a Agência de Informação de Moçambique.

O artista angolano Bonga (Barceló de Carvalho) e os brasileiros Grande Otelo e Alcione também se encontram entre os estrangeiros convidados para o Festival Internacional de Mú-

sica com que Moçambique está a assinalar até ao dia 11 os 100 anos do Dia Mundial do Trabalhador.

«Los Paragayos» e agrupamentos da Alemanha Federal, da Itália e dos Estados Unidos participam igualmente no Festival de Maputo, onde o conjunto de artistas portugueses anunciados engloba a Brigada Victor Jara.

Gogol com sotaque polaco

O DIÁRIO DE UM LOUCO, de Gogol. Encenação e Cenografia: Andrzej Kowalski. Música: Carlos Azevedo. Interpretação: Carlos Rosa, Rui Santo, Pedro Miguel, Álvaro de Sousa, Ivone Ruth, Nuno Pissarra, Regina Gago, Isabel Pratas. Grupo O Teatro das Quatro Estações (Leiria). Comuna, 20-4-1986.

Curioso: é difícil a um primeiro olhar a um determinado espectáculo deixar de pensar: aqui anda mão de polaco. Não sei se haverá no mundo ocidental outro teatro assim tão fortemente caracterizado, duma tão absoluta especificidade sob o ponto de vista de linguagem cénica.

«Diário de um Louco» — texto admirável, feito e refeito. No entanto, por estes amadores de Leiria, por este encenador-cenógrafo polaco, um texto diferente, que parece novo.

No espaço amplo da antiga sala da Comuna, uma secretária. Sentado, um homem carimba papéis, carimba papéis.

Atrás dele, a cada canto da parede, num envólucro em plástico transparente, uma espécie de casulo, uma mulher dobra lá vermelha, um homem lê. Sobre o chão um plástico igualmente transparente. Lenta, lentamente, uma mulher varre; ouve-se música repetitiva (excelente a composição de Carlos Azevedo). O actor interpreta o texto: por vezes a sua inexperiência obriga-o a atabalhoar as palavras, a apagar o sentido de um texto tão denso: é talvez o único problema do espectáculo, a incipiência do intérprete que tem uma boa máscara, um jogo convincente, mas falha na asunção do verbo gogoliano.

À medida que decorre, o espectáculo, vai-se transformando, vai passando da normalidade, para assim lhe chamar, para a anormalidade, para assim lhe chamar. A simplicidade com que essa transformação vital é feita resulta tão magnificamente que basta para justificar o espectáculo. É, nesse aspecto, magistral. O actor vai-se despiando, e dois auxiliares de cena, de fato e gravata, vão lentamente arrancando as diversas partes de que a secretária é constituída, que levam para fora, uma a uma. Por fim, o actor (Carlos Rosa) surge só com uma camisa — sinal do manicómio — e sem qualquer forma social (mesa e cadeira que foram retiradas); o plástico do chão enche-se de ar, forma ondas, e o «louco» surge como que metido num buraco, imagem duma solidão absoluta; por fim, o plástico sobe e fica como que sendo um outro tecto a pesar sobre espaço; nesse momento, os casulos referidos iluminam-

-se de novo e as duas personagens surgem em forma de cadáveres. O «louco» apela para a mãe e os dois auxiliares de cena mergulham-lhe a cabeça numa bacia de água (símbolo da maternidade). A mulher da limpeza lava o chão com essa água (destruição do símbolo). Os dois homens arrastam o louco para fora.

É assim simples, violento, plausível, inventivo e forte este espectáculo do grupo de Leiria, Teatro das Quatro Estações. Espectáculo de cenógrafo, mais ainda do que de encenador, este trabalho sobre o texto de Gogol é um notável exercício teatral.

O que espanta nisto é como o cenógrafo polaco, há anos a viver em Portugal, tem sido desaproveitado pelos nossos grupos. O certo é que este trabalho, como o «D. Quixote» («DL» — 12.12.85) do TEUC revelaram excepcionais capacidades criativas por parte de Andrzej Kowalski.

Strindberg processa o BBI

MENINA JÚLIA, de Strindberg. Tradução: J. A. Osório Mateus. Encenação: José Gil. Cenografia e Figurinos: Ildeberto Gama e José Gil. Interpretação: Manuel Sá, Luísa Oliveira e Fernanda Lobão Dias. Grupo de Teatro do CCD do Banco Borges & Irmão. Sindicato dos Bancários, 17-4-1986.

O leitor percebeu pelo título que não tomámos este espectáculo muito a sério, a não ser naquilo que exige seriedade: o texto de Strindberg e o esforço dos actores e dos seus colaboradores, uns e outros amadores,

no levantamento do espectáculo. Mas dificilmente poderemos encontrar justificações ou desculpas para o encenador, José Gil, profissional experiente que tem produzido espectáculos dignos e que, aliás, co-

nhece bem este grupo que dirige desde que foi fundado.

É difícil entender as razões deste falhanço a não ser que tenham a ver com uma certa soberberia ou com falta de ... tempo.

Numa sala do Sindicato dos Bancários, um dispositivo cénico que imita uma jaula: a ideia, mesmo não sendo original, não era má. Tratava-se de recusar o naturalismo apelando para o carácter simbólico e psi-

cológico do texto (daí o pássaro em papel). Mas já se sabe que em teatro não basta ter ideias, nem é suficiente dispor de intérpretes para as respectivas personagens. Então quando está em jogo um texto tão complexo na sua aparente linearidade, como é o caso deste, as coisas tornam-se ainda mais difíceis.

Aquilo a que assistimos tem pouco a ver com teatro e ainda menos com Strindberg. Duas

Continua na pag. 23

TELA anima Leiria

Filipa Andrade

O TELA — Teatro Experimental de Leiria, ao comemorar o seu quinto aniversário como companhia regular, aposta na animação cultural da cidade, baseando o seu trabalho não só na produção teatral, mas também na realização de exposições e concertos musicais. A estreia de «A Comédia dos Anfitriões», de Camões, um concerto com os «Trovante» e a animação das termas de Monte Real são os seus projectos a curto prazo.

Mas vamos por partes. O TELA formou-se em 1981 e conta já com treze produções teatrais, que vão desde os textos de autores clássicos aos contemporâneos, passando pelo teatro de cunho popular.

A Companhia partiu da fusão de diversas experiências de teatro amador da região, de onde nasceu o projecto teatral com o objectivo da abordagem colectiva de textos e da pesquisa ao nível do chamado teatro popular. Nesse sentido montaram-se espectáculos de rua a partir de textos populares portugueses.

A Companhia foi crescendo, tem sede própria e uma sala de espectáculos e neste momento está a levar a cabo uma experiência que começa a ser comum nos grupos de teatro independente em Portugal: o convite a encenadores diversos para a abordagem de textos de várias tendências, o que se traduz numa nova dinâmica a nível do trabalho de actores e na possibilidade do público contactar com o estilo de diferentes encenadores.

Para além disso, e englobado no seu projecto de descentralização cultural, o TELA tem levado o teatro aos vários concelhos do distrito e realizado actividades paralelas no campo da música e da formação pedagógica.

Teatro, rádio e escolas

Dentro do âmbito de divulgação e formação cultural, o

TELA levou a efeito um projecto de animação virado para a juventude, integrado na apresentação da peça «Traço Contínuo, Traço Descontínuo» da dramaturga e encenadora francesa Françoise Pillet, que recentemente terminou.

Foi um conjunto de actividades que puseram a cidade de Leiria a «mexer», pelo menos ao nível das escolas, levando os alunos das turmas de teatro e jornalismo a ver a peça (tornando-se um público bastante activo) e a dar-lhes voz para porem a vivo os problemas das respectivas escolas, através de um concurso denominado «Dar voz à própria voz», transmitido na rádio local.

O balanço foi positivo, conforme afirma Luís Filipe Cruz, do TELA: «a dinamização de uma série de programas de rádio dentro da rádio local, os textos escritos para a imprensa local e a dinamização das escolas que pela primeira vez tiveram uma forma pública de exprimirem os seus problemas da vida e espaço da escola, tudo isto apoiado um pouco na nossa estrutura foi um trabalho importante, que tanto alunos como professores pretendem continuar.»

«Comédia dos Anfitriões»

Já este mês o TELA estreia a sua nova produção teatral, «A Comédia dos Anfitriões», de Camões. Trata-se de uma história bastante simples que vem da antiguidade clássica — o nascimento de Hércules — e que foi

adaptado ao teatro romano por Plauto e a partir daí conheceu já inúmeras adaptações, sendo a de Camões uma das mais expressivas.

José Valentim Lemos, encenador da peça e professor do Conservatório Nacional, saliente que «é uma comédia com grande teatralidade, pois tem uma série de encontros e desencontros. O texto de Camões depende muito do tratamento cénico, para que as pessoas o não achem 'chato'».

E acrescenta: «A Comédia dos Anfitriões» é uma comédia popular com um fundo erudito e pode ser a base de um espectáculo popular que interessa a grande número de pessoas com formações e situações sociais diferentes, cada uma encontrando a sua linha de entendimento. No entanto o espectáculo está facilitado por se tratar de uma comédia.»

Este trabalho vem na continuação da experiência encetada pelo TELA o ano passado com a peça de Almeida Garrett «Falar Verdade a Mentir», que teve um grande eco junto do público conseguindo trazer à sala as pessoas que normalmente não vão ao teatro.

Mais uma vez o Teatro Experimental de Leiria vai ao encontro dos estudantes do ensino oficial: «Os alunos do secundário recusam os textos clássicos que lhes são dados a ler na escola, mas reagem muito melhor se os virem encenados e montados. É preciso desdramatizar a relação dos alunos com os textos que têm de abordar na escola», afirma ainda o encenador.

Elenco reforçado

«A Comédia dos Anfitriões» implicou uma montagem bastante dispendiosa, pois tem 10 personagens, e o TELA quis reunir para a sua representação actores de qualidade reconhecida, reforçando assim o seu

elenco, contando com a colaboração de actores como Teresa Roby (ex-Casa da Comédia), Figueira Cid (cedido pelo Centro Cultural de Évora), Ávila Costa (ex-Maizum), Waldemar de Sousa (ex-Novo Grupo) e Fernando Loureiro.

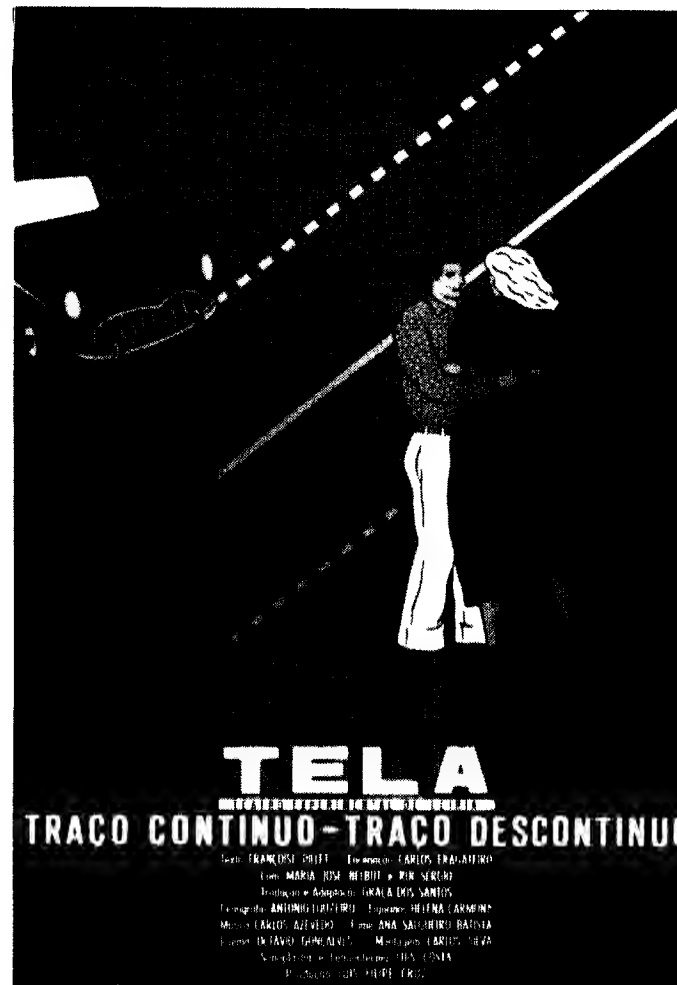
O TELA aposta também no nível de expressão artística e não se tem poupado nada: um bom guarda-roupa executado por Amélia Verejão e o cenário do mestre do Centro Cultural de Évora.

«Tem que se acabar com a ideia de que as coisas podem ser feitas mais ou menos; é preciso dar ao teatro o nível de uma festa, de um acontecimento, porque é assim que se chama o público até nós», afirma José Valentim Lemos, que acrescenta: «não se trata de fazer um teatro de cedência ao gosto fácil do público, mas obrigá-lo a pôr novas questões e para isso é necessário lançar pontes entre ele e nós e a execução técnica é importante nesse aspecto. A adesão que as pessoas têm ao aspecto plástico ajuda-as a perceber a peça».

Mercado Santana: um novo espaço cultural

A temporada da companhia de Leiria termina com a apresentação da peça «Um, Dois, Três, um Mago», da Assembleia de Teatro de Turim, uma divertida comédia de alguns dos momentos mais expressivos do teatro de Shakespeare. Nesse sentido o TELA convidou a encenadora Teresa Garcia Fernandes, numa continuação do projecto de levar a Leiria diferentes encenadores.

A grande novidade é que esta peça vai estreiar um novo sítio de espectáculos: o antigo mercado Santana. O produtor, Luís Filipe Cruz afirma: «Como nos consideramos uma companhia com responsabilidades na cidade, queremos que a peça seja apresentada num local que se



torne futuramente um espaço de iniciativas culturais. Assim, vamos estreiar no antigo mercado Santana, que até há pouco tempo foi o local de compras das donas de casa de Leiria. Queremos deste modo dar o nosso contributo para que se crie um novo espaço de cultura e divulgação dos valores regionais».

Nem só teatro...

Nem só ao teatro se dedica o Teatro Experimental de Leiria, como já se disse. O TELA é também responsável pelo programa de animação cultural do «1900 Bar», onde têm organizado exposições de assuntos tão vastos como informática, filatelia, tapeçaria ou jornalismo. Sempre que o tema o permite, dão especial relevo a artistas ou zonas do distrito, o que aconteceu em exposições de artistas leirienses e na exposição sobre

grutas. Trata-se, afinal de «animar os diferentes locais da cidade que se podem tornar espaços vivos».

Para além disso, têm também agora a seu cargo a animação das termas de Monte Real, entre 15 deste mês e 15 de Outubro. No campo da formação estão programados dois «ateliers» práticos: o primeiro tem a designação de «ImprovisaSom» e é dirigido pelo encenador Antonino Solmer. O segundo é uma oficina sobre «Construção de Máscaras e Cabeçudos», animado pelo artista galego Bernardo Carpena Allegue.

No campo da música, o TELA tem já agendado para 5 de Junho um concerto com os «Trovante», para a apresentação do último álbum do grupo, «Sepes». É mais uma tentativa de levar a cultura portuguesa a Leiria, numa verdadeira aposta na descentralização.

Strindberg

Continuação da pág. 22

atrizes e um actor debitando mal um texto que só lhes passa pela língua sem que a qualquer momento sintamos qualquer das tensões que constantemente atravessam as personagens, torna-se a certa altura insuportável. Isto agravado pelo facto de não sentirmos as tensões das personagens e dos conflitos mas sentirmos as naturais tensões dos intérpretes que, aliás, eram os menos culpados.

Deste modo este espectáculo não podia existir: era demasiado mau para ser verdade.

Lamente-se por fim a falta de respeito de bancários e funcionários do Sindicato. Não pelo facto de deixarem a sala vazia (como se percebeu nisso até tinha razão) mas pelo restolho que faziam durante a representação. Um pouco mais de respeito não fazia mal nenhum.



Dois cenas de uma peça que serviu para animar a cidade de Leiria



Corpus Dança no Auditório do BESCL

Todos no mundo. E eu daqui

«Todos no Mundo. E eu daqui», é o título genérico do espectáculo que o Grupo de Bailado Moderno Corpus Dança vai estreiar amanhã no Auditório do BESCL, na Rua D. Luís. Trata-se de uma aposta na criatividade e esforço de um conjunto de bailarinos, amadores, mas que decidiram encarar a actividade artística num plano profissional, ao nível do trabalho e empenhamento.

A formação do CORPUS DANÇA deu-se em janeiro de 1984, por vontade e iniciativa de um grupo de bailarinos que há muito se dedicam à DANÇA.

A primeira intervenção pública realizou-se em Évora, na Cooperativa GESTO-ARTE e logo de seguida, em Março do mesmo ano, o Grupo faz a sua estreia na capital com o espectáculo «CALEIDOSCÓPIO», onde, intencionalmente, se mostravam diversas correntes de dança (jazz, moderno, rock, sapateado, charleston) num «show» de 16 coreografias, algumas delas da autoria dos elementos do grupo.

Depois veio a preparação do primeiro grande espectáculo (de 2 horas) apresentado em 21/22/23 de Junho de 1985 — UMA DIMENSÃO DE RITMO E GESTO — no Auditório do Grupo Cultural e Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Este espectáculo foi montado e produzido em dois meses e o seu objectivo teve por fim, demonstrar e provar, que o CORPUS DANÇA, apesar do seu estatuto de grupo amador, tem o profissionalismo de qualquer grupo no género, e mesmo sem apoios de qualquer espécie, apresentou um trabalho inovador a nível coreográfico. A ideia básica cumpriu-se.



Coreografia «Diófima»

Mostrar que existem diferenças básicas entre ginástica e dança, ou ainda, incluir uma «performance» de mímica, porque isso também é movimento e expressão.

Logo a seguir, em 6 de Junho do mesmo ano, o CORPUS DANÇA recebe um convite para fazer o HAPPENING da exposição do pintor MANUEL CARGALEIRO, nos claustros da Pousada de Palmela.

Mas também se fizeram outras intervenções pontuais ao longo destes dois anos, com acções individuais ou colectivas dos bailarinos do grupo.

Surge, entretanto, o convite da televisão para gravar algumas das coreografias que farão parte deste novo espectáculo que o grupo irá apresentar em breve, e o genérico DANÇAS HOJE! Foi emitido pela RTP no dia 1 de Maio passado.

Com ensaios desde Outubro do ano passado e com o cuidado de quem não quer cair no fácil, o CORPUS DANÇA irá apresen-

tar nos dias 8/9/10/11 de Maio, pelas 21.30 h, no Auditório do BESCL o seu novo espectáculo «TODOS NO MUNDO. E EU DAQUI». As coreografias são da responsabilidade de alguns bailarinos, nomeadamente, MANUELA BASTOS, TERESA VEIGA, MARINA ABRANCHES, DULCE NUNES e CARLOS MATOS. O grupo não tem direcção artística por concordância unânime e pretende com isto, demonstrar que é possível fazer-se um trabalho coreográfico muito mais criativo aproveitando a técnica de execução e de expressão, variável de bailarino para bailarino.

Para este espectáculo foi pedido um subsídio à Câmara Municipal de Lisboa, de forma a que a sua montagem fosse mais perfeita. Até agora a resposta resumiu-se num pedido de legalização e respectivos papéis. O Grupo, devido ao curto espaço de tempo, não teria, de qualquer modo, tempo de o fazer, uma

vez que a burocracia é tanta e tão lenta. Como tal, e, recebendo apoios mais traduzidos em cedências, do que monetários, o Grupo continua a despendir dinheiro de cada um dos seus elementos. A confecção do guarda-roupa é feita quase que exclusivamente pelos seus elementos, bem como tudo o resto, desde a colagem de cartazes na rua, à montagem de palco, passando pela colaboração dos técnicos de luzes e som, produzida por profissionais que acreditam no projecto ousado do CORPUS DANÇA.

O Grupo é constituído por 15 elementos no total. Os bailarinos são: Carlos Matos (e coreógrafo), Cristina Salles, Dulce Nunes (e coreógrafa), Josefina Raimundo, Manuela Bastos (e coreógrafa), Marina Abranches (e coreógrafa), Luísa Miranda, Luís Carvalho, Sofia Ribeiro e Teresa Veiga (e coreógrafa). Conta, ainda, com três elementos de Direcção, Maria Helena Nunes, Isabel Braga e Beatriz Silva e com os técnicos Mário Brito (luzes) e José Victor Higgs (som).

O CORPUS DANÇA fez já contactos com algumas cidades do País para poder concretizar a sua «tourné» e espera poder mostrar este espectáculo, depois da estreia em Lisboa, noutras localidades, porque só assim poderá divulgar o seu trabalho.

Neste espectáculo conta, ainda, com dois convidados especiais; o bailarino Pedro Salomé e o músico Bueñaventura Melo (viola de arco).

Para finalizar, saliente-se que todos os elementos do grupo, paralelamente à dança, trabalham e estudam, sendo essa a razão principal, pela qual o seu estatuto tem de ser amador.



Coreografia «Choldrabortra» pelo Corpus Dança



Uma obra de Mena Brito a partir de hoje patente no Lisboa Penta Hotel

Exposições

• Na sala de exposições do Lisboa Penta Hotel inaugura-se hoje, pelas 18.30 horas a exposição de pintura de **Mena Brito**, intitulada «Especialidade Temporal na Dança». A artista plástica nasceu em Lisboa em 1955 e é licenciada em Artes Plásticas pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Tem participado em diversas exposições colectivas e está representada em colecções particulares em Portugal, Estados Unidos e Venezuela.

• Uma exposição de **42 máscaras portuguesas** foi inaugurada, no segundo piso do Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

A iniciativa, realizada pelo Museu de Etnologia do Instituto de Investigação Científica Tropical, em colaboração com a Bienal Universitária de Coimbra, procura dar a conhecer um dos aspectos pouco divulgados da nossa tradição cultural.

• A Festa dos Rapazes, a Festa de Santo Estêvão, Festas do Natal, Ano Novo e Reis, Carnaval, festas de S. João, S. Pedro e Corpo de Deus e costumes sociais constituem o panorama temático e funcional das máscaras portuguesas. Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Litoral são, por seu lado, as regiões mais representadas na mostra que vai estar patente ao público até ao dia 11 de Maio.

O programa da exposição salienta, a propósito, que a máscara deixou hoje de ser um fenómeno histórico, étnico ou regional, para se integrar na aventura da cultura, agora de âmbito planetário, exprimindo novos valores e símbolos: grupos urbanos, punks e outros, por exemplo, constroem as suas máscaras no próprio rosto. A variedade das máscaras portuguesas, porém, é escassa. «Sensivelmente de tipo realista» — acrescenta o programa — reproduzem sempre um rosto humano, embora seja visível a intenção de o desumanizar, recorrendo a artifícios simples e ingéniosos, designadamente exagero de certos traços anatómicos, assimetrias, inclusão de elementos simbólicos conotados com o imaginário diabólico».

Música

• Na Fundação Calouste Gulbenkian prosseguem os «10.ºs Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea», hoje com um concerto pelas 21.30 horas no Grande Auditório, pela Orquestra e Coro Gulbenkian. Michel Tabachnik e Fernando Eldorado são os maestros, e Rosemarie Landry, soprano. Do programa consta a interpretação de obras dos compositores João Rafael, Xenakis, Emmanuel Nunes, Pierre Boulez e Luigi Nono.

Teatro

• A peça «O Capote», de Gogol, é apresentada hoje pelas 18.30 horas no Teatro da Academia Almadaense, em Almada numa sessão especial para a juventude, pela Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide. Com encenação de Joaquim Benite, a peça tem interpretação de Carlos Gonçalves, Canto e Castro, António Assunção, Adelaide João, Luís Vicente e Vítor Gonçalves.

• No Teatro Campo Alegre — A Seiva-Trupe apresenta diariamente às 21.45 horas e aos domingos e feriados também às 16 horas «Os Amadores da Foz» de Camilo Castelo Branco, com encenação de Norberto Barroca, música de Paulino Garcia, coreografia de Manuel Passos e interpretação de Alberto Quaresma, Alfredo Correia, Alexandre Falcão, António Reis, Carlos Lacerda, David Cardoso, Estrela Novais, Glória Férias, Júlio Cardoso, Luís Cunha, Lurdes Rodrigues, Margarida Machado, Pedro Branco, Raul Santos Silva, Rui de Sousa, Zélia Santos.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.16.30, 19.21.45 e 23.45 h

Apolo 70

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila

DARLY
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

FOGO NO RABO
(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

SEXO POR MEDIDA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Caleidoscopio

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Castil

O GRANDE ESPÍAO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO, «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador no festival do Rio de Janeiro e Prémio O.C.C.I.C de Berlim). Em exibição no cinema Quarteto.

Cinebloco

A CLASSE DE 1984
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45 e 21.30
TEMPO DE GUERRA
(maiores de 16 anos)
24.00 h

Cine Camoes

O COLOSSO DE PEQUIM
(int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O EXORCISTA
(int. men. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

TAMAÑO NATURAL/1973
18.30 h
LA ESCOPETA NACIONAL/1977
21.30 h

Cine Portela

ROCKY IV
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Anusha

VINGANÇA FURADA
15.30 e 21.30 h

Estúdio Shezu

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

HABANERA
(não acons. 12 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Hollywood

A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Condes

LOUCAS AVENTURAS DE AMOR E SEXO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Fden

LOUCAS AVENTURAS DE AMOR E SEXO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

D.A.R.L.Y.
(m. 6 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Estúdio ACS

O CÔNSUL HONORÁRIO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

DUELO SOBRE O ABISMO
(maiores 12 anos)
15, 17, 19, e 21.30 h

Fonte Nova

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Odeon

A REVOLTA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

OS MILIONÁRIOS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Restelo

AMADORA - Cinestúdio
— «Estrada de jogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA - Cineteatro
Lido — «O Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.15 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia
— «Com Asas nos pés», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ESTÚDIO DOIS EME
— «Os Goonies», às 21.30 h (maiores 6 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O Ano do Dragão», às 17.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000
— «João brancas e a liceal», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A lenda da floresta», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — MIRAMAR/ SALA 1 — «Remo — desarmado e perigoso», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — ATLÂNTIDA CINE — «Cotton Club», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OXFORD — «A Floresta Esmeralda», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Com Asas nos pés», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível — «Moscou não acredita em lágrimas», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. 18 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «Espíões como nós», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CAPARICA — OCEANO — Sala 1 — «Rocky IV», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 12 anos)

Sala 2 — «Os amigos de Alex», às 16.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CRUZ DE PAU — LORD — «O último executor», às 16.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE — «Lutador em fúria», às 21.15 h (int. 18 anos)

FORTE DA CASA — FOCA CINE — «O bem dotado» (crótico), às 15.30 e 21.30 h (int. men. 18 anos)

LINDA-A-VELHA — CINE-TROPICAL — «Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MOSCAVIDE — STOP — «A batalha de Brorx», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

ODIVELAS — CINE-ODIVEL — «Esquadrão da vingança», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)

CINE-OCEANO — «Sem deixar rasto», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2

REMO-DESARMADO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio

ACADEMIA DE GÉNIOS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 1

UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Sala 2

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

RUMBLE FISH - JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Odeon

A REVOLTA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

OS MILIONÁRIOS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Restelo

AMADORA - Cinestúdio
— «Estrada de jogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA - Cineteatro
Lido — «O Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.15 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia
— «Com Asas nos pés», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ESTÚDIO DOIS EME
— «Os Goonies», às 21.30 h (maiores 6 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O Ano do Dragão», às 17.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000
— «João brancas e a liceal», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A lenda da floresta», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — MIRAMAR/ SALA 1 — «Remo — desarmado e perigoso», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — ATLÂNTIDA CINE — «Cotton Club», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OXFORD — «A Floresta Esmeralda», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Com Asas nos pés», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível — «Moscou não acredita em lágrimas», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. 18 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «Espíões como nós», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CAPARICA — OCEANO — Sala 1 — «Rocky IV», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 12 anos)

Sala 2 — «Os amigos de Alex», às 16.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CRUZ DE PAU — LORD — «O último executor», às 16.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE — «Lutador em fúria», às 21.15 h (int. 18 anos)

FORTE DA CASA — FOCA CINE — «O bem dotado» (crótico), às 15.30 e 21.30 h (int. men. 18 anos)

LINDA-A-VELHA — CINE-TROPICAL — «Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MOSCAVIDE — STOP — «A batalha de Brorx», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

ODIVELAS — CINE-ODIVEL — «Esquadrão da vingança», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)

CINE-OCEANO — «Sem deixar rasto», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Pathe

JOÃO BRONCAS AVANÇADO FORA TODOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

NO AR É QUE ELA GOSTA
(m. 18 anos) 24.00 h

Politeama

DESAPARECIDO EM COMBATE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

O QUE PROMETO...NAO FAÇO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

UMA SOMBRA NO AMOR
(não acons. a m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
— «Estrada de jogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro
Lido — «O Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.15 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia
— «Com Asas nos pés», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ESTÚDIO DOIS EME
— «Os Goonies», às 21.30 h (maiores 6 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O Ano do Dragão», às 17.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000
— «João brancas e a liceal», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A lenda da floresta», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — MIRAMAR/ SALA 1 — «Remo — desarmado e perigoso», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A J

LISBOA — Permanente:
ALCANTARA: Proibidade, R. Alcântara, 15-AB (T. 638589).
AREIRO-APEADEIRO:
 Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721). **CHILE-ARCO CEGO:** São Jorge, Lg. Leão, 3-AB (T. 534027).
ENC. RUSTELO-ESC. P. VICENTE: Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248). **Estrela:** Aurelio Rego, Cç. da Estrela, 139 (T. 661758). **GRAÇA:** Almeida Dias, Lg. Graça, 38-39 (T. 862909). **LG. CAMPO PEQUENO:** Miranda, Lg. Campo Pequeno, 36-BC (T. 770776).
LUM. R. Douro, Alm. Linhas Torres, 93-AB (T. 791131). **OLIVAS VELHO:** Olivais, R. Alves Pereira, 19 (T. 311237).
PAL. A. Curie, Av. 22-Madame Curie, 15-A (T. 723220). **RESTELO:** Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741). **SÃO JOSÉ-TIVOLI:** Fernandes, Rua S. José, 187 (T. 326476). **BRANDOA-AMADORA:** Correia, Urb. Alformososa, Cel. G. L. 137-Loja B (Ponte) (T. 990122). **ODIVELAS:** Monserrate, Rua Guilhermina Gomes Fernandes, 31-A (T. 981139). **PONTINHA:** Cruz Correia, E. Santo Eloi, 41-A (T. 992453).

Reforço: **ALAMEDA-FONTE LUMINOSA:** Iherá, R. Benito Sabrosa, 235-235-A (T. 888277). **ALVALADE:** Alvalade, Av. da Igreja, 10-A (T. 892070). **AMO-REIRAS-ESTACÃO CARRIS:** Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760). **ANJOS-LISBOA GIN. CLUBE:** São José, R. Anjos, 41-A (T. 570730). **BAIRRO ALTO:** Veritas, R. Misericórdia, 135 (T. 327564). **BEATO:** Grijo, R. do Grilo, 25 (T. 385264). **BENFICA-CHAB-QUINHO:** Macedo, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697). **CHELASJUNTO AV. DR. AUG. CASTRO-CARRIS:** Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, 11-42 (T. 850904). **ESTRELA-POSSIDÔNIO:** SILVA, Tagus, R. Possidônio da Silva, 162-A (T. 669485). **SAL-DANHA:** Cruz Nunes, Pç. Duque Saldanha, 14-15 (T. 521845). **SANTA APOLO-NIA-CAMINHOS FERRO:** Pereira Suc., R. Paraíso, 98 — St. Clara — Hosp. Marinha (T. 863224). **BURACA-AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660). **OLIVAL BASTO:** Nova, R. Agores, 11-A (T. 9810305). **PRIOR VELHO:** Matos, Tv. Prioras (T. 2519939).

Linha de Sintra — AMADORA: Nunes, Est. Serra Mira-Falga, 1-A (T. 4937543). **Perm.:** Soares Correia, Est. Águas Livres - Carenque (T. 965517). **Solla,** Loja D. Lote 65 (T. 900724). **DAMAIA:** P. Alexandre Guimarães, 9-A (T. 970523). **QUELIZ:** Correia, Lg. Mercado, 3 (T. 950905). **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cid. Lisboa, 9-A (T. 2571626). **CACÉM:** Araújo, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (T. 9240781). **MEM MARTINS:** Garcia, Est. Mem Martins, 173 (T. 9214103). **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). **RIO DE MOURO-RINCHOA,** Araújo, Cç. Rinchoa (T. 9260404). **SINTRA:** Teresa Garcia, Lg. D. Afonso, 3-1 (T. 9232747). **COLARES:** Abreja (T. 9290088). **S. PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). **COVA DA PIEDADE:** Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). **COSTA DE CAPARICA:** Higiénica, Av. República, 23 (T. 2400020).

FEIJÓ: Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). **SESIMBRA:** Leão, Av. Liberdade, 13 (T. 2233471). **LAVRADIO:** J. Con-solado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). **BARREIRO:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88 (T. 2073212). **BAIXA DA BANHEIRA,** Teixeira, B.º Moçambique, 84-B (2040946). **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B (T. 2291192). **CRUZ DE PAU:** R. Bafatá, 11-Loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). **SEIXAL:** Soromenho, Pç. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). **MON-TIJO:** S. Pedro, Av. Camões, 16 (T. 2311135). **MOITA:** Silva Rocha, Pç. República, 16 (T. 239029). **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020). **ALCOCHETE:** Garmelo, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). **SETÚBAL:** Normal do Sul, Pç. Bocage, 137 (T. 22216). **Saião,** Av. Portela, 55 (22709). **Fuzeta.**

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero Quental, 9 (T. 4190610). **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c. (T. 2441616). **ALCABIDECHÉ:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). **S. DOM. RANA:** Godinho Silva, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2 (T. 2470361). **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, Estrada Nacional (T. 24850635). **OEIRAS:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 17-C (T. 2437196). **NOVA OEIRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24 (T. 2478737). **PARADE:** Guimarães, Av. República, 87-A (T. 2471204). **MURTAL:** Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). **SASSOEIROS:** Amaral, Quinta das Encostas (T. 2461312). **BIRRE:** Imami, Lote 7-B - Hera (T. 2852121). **MADORNIA:** Madeira, R. A (T. 2476326). **AMOREIRA:** Abrantes, Viv. Maria Carlos Anjos (T. 2682313). **MONTE ESTORIL:** Ostende, R. Espinho, 1 (T. 260391). **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B.º 25 Abril, Lt. 13 (T. 2519670). **SACAVÉM:** Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 4518025). **LOURES:** Saraiva, Av. República, 86 (T. 9830027).

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — FERREIRO, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE,** R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA,** R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA,** R. D. Afonso Henriques, 1-5; **AREOSA;** **ALMEIDA,** R. Castelo de Numão, 37; **VALDREZ,** R. Luís da Cruz, 230, às Condomínias.

Coimbra — LOPES RODRIGUES, R. Fernandes Tomaz, ao Arco de Alameda (T. 22634); **CRUZ & COSTA,** R. A. Vasconcelos, 71-71-A, antiga R. Olegário Montarroyo (T. 22715); **FIGUEIREDO,** R. da Sofia, 107-109 (T. 22837).

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg, «A ILHA DOS MORTOS» e «A SONATA DO ESPECTRO».

Almada — Acad. Almadaense

R. Capitão Leitão, 64

Tel. 275 21 75

«O CAPOTE», de Gogol. Pelo Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite, interpretado por Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Luís Vicente e Vítor Gonçalves.

1.º Acto Clube de Teatro — Os Marginalizados

Palácio dos Anjos, Algé

Às sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caldas

«O ILUSTRE CONFERENCISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caldas

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dakon Salen Asséf. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varella Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Polais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Cascais — Espaço TEC

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal. pelos alunos do Liceu Francês.

Teatro Nacional D. Maria II

Rosário — Tel. 372246

Sala Experimental

De 3.ª a sáb. às 21.45., sáb. e dom. às 16.30

«Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente pela Ass. Cultural Marionetas de Lisboa. Direcção de Carlos Cobre. Manipulação e vozes de Ana Costa, Carlos Varella, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varella Silva. Intérpretes: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

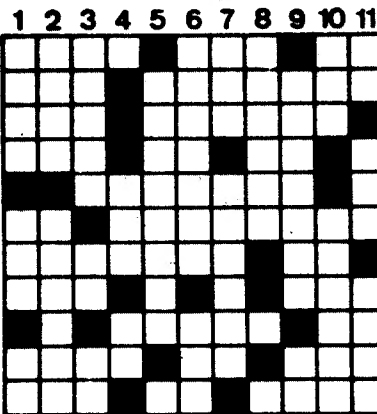
«CALÍGULA». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 724

HORIZONTAIS:

- Aspero. Preposição. Berilo (s.q.).
- Freguesia do concelho de Vimioso. Parte interna e endurecida do pericário (no fruto) que encerra a semente (pl.).
- Freguesia do concelho de Penafiel. Chamam em socorro.
- Rémoinho de água (prov.). Rémoio (s.q.). Preposição.
- Dignidade de rei ou rainha.
- Em a. Magnetizaras.
- Louv. Atomo.
- Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Figura que simboliza o povo americano.
- Capital da República Popular da Bulgária. Ruténio (s.q.).
- Diz-se do que tem uma cor de ouro-mete ou amarelo-torreado. Preposição e artigo. Ente.
- Armaria. Esquadrão. Mamífero ruminante.



VERTICAIS:

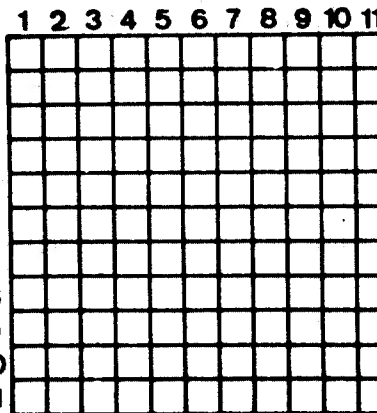
- Rijo. Recusa. Bário (s.q.).
- Referente a uva. Tocar apito.
- Tocar de leve. Nota musical. Prefixo de negação.
- Ena! Solitário.
- Povoação da freguesia da Cova da Piedade.
- Freguesia do concelho de Ponta Delgada (Açores). Executa.
- Reze. Bispo de Pavia que negociou uma reaproximação entre as Igrejas grega e latina.
- Languidez.
- Municípios. Apelido.
- Bondoso. Prenderem.
- Pertences. Organização Mundial de Saúde (sigla). Parede forte.

Resolva completamente este problema? Probara, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inserido.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 563

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Caminha. Catedral.
- Despacharam. Chiste.
- Li. Domicílios.
- Reis. Assanhar.
- Acrescentei. A Pérsia.
- Domesticariam.
- Ferro temperado. Põe em risco.
- Curar. Enguia.
- Nome de astro. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
- Costuraras. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
- Guarnecemos de asas. Amulato.



VERTICAIS:

- Cultivadas. Centiare.
- Vila e concelho do distrito de Portalegre. Poentes.
- Níquel (s.q.). Carinhosa.
- Cidade da Pérsia. Acolá.
- Herdade delimitada por muros. Indignar. Letra grega.
- Apelido. Caminhar. Cabelos brancos.
- Abandarias.
- Descansara.
- Nome de mulher. Pessoa muito parecida com outra.
- Ilha do mar Jónio. Li.
- Artigo definido (ant). Pape-lão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 723

HORIZONTAIS:

- FOME. Falcon.
- Ema. Madã.
- Zaco. Zagala.
- Ru. Rematar.
- CI. Maré.
- Somar. Ira.
- Ps. Mo. lama.
- Estanca. Aba.
- Rói. Casaria.
- Astros. Ciar.
- Ousar. Aro.

VERTICAIS:

- Faz. ESPERAR.
- Onar. Ossos.
- Macuim. Tito.
- Cama. Ru.
- Roncos.
- FAZEM. Casa.
- Adamarias.
- Lagar. AC.
- Ateimarias.
- La. RABIA.
- Arrã. Aaro.

PROVERBIO: Fome e esperar, fazem rabiar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 562

HORIZONTAIS:

- Valdosende.
- Árica. Asa.
- Lás. Balça.
- Adoro. Armam.
- Se. Crium.
- As. Gear. Cão.
- Rani. Sabida.
- Ébano. Aos.
- Socareis. Si.
- Já. Crase.
- Miolo. Março.

VERTICAIS:

- Valadares.
- Arad. Saboji.
- Lisos. Nação.
- DC. Regina.
- Oaio. Orço.
- Cis. Er.
- Esbarriam.
- Ari. Ssa.
- Dalmácia. Er.
- Escamados.
- Aam. Oaíco.

Antena Um

16.00: «A Gaita dos sete foles»;
17.15: Musicomania; 19.00: In-
formação e música; 20.00: Mú-
sica portuguesa; 20.15: No estú-
dio e no estúdio (Informação des-
portiva — 2.ª Edição); 20.35: Ca-
tequese semanal (A palavra do
Papa em língua portuguesa);
20.45: Música portuguesa; 21.00:
Movimento; 21.30: Imaginário;
23.30: Último jornal. Notícias de
hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX.
Variações sobre um tema de Frank
Bridge, de Britten; 16.30: Árias
de óperas de autores italianos, de
Verdi, Mercadante, Donizetti,
Bellini e Ponchielli; 17.00: Inte-
grais — As sinfonias de Haydn.
Sinfonia n.º 97 em dó maior;

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A
feira mágica; 19.15: Caras e co-
ras; 20.00: Conta corrente;
21.00: Discos pedidos; 22.00:
Portugal e a CEE; 22.15: Religio-
sos; 22.30: Tempo de desporto;
23.00: Vigésima quarta hora;
02.00: Guarda nocturno. Noticiá-
rios de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música;
16.00: O som da frente; 17.00:
Rock em stock; 18.00: Círculo em
FM; 19.00: Em órbita; 20.00:
Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00:
As mil e uma noites; 00.00: Mor-
rison Hotel; 02.00: Guarda noc-
turno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 16.30:
Transmissão do Terço; 19.00:
Quisque; 19.30: Quando o tele-
fone toca; 20.00: Conversa de
amigos; 21.00: Encontro; 22.00:
Diário do desporto; 22.30: Club
dos colecionadores; 23.30: A vez
e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional — Voz
do Minho, Voz do Porto, Voz do
Alentejo.

15.00: As boas tardes da Re-
nascença; 18.00: Noticiário Re-
gional; 18.30: (Ligação à Rede
Nacional).
Voz de Lisboa

15.00: A rádio da cidade;
18.30: Sete colinas; 20.00: Diá-
logo; 20.30: Transmissão do
Terço; 21.00: Música no Espaço;
23.30: Diário do desporto; 23.57:
Meditando; 24.00: Encerramento
e ligação à rede Nacional de OM.

FM Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30:
Transmissão do terço; 20.00:
Serra de estrelas; 22.00: Oceano
Pacífico; 23.55: Boa Noite. Noti-
ciários a todas as horas.

RTP/1

18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.05 — Futebol — Final da Taça
dos Clubes Campeões Europeus

Transmissão directa, via Eurovisão. A disputar
entre as equipas do FC Barcelona e o Steua de
Bucarest, e que se realiza no Estádio Sanchez
Pizjuan, em Sevilha.

21.05 — O Livro Grande de Petete
«Os Castelos»

21.15 — Telejornal

21.45 — Boletim Meteorológico

21.55 — Corpo a Corpo

(42.º episódio): Rafael diz a Ângela que não tem
a certeza de que a ama, por isso acha que não é
ainda ocasião para falar em casamento. Ângela diz
que vai conquistá-lo. Osmar, magoado porque
soube que arranhou emprego através de Eloá, dis-
cute com ela. Rafael discute com Guiomar quando
vai avisá-la que pediu a demissão do hotel e não vai
casar com Ângela tão cedo. Zeca pede a mão de
Bia a Alfredo. Teresa percebe que Bia não está
eufórica com o casamento, mas Bia não se abre
com ela. Osmar vai-se embora.

22.50 — Telefilme

«Bogart»: Lenda que se mantém, bem forte,
quase trinta anos após a sua morte (em 14 de
Janeiro de 1957, aos 58 anos), Bogart criou um
estilo e personalizou um género, o «thriller»,
como ninguém. Produzido em 1967 e tendo vol-
tado agora à distribuição internacional para a tele-
visão, este documentário, apresentado e narrado
por Joseph Campanella, inclui diversos depoimen-
tos de amigos e colegas de Humphrey Bogart,
como Ingrid Bergman, Joan Blondel, Stanley
Kramer, Ida Lupino, Joseph L. Mankiewicz, Pa-

trick O'Moore, George Raft, Michael Romanof,
entre outros.

23.55 — 24 Horas

00.20 — Remate



Um documentário sobre Humphrey Bogart
é transmitido esta noite na RTP-1

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.31 — Meteorologia

16.35 — Tempo dos Mais Pequeni-
nos

17.00 — Count Down — Contagem
Rock

17.40 — Meteorologia

17.45 — Spectrum: As notícias em
revista



A telenovela «Corpo a Corpo» continua na RTP-1

18.20 — Telediário

18.30 — Série Juvenil

«A Teia do Poder»

19.25 — Documentário

«Quem Treina — Quem?»

20.05 — Pare, Escute e Olhe

(7.º programa): (No Bairro de Santo Amaro):
Viagem pelo Alto de St.º Amaro. O prof. Lagoa
Henriques mostra-nos mais este espaço lisboeta,
dos palácios, às ruas, um passeio cheio de inte-
resse e de surpresas. A pintura de José Escada, que
passou para a tela o bairro em que sempre viveu.
No parque do Alto de St.º Amaro, uma homena-
gem ao pintor José Escada.

20.40 — O Mundo Barroco

(5.º episódio): «A Idade do Barroco»: o barroco
da França, da Holanda, da Bélgica, da Grã-
Bretanha e da Escandinávia onde o racional e o
irracional convergem.

21.45 — Notícias

21.50 — Foi Êxito na TV

«That's Soul»: transmitido no Coliseu dos Re-
creios, com Eddy Floyd e Sam More.

22.50 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Artistas Portugueses

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

(22.º episódio): Catarina insiste com Vilela para que
ele desvie alguns fundos da fábrica para que ela possa
desenvolver o seu projecto. Oliva surpreende-os. Sil-
vana tenta impedir Luca de tomar parte do jogo dizendo-
-lhe que ele não é pai de Zeca, mas o garoto contradi-
-la ferozmente. Jamil impressionado com a mudança de
Theda, telefona ao dr. Capristano perguntando se ele está
doente. Bepe recomenda a Rodrigues que não dispense
Luca de jogar, pois pensa que ele está a fingir ter uma
lesão. Alfredo vai procurar Catarina ao escritório mas
encontra Gabi. Oliva fica muito contente com a presença
de Bárbara em sua casa e convida-a para jantar. Luca
pede Silvana em casamento.

13.15 — Jornal da Tarde

13.35 — Ciclo Preparatório TV

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Desporto/Debate

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Vamos Jogar no Totobola

20.50 — Corpo a Corpo

21.45 — Europa

22.10 — México/86

22.40 — As Aventuras de Sherlock Holmes

23.45 — 24 Horas

00.05 — Remate

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

17.00 — Count Down — Contagem Rock

17.40 — Meteorologia

17.45 — Legados da Natureza

18.20 — Telediário

18.30 — A Europa em Foco

19.00 — Musical

20.00 — Notícias

20.05 — Conheça Melhor

20.40 — A Família Vialhe

21.35 — Notícias

21.45 — Encontros Com...

22.25 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
INSTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B - R. de Macau 8 - LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
AMSTRAD — ATARI
TIMEX — SINCLAIR —
O.I.
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/86)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 54 00 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

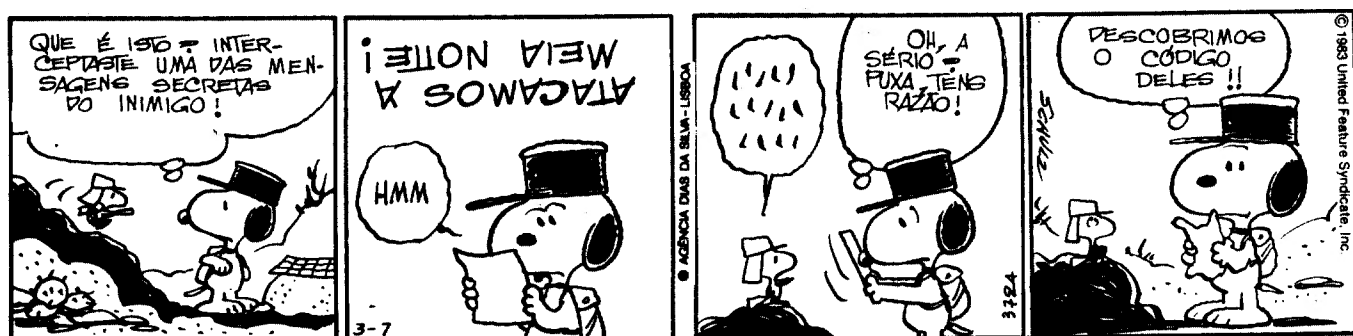
19.15 — Futebol

RTP 2

21.30 — Foi Êxito na TV

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Carapa, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Corpo a Corpo»



MARÉS DE HOJE		O TEMPO	
PREIA-MAR BAIXA-MAR		BRAGANÇA	5°
02.05 3,90 m	07.48 1,10 m	VIANA DO CASTELO	11°
14.24 3,80 m	20.03 1,10 m	VILA REAL	7°
Dia 8		PORTO	11°
02.41 3,90 m	08.16 1,10 m	COIMBRA	10°
14.58 3,90 m	20.34 1,00 m	CABO CARVOEIRO	13°
		CASTELO BRANCO	9°
		PORTALEGRE	7°
		LISBOA	12°
		ÉVORA	9°
		BEJA	7°
		FARO	10°
		SAGRES	10°
		PONTA DELGADA	16°
		FUNCHAL	15°

Macau Eduardo Pereira nega convite para acompanhar Pinto Machado

O novo governador de Macau, prof. Pinto Machado, cuja posse está marcada para o próximo dia 15, no Palácio de Belém, poderá ser acompanhado nas suas funções por destacados nomes da vida política e sindical, próximos do PS.

Fontes de Macau, contactadas pelo «DL» referiram, entre outros, os nomes de Eduardo Pereira, membro da actual Comissão Permanente, Rui Oliveira e Costa, do Secretariado da UGT, Neto Valente (Centro Democrático de Macau, organização próxima dos socialistas), Amaral Lopes, antigo secretário adjunto da Administração Interna daquele território, regressado em 1983 a Lisboa e que ontem partiu de novo para Macau, Diamantino Marques, gestor da Mundial/Confiança e, ainda, o actual adido militar da Embaixada portuguesa em Roma.

Outras fontes indicaram-nos como nomes também prováveis da nova administração macaense, o funcionário superior do Banco de Portugal, Costa Pinto, antigo secretário da Economia, em Macau e Manuel Monjardim.

O «DL» tentou contactar esta manhã alguns dos nomes indicados, incluindo o próprio prof. Pinto Machado. Todavia, apenas logramos falar com Eduardo Pereira que nos disse não saber de nada.

A indicação de Pinto Machado para o lugar de Almeida e Costa parece estar, entretanto, a suscitar reacções negativas na comunidade chinesa de Macau. Para tanto alega-se a circunstância de o novo governador ter como missão principal preparar a entrega do território à administração de Pequim e ser, contudo, uma pessoa «completamente inexperiente» relativamente aos assuntos macaenses.

Dívidas à EDP ultrapassaram os 100 milhões de contos

A dívida das empresas privadas à Electricidade de Portugal (EDP) ascende actualmente a 29 milhões de contos, disse uma fonte da empresa.

A mesma fonte acrescentou que o total das dívidas das empresas do sector público e nacionalizado ascendem a cerca de cinco milhões de contos, enquanto a dívida das autarquias totaliza cerca de 70 milhões. No conjunto, são dívidas de mais de uma centena de milhões.

No que respeita às dívidas das autarquias, a EDP considera estar a registar-se «um abrandamento relativo no seu crescimento» sobretudo à medida em que a empresa foi tomando a seu cargo os serviços municipalizados de abastecimento de energia que ainda estavam sob controlo das câmaras municipais.

Mesmo assim, «mais de uma dúzia de câmaras» — entre as quais algumas das maiores, como Porto e Faro, continuam a gerir o abastecimento de electricidade aos concelhos e são as principais responsáveis por dívidas à EDP.

No início de 1985, só a câmara do Porto devia cerca de 15 milhões de contos.

Na origem destas dívidas está o facto de as câmaras municipais, nuns casos praticarem tarifas inferiores às cobradas pela EDP e noutros desviarem os fundos que deviam entregar à empresa para investimentos municipais.

Pastor incendiário por dormir de mais

As ovelhas aproveitaram o sono profundo do jovem pastor para devastarem um campo de trigo. Ao aperceber-se dos estragos o jovem zagal resolveu encobrir o facto ateando fogo à seara. Arderam assim dois hectares daquele cereal, mais 20 de pastagens, oliveiras e sobreiros pertencentes a três herdades causando danos orçados em várias centenas de contos.

/D/E/C/A/R/A/S/



SARMENTO RODRIGUES: no decorrer de uma cerimónia realizada na Escola Naval, a família do falecido almirante formalizou a oferta de um relógio de sol, pertença deste oficial superior da Armada. Presentes, para além do comandante, oficiais e cadetes da Escola Naval, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, o almirante Ferreira de Almeida e o dr. Raul Rego.

VÍTOR RAMALHO, antigo secretário de Estado do Trabalho, vai ser o conselheiro especial do Presidente da República para assuntos de sindicalismo e trabalho. O actual vereador da Câmara Municipal de Loures foi secretário de Estado, designado pelo PS no Governo de coligação PS/PSD liderado por Mário Soares.

ELIZABETH TAYLOR recebeu, em Nova Iorque, um prémio especial pelo seu trabalho em dezenas de filmes, numa carreira que abarca quatro décadas. Perante uma

assistência que enchia por completo o Avery Fisher Hall de Nova Iorque, foram passados excertos de 50 dos filmes que interpretou entre os quais alguns do início da sua carreira, como «There's Ona Born Every Minute» e «Lassie Come Home», do princípio dos anos 40.

DIANA, mulher do príncipe Carlos, desmaiou ontem em Vancouvor, quando visitava o pavilhão da Califórnia da Feira Mundial «Expo-86» naquela cidade canadiana. O desmaio, segundo um informador da princesa de Gales, foi provocado pelo calor e pelo cansaço, tendo Diana recuperado após um curto período de descanso. A princesa seguia atrás do marido quando desmaiou, tendo uma pessoa não identificada sustido Diana antes dela cair no chão.

JOÃO BERNARDO VIEIRA, presidente da República da Guiné-Bissau, reuniu-se em Argel com o seu homólogo argelino, Chadli Benjedid, para discussão das

relações económicas bilaterais e internacionais. O presidente guineense, que visita a Argélia desde segunda-feira, debateu no primeiro encontro com o colega argelino a reunião extraordinária da ONU sobre a crise económica em África, que se efectua no fim do mês em Nova Iorque.

JOSÉ LOBO DE CARVALHO militante do PS desde 74, e um dos fundadores da Associação Serviço de Apoio Social falou ontem em Lisboa. Lobo de Carvalho, 49 anos, tinha sido administrador da Brisa de 77 a 81 e membro do Conselho de Gestão do Metropolitano de 76 a 77, tendo-se distinguido como militante de base do PS desde 74. A Associação Serviço de Apoio Social (ASAS) de que foi um dos fundadores, foi criada em 77 e tem a funcionar desde 82, em Lisboa, um sofisticado lar para a terceira idade, dotado de cabeleireiro, lavanderia e posto médico próprio, que tem 60 residentes, e um centro de convívio anexo com outras tantas pessoas.

Belas-Artes transferidas para antiga Embaixada dos EUA

O Conselho Directivo da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa não está ao corrente da possível transferência de instalações da ESBAL para o edifício da antiga embaixada dos Estados Unidos da América, à Avenida Duque de Loulé, apurou o «DL» em contacto com o Presidente daquela estrutura, pintor Conceição Ferreira.

De acordo com um despacho da agência «NP», o edifício onde até há dois anos funcionava a representação diplomática dos EUA na capital portuguesa, teria sido adquirido por uma empresa de construção civil que, posteriormente, o vendeu ao Estado. A Notícias de Portugal, que não avança o montante da compra, refere, no entanto, que o prédio da Duque de Loulé era também, pretendido por uma empresa do sector turístico que ali queria instalar um hotel.

«Havia um despacho conjunto dos ministérios da Educação, Finanças e Administração Interna, envolvendo a Escola Superior de Belas Artes, a Faculdade de Arquitectura, o Museu Nacional de Arte Contemporânea e a Academia Nacional de Belas Artes, que previa a nossa colocação em antigas instalações da embaixada norte-americana, à Lapas», referiu Conceição Ferreira. O Presidente do Conselho Directivo da ESBAL manifestou ainda a sua estranheza por, em caso de confirmação da notícia, não ter sido já comunicada à escola a opção tomada. «Temos um parque de máquinas pesadíssimo, que implica condições especiais, e precisamos de espaços para salas de aulas teóricas e ateliers», sublinhou.

Em contacto com o ministério da Educação não foi possível, até ao fecho desta edição do «DL» obter qualquer confirmação.

Recorda-se que as actuais instalações da ESBAL, num antigo Convento na zona do Chiado, paredes meias com o Governo Civil de Lisboa, são pretendidas para a expansão das instalações policiais, e que, numa posição recente, a Câmara Municipal de Lisboa se manifestou a favor da ocupação digna daquele espaço.